

Diário de Lisboa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEF.: 320271 a 320273, 321154 e 321155
END. TEL.: D I B O A — TELEX.: 363

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º
PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA

NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO
EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SA

Nota do dia

RECEITAS REGIONAIS

Não se sabe, porque a Bíblia é omissa a tal respeito, qual foi o segredo da longevidade de Matusalém. Cada geronte tem, no entanto, uma receita para uso próprio, quando se trata de conhecer as causas que podem explicar, de certo modo, a sua idade avançada. Uns atribuem a sua duração a tal regime alimentar, a tal exercício higiénico, a tal hábito que outros reputam pernicioso. Não falta quem esteja convencido, por exemplo, de que certos excitantes, como o álcool, tomados com moderação, ajudam a prolongar a vida. E' o caso destas duas velhinhas, uma de Runa e outra de Alicante, que passaram já há muito tempo a casa dos cem e que gozam de esplêndida saúde, fazendo, tão regularmente quanto a idade lhes permite, a sua vida normal. A portuguesa é vegetariana, mas não dispensa o seu copito de água-pé. A espanhola não tem regime especial, mas não pode passar sem a sua «copa» de moscatel. Compreende-se. Uma é da região de Torres, outra de Alicante. Têm, portanto, a farmácia em casa. Não fazem mais do que utilizar receitas regionais. Nesta ordem de ideias, não faltará quem atribua ao presunto de Chaves ou às alheiras de Bragança virtudes que não se

encontram em remédios de farmácia, e que explicam, até certo ponto, a longevidade de muitos trasmontanos. E ao queijo da serra da Estrela, curado pelos bons ares de Lisboa, a saúde invejável de que gozam certos beirões. Diz-me o que comes, dir-te-ei o tempo que viverás.

Na sua nova encíclica

Paulo VI pede a criação de um Fundo Mundial para o desenvolvimento

CIDADE DO VATICANO, 28 — (F. P. e R.). — Na sua nova encíclica «Populorum Progressio» («Desenvolvimento dos Povos»), hoje publicada, o Papa Paulo VI pede a

instiuição de um Fundo Mundial destinado aos países subdesenvolvidos, subsidiado por verbas consagradas pelas potências industrializadas às despesas com o armamento. O Sumo Pontífice afirma que as despesas com a ostentação e a corrida aos armamentos constituem um «escandalo intolerável».

O Sumo Pontífice pede auxílio para os fracos e para os famintos, igualdade na caridade universal e justiça nas relações comerciais: «Combater a miséria e lutar contra a injustiça é caminhar para a melhoria do progresso espiritual e material de todos os homens e, conseqüentemente, para o bem comum da Humanidade».

O Papa diz que para se conseguir

(Continua na 13.ª página)

A PRINCESA BEATRIZ SOFRE DE AMNÉSIA?

MADRID, 28. — (A. N. I.). — A princesa Maria Beatriz de Saboia, que foi vítima de um acidente quando limpava um revólver na noite do dia 18, encontra-se num convento de Madrid, na Rua Martínez Campos, onde ficava muitas vezes quando das suas visitas à capital espanhola — revelaram hoje círculos geralmente bem informados.

Os mesmos círculos acrescentam que a princesa já está curada mas que não se consegue lembrar ainda do que aconteceu naquela noite.



Faltam braços masculinos... Para manter Lisboa limpa, a Câmara optou pelas varredoras — algumas das quais já apareceram nas ruas da capital. (Ver notícia na página central)

Há em todo o Continente um veículo para cada 25 habitantes

Segundo os dados estatísticos apurados pelo Grémio dos Importadores de Automóveis do Sul, calcula-se que a densidade automóvel, em Portugal continental, se situe à volta de 25 habitantes por veículo e de 33,1 por automóvel de passageiros. Os distritos de Lisboa e do Porto dispõem de 164 660 automóveis do total de 280 000 e de 37 500 veículos co-

merciais num total de 90 000, correspondendo, respectivamente, a 59 e 42 por cento dos parques nacionais. Seguem-se os distritos

de Aveiro (13 590 e 5890) e Setúbal (11 960 e 4500). Os distritos de menor densidade automóvel são Bragança (2450 e 870), Vila Real (3800 e 1470) e Viana do Castelo (3800 e 1130). Verifica-se, ainda, que os automóveis com maior venda em 1966 foram os de cilindrada média e de custo entre 55 e 70 contos.

(Ler na página central)

JULGAMENTO DE IMIGRANTES ILEGAIS

PORTUGUESES

NA ÁFRICA DO SUL

BENONI (Transvaal), 28 — (R.). — Dezasseis portugueses naturais da Madeira, acusados de imigração ilegal, compareceram hoje perante um tribunal desta cidade.

Os 16 homens foram presos, no passado dia 10, a 30 quilómetros de Johannesburg, a pedido dos serviços de imigração.

O grupo ficou sob custódia até

(Continua na última página)

Os goeses vão hoje às urnas

BOMBAIM, 28 — (A. N. I.). — Cerca de 414 mil eleitores dos distritos de Goa, Damão e Diu vão hoje às urnas para a eleição da nova Assembleia Legislativa.

E' a segunda vez que se realizam eleições gerais naqueles três distritos, desde a sua invasão e ocupação pela União Indiana, em Dezembro de 1961.

Na eleição de hoje há 226 candidatos para os 32 lugares da Assembleia Legislativa.

Os candidatos com maiores probabilidades são os do Partido dos Goses Unidos, dirigido pelo dr. Jack Sequeira, e formado na sua maioria por católicos.

O referido partido, que tem por lema «Goa para os goeses», luta por uma completa autonomia no território e viu a sua posição muito reforçada pelos resultados do plebiscito realizado em Janeiro, acerca da integração de Goa no Estado indiano de Maharashtra e de Damão e Diu no Estado de Guzerate. Nesse plebiscito, as populações dos três distritos manifesta-

(Continua na 13.ª página)

A FRANÇA VOTOU

por VASCO DA GAMA FERNANDES

1 — Chegamos a Paris no fim da tarde do domingo 5. Por mais que se queira esquecer, a maçadoria do Sud-Express já começa a contar. Mas a chegada a Hendaia, a leitura dos jornais, sem discriminação, compensa, desde logo, os solavancos da travessia.

No comboio admirável que nos

vai depositar na gare de Austerlitz, numa média de 120 km á hora, e com uma trepidação tão suave que mais parece um balnear amável, conversa-se, animadamente, sobre o primeiro escrutínio e vaticinam-se «ballotages» para o domingo 12.

(Continua na página seguinte)

COMENTÁRIO INTERNACIONAL de CARLOS FERRAO

Negociações em curso

O futuro da paz depende das negociações, em curso, entre os governos de Washington e Moscovo sobre armamentos nucleares. A sua volta vão evoluir as relações russo-americanas e a vida internacional. Esse processo será delicado e moroso. Antes do seu desfecho registar-se-ão alternativas de confiança e decepção. As suas flutuações induzirão, frequentemente, em erro pela dificuldade de pressentir aquilo que, dada a sua natureza, ocultam ou dissimulam. Tudo começou quando, em 7 de Outubro do ano findo, o presidente Johnson proferiu o discurso histórico no qual anunciou que a política externa do seu país se orientaria no sentido de uma aproximação com a União Soviética, a ela devendo sacrificar-se quaisquer outras preocupações e objectivos. Depois desse discurso deram-se acontecimentos do maior alcance que nela tiveram a sua origem. No Ocidente, a Alemanha Ocidental, com um governo de coligação, iniciou a política de abertura a Leste; no Oriente a revolução cultural chinesa acentuou o isolamento do regime de Pequim.

No meio da confusão e do ruído provocados pela guerra do Vietnam, americanos e russos, por iniciativa dos primeiros, reconheceram que chegara o momento de falar seriamente de coisas sérias. A crise cubana de 1963 fora ponto de partida para se negociar o tratado nuclear de Moscovo. Três anos depois, a crise do Vietnam tornou inevitável uma operação idêntica. O tratado de Moscovo exige um complemento para evitar que outros países possuam armas atómicas. Mas já no horizonte apontam sinais de nova competição entre russos e americanos para a construção de sistemas de defesa antimissil cujo elevado preço tornaria inevitável o abandono dos planos para melhorar as condições de vida dos dois povos. A hora da negociação soou antes de terem resolvido o problema do Vietnam, mas deixá-la perder equivaleria a ressuscitar a guerra fria.

VISADO PELA CENSURA

32 PÁGINAS

JUVENIL
QUATRO PÁGINAS INDEPENDENTES PARA DESTACAR DESTA EDIÇÃO
GUIA TURÍSTICO
VIDA CIENTÍFICA

Homenagem à memória
de um médico

Na homenagem à memória do prof. dr. Costa Sacadura, no Centro de Profilaxia da Praça do Príncipe Real, a sr.^a dr.^a D. Ana Maria Pereira da Gama, que acentuou facetas íntimas do homenageado, num trabalho valioso, sob os aspectos informativo, biográfico, pelo estilo literário. O professor da Universidade de Lisboa, sr. dr. Raul de Carvalho, que, falando da personalidade relevante de Costa Sacadura, disse ter sido o médico português mais medalhado e condecorado do nosso século, e que o seu peito seria pequeno para comportar todas as condecorações. Acrescentou que dificilmente se encontrava na biografia de um médico português um somatório de actividades e de galardões como na do prof. Costa Sacadura, talvez — assinalou — a última figura que nos restava de uma pleiade de varões ilustres e mestres valorosos, criados na época vizinha do final do século XIX. Referiu-se ainda o orador à passagem do prof. Costa Sacadura pelo Centro de Profilaxia, do qual era amigo devotado e onde a sua presença foi sempre acolhida com grande interesse e satisfação.

COMUNICADO DAS FORÇAS ARMADAS

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreram: em combate, na província da Guiné, o primeiro-cabo

59401/65. Manuel Maria da Silva Briosa; e também devido a ferimentos recebidos em combate, na província de Angola, o solda-

do 2091/65. José dos Santos Cardoso. — Faleceu, por doença, em Angola, o soldado 593/66, José Serafim, pertencente à incorporação da província.

CUIDADO
NAS CURVAS!

Curva feita sem precauções acarreta, em regra, graves riscos; e, se for dobrada fora de mão, é, muitas vezes, fatal. Ao descrever assim uma perigosa curva em São Martinho da Cortiça (Arganil), a bicicleta motorizada embateu num automóvel guiado pelo sr. António Gonçalves Dias, de Folgosa (Seia), que ia em sentido contrário. O ciclomotorista, sr. Manuel Martins Pinto, morador em Paradelas de Cortiça e natural de Penamacor, teve morte imediata; e o automobilista e outro ocupante do carro, que ficaram feridos, seguiram para os Hospitais da Universidade de Coimbra.

(Continuação da página anterior)

Logo, á noite, começará a ser satisfeita a ansiedade deste impenitente enamorado de Paris — com ou sem eleições!

2 — As agulhas de Notre Dame e o fervilhar da Place de Saint Michel — tantas e tantas vezes vistas e revistas! — pegam em nós e fazem desta adolescência de curiosidades, que se não cansam, mais um motivo renovado de enternecimento e perplexidade. Já o escrevemos algures: Paris é uma crença. E as crenças não envelhecem.

Assim, atravessemos o Trocadero e em plena Avenida da Ópera despaçemo-nos porque a rua nos lança o costumado apelo. E, agora, com ela, a votação em curso nas dezenas e dezenas de assembleias eleitorais que polvilham a grande metrópole neste domingo, com uma restia de sol a animar a conjuntura. Entremos nesta ao pé da porta: 1.º «arrondissement» num «quartier» de gente bem e endinheirada, aqui e ali com a sua média burguesia de opiniões flutuantes e versáteis. Aqui e como em toda a França, a higiene política a presidir á mais válida das decisões. Um compartimento modesto; á esquerda a mesa com as listas entregues por uma senhora de irradiante simpatia, sempre com uma palavra para quem chega, conhecido ou desconhecido; á direita os «reservoirs» para os que precisam de escolher, em segredo, a lista preferida; em frente a urna e junto dela, de pé, uma das muitas «demoiselles» que fazem a glória de Paris — bonita, insinuante, cuja «à voté» mais parece o princípio de uma canção do que uma confirmação; a seu lado direito outra rapariga da mesma idade e, á esquerda, um rapaz de menos de trinta anos. As raparigas são funcionárias do «mail» que podiam deixar de o ser, o rapaz um

qualquer — que poderia ser aquele ou outro parecido. Discretamente um agente passeia no pátio e, também discretamente, delegados dos partidos deambulam e aguardam o escrutínio das 20 horas. Conversa-se, contam-se «boutades», lêem-se jornais e revistas, fazem-se previsões contraditórias — e os eleitores vão entrando, a senhora velha e a «jeune maman», com o carrinho e seu bebé, o comerciante e o estudante, o senhor de bons cabedais que não está para aventuras, as mini-saias e os cabeludos... É todo um corpo eleitoral; que vai somando votos e faz subir o termómetro intervencionista, porque desta vez, e segundo parece, serão pequenas as abstenções.

Tudo se passa com a maior naturalidade deste mundo. Não há uma voz que se eleve ou uma simples alteração que perturbe a paz cívica da eleição.

Quem poderá ficar indiferente perante a grandeza deste clima de seriedade, só possível numa nação adulta.

Como vão? Talvez! Seja como for o espectáculo das eleições constitui, em França, um alto motivo para qualquer homem livre!

3 — Á tarde começa a descer sobre a eurtímia desta cidade de maravilhas sem conto. Não vale a pena percorrer outras assembleias: iguais umas ás outras na justeza, na tal higiene que se define assim: o escrutínio expressará, sem dúvida, aquilo que entrou na urna.

Da província, onde as urnas se encerram mais cedo, anunciam-se, desde já, «ballotages» inesperadas e com elas o reforço da coligação, em comparação com as últimas eleições. Mas reforço que parece não ultrapassar as previsões optimistas, porque de Gaulle é de Gaulle, e os homens de sessenta anos, as mulheres do pé-de-meia, os perplexos e pouco animosos formam uma barreira de respeito.

Olgamos duas vozes: a do rapaz de vinte e cinco anos, prestes a terminar o seu curso universitário na Faculdade de Letras; «A esquerda coligada pecou por falta de programa: De Gaulle vale porque existe — o homem da Resistência».

A outra voz: «monsieur» de sessenta e cinco anos, industrial de tácidos, bom conversador, como são estes franceses de todas as idades: «O que está á de conservar: de Gaulle não deixará de abrir o diálogo: a questão social resolve-se lá-lo-á ao Panteon; deixem-no continuar: o que está á de conservar».

Na primeira voz a ansiedade e a inconformidade; na segunda a «stabilité» — antes um pássaro na mão que dois a voar.

4 — Encerremos esta curta narrativa e aguardemos o domingo 12, para extrair conclusões definitivas, se for possível extraí-las. Até lá, percorramos as salas do «Petit Palais», saudando em Tutankamon uma civilização que se renova: tantas décadas antes de Cristo e parece que tudo aquilo foi agora criado ou recriado pelos artistas de qualquer tempo. Até lá, procuremos em Pierre Bonard, em Claude Monet, nos «surindépendants», a mensagem que se recapitula e nos faz esquecer a luta ardente dos comícios ou a viril defrontação dos candidatos: Mendés France contra pompidou, Mitterrand contra Sanguinetti... Até lá, olgamos, comovidos, a Orquestra Lamoureux ou assistamos a essa outra entrega de validade extrema que é o «film» «Fahrenheit». E também pensemos em Jean Cocteau com a sua «Antigona» e procuremos, se for possível, uma explicação para a harmonia do «Sacré du Printemps», «ballet» que completa o espectáculo excepcional da Ópera. E mais: este Paris que é a tal crença: não as crenças que se diluem com o tempo ou no espaço, porque é eterna a sedução da sua Arte, do seu Espírito, destas ruas intermináveis e voluptuosas — outra circunstância que faz desta metrópole o caso único. Paris, capital do Universo porque é a capital da França!

5 — Mas é de eleições a hora de Paris e do resto da França...

Pela noite adiante os resultados confirmam que, naquelas eleições, onde os escrutínios são feitos por quaisquer cidadãos presentes e a isso dispostos, o general de Gaulle conseguirá na verdade, uma maioria. Mas será essa maioria suficiente para o tranquilizar e, sobretudo, para tranquilizar o «degaullismo» e o seu futuro, que são coisas bem diferentes?

Parece-nos, sinceramente, que não e, ainda estamos a sete dias da «ballotage». Uma verdade se acentua: a França é a mais conservadora e mais progressiva das nações

do Mundo agarrada á «stabilité», vive dentro dela um impulso que modificará, certamente, o «facile» político no futuro — democrático, o «repenser» da consciência que faz o milagre das frutuosa recuperações. E outra verdade emerge tranquila e dominadora: votar em França é a mais consoladora das verdades: triunfante e ganha, com o sangue, suor e lágrimas, pelas gerações que souberam sofrer e morrer pela sua Pátria livre.

A televisão traz-nos as vozes e as pessoas Mitterrand, Mendés France, Lecanuet, Murville, Rochet, Pompidou... Qualquer deles, sejam quais forem as nossas preferências (e as nossas situam-se em Mitterrand e em Mendés), expressaram, com elevação e «justesse» os seus pontos de vista.

Conclusões que não supomos prematuras, na véspera da «ballotage», tendo em conta os resultados do primeiro escrutínio e aquilo que temos, conversámos ou simplesmente, ouvimos:

a) Continua a haver uma massa — agora á volta dos 20% — que se desinteressou da coisa política, e não é de presumir que acorra amanhã ás urnas;

b) Tal não significa, no entanto, que se verifique uma «dépolitisation», tão apregoada aqui em sectores interessados, com os seus reflexos em sectores da mesma índole no estrangeiro — os 80%, pelo menos, até agora, inculcam que o povo francês não quer deixar em mãos estranhas a modelação do seu destino;

c) A França, repudiando Soustelle e Vignancourt, e não acreditando no verbalismo furta-cores de Lecanuet, demonstra a decisão de relegar a aventura ou mesmo o híbrido oportunista.

...E aguardemos as 20 horas de amanhã.

6 — 20 horas do dia 12: Começam ininterruptamente as surpresas. O meu esquema anterior está sujeito a rectificações...

Derrotados ministros de de Gaulle: Murville, Messner. Agora mais dois (Sanguinetti vencido por Astier.)

Lecanuet arvora-se em árbitro. D'Estaing começa a tomar posição. Qual? É difícil prever («Oul, mais...»)

Madrugada alta, o Ministério do Interior, fora os resultados da Córsega, do Martinica e do Guadalupe, denuncia a mutação surpreendente.

...E o resto, sabe-o leitor! Voltaremos em outra oportunidade para afrontar os problemas ínsitos nesta conjuntura. Mas temos que esperar a evolução dos acontecimentos. Aqui ficam, pois, estas impressões rápidas, alinhavadas com o nervosismo das horas variadas, bruscas e confusas. Mas de tudo ressalta — e é isso que interessa! — mais uma vitória da Democracia francesa na escolha livre dos seus representantes. Razão para que se sintam satisfeitos, como eu, todos quantos a amam, respeitam e admiram! — V. DA G. FERNANDES

Vai ser atribuído
o prémio D. Dinis
instituído pela Sociedade
Central de Cervejas

Amanhã, dia 29, proceder-se-á á atribuição do Prémio D. Dinis, instituído pela Sociedade Central de Cervejas e que será concedido pela 3.ª vez.

O Prémio destina-se a estudantes do ensino superior, médio e secundário, e foi posto á disposição de 102 estabelecimentos de ensino, com o objectivo de estimular o gosto pelo estudo e de contribuir para que os escolares dos três ramos de ensino possam tomar gosto pelo desenvolvimento da cultura que escolheram, e ainda para que se possam afirmar os valores nacionais. O regulamento foi aprovado pelo Ministério da Educação Nacional, por portaria de 20 de Janeiro de 1963. Os alunos premiados foram designados pelos respectivos conselhos escolares, com o fundamento das classificações obtidas e outros méritos revelados, sendo o prémio atribuído aos estudantes cujo comportamento se considere exemplar.

As 10 horas de amanhã, alunos concorrentes ao Prémio D. Dinis concentram-se na sede da Sociedade Central de Cervejas, onde visitam as instalações da fábrica, e, ás 13 horas, tomam parte no almoço que se realiza no Restaurante Folclor.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL

DIRECÇÃO-GERAL DO ENSINO SUPERIOR E DAS BELAS-ARTES

TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS

TEMPORADA DE BAILADO DE 1967

(14 A 28 DE ABRIL)

BALLET NACIONAL DA HOLANDA

Directora Artística:

SONIA GASKELL

REPERTÓRIO:

«ROMEU E JULIETA» (3 actos) — «QUATRO TEMPERAMENTOS» — «O FILHO PRÓDIGO» — «SINFONIA DE BIZET» — «CONCERTO BARROCO» — «ÉTUDES» — «A ILHA NOCTURNA» — «O CORSÁRIO» (pas de deux) — «SERENIDADE» — «SHIRAH» — «JUNGLE» — «AGUAS DA PRIMAVERA» (pas de deux) — «LABIRINTO» — «GOPAK» (pas de deux) e Divertissements

ORQUESTRA SINFÓNICA DO PORTO (E. N.)

Martha Graham & Dance Company

Directora Artística:

MÁRTHA GRAHAM

REPERTÓRIO:

«CLITEMNESTRA» (3 actos) — «DIVERSION OF ANGELS» — «DANCING GROUND» — «SERAPHIC DIALOGUE» — «PHAEDRA»

ORQUESTRA DE LONDRES

CALENDÁRIO DA BILHETEIRA

DIAS 30, 31 DE MARÇO e 1 DE ABRIL	ANTIGOS ASSINANTES (Noite)
DIAS 2, 3 e 4 DE ABRIL	ANTIGOS ASSINANTES (Tarde)
DIA 5 DE ABRIL	NOVOS ASSINANTES
DIA 6 DE ABRIL	ENCERRADA A BILHETEIRA
DIAS 7 e SEGUINTEs	VENDA AVULSO

BILHETEIRA ABERTA TODOS OS DIAS DAS 13 AS 19 HORAS

TELEFONE 36 86 64

Ora, diga-nos...

— Qual a flor sua preferida?



● Estava o homem, a trabalhar (a sua profissão é a de carpinteiro), quando lhe fizemos a pergunta acima. Sorriu o sr. Manuel José Calado e disse-nos: — A violeta. — Sabe dizer porquê? — Pela sua cor. — Mais nenhuma flor...? — Mais nenhuma flor. A violeta é só a violeta.

● Disse-nos, depois, a sr.^a D. Maria Manuela, com um casaco de homem na mão (é costureira...): — Gosto é de cravos. — De cravos porquê? — O perfume, a elegancia da haste... — Tem-nos em casa? — São caros. Não os tenho. Mas sempre me ficam os olhos neles...



● Por ultimo, disse nos a menina Maria Natividade (ela mesmo uma flor...): — Gosto muito de rosas. Se pudesse, enfeitava a casa com rosas. Enfeitava-me também com rosas. Porque gosto de rosas...? Não sei, quando se gosta, gosta-se.

CURSO DE CARDIOLOGIA PARA PÓS-GRADUADOS

Na Faculdade de Medicina de Lisboa prosseguiu o Curso de Cardiologia para pós-graduados, ontem inaugurado, e no qual participam numerosos médicos da capital e de outros pontos do País.

Esta manhã o prof. dr. Ayres de Sousa deu uma lição sobre «Aspectos radiológicos da embolia pulmonar» tendo-se efectuado depois uma sessão clínica. As 12 horas foi o prof. dr. Arsenio Cordeiro, director do Curso, que deu nova lição, esta subordinada ao tema «clínica de endocardite subaguda», e á tarde o sr. dr. Soares da Costa falou da «Introdução geral aos métodos gráficos». A noite realiza-se uma mesa redonda sobre «Terapêutica das Arritmias».

MORTE SÚBITA

ÉVORA, 28 — Na estrada da circunvalação, ás portas de Avis, foi encontrado caído e inanimado um indivíduo de avançada idade, que, conduzido ao hospital da Misericórdia de Évora, faleceu pouco depois. Parece tratar-se de António Marcelino Purificação, de 67 anos, solteiro, natural de Évora e que residia no Monte do Azinhal. O pobre homem fora acometido de doença súbita.

IMPÕE-SE A DEFESA DA PRAIA DO FURADOURO

OVAR, 28 — Os temporais do Inverno que agora terminou causaram grandes prejuizos na praia do Furadouro.

Um jornal local — o «Notícias de Ovar» — solicitou pedra em quantidade suficiente para a provável construção de um molhe de protecção. O apelo encontrou eco em muitas pessoas — e, assim, grande quantidade de pedra tem sido descarregada naquela praia.

Será que, quando devidamente ordenada, a pedra obste á destruição do areal pelo mar?

Lembre-se, a propósito, a oportuna e brilhante intervenção, na Assembleia Nacional, do deputado dr. Artur Alves Moreira, sobre a necessidade de se iniciarem as obras de defesa da praia da Costa Nova e das regiões adjacentes, intervenção que causou excelente impressão em toda a região ribeirinha. Sabemos que está pronto o projecto das obras a efectuar, que importam em milhares de contos. É uma obra vultosa, mas, com esse dispêndio, defende-se um centro de turismo de grande importância e, ainda, a riquíssima região das Gafanhas, no sul, cuja actividade agrícola influi, extraordinariamente, na economia nacional.

Não há apenas razões de ordem sentimental pelo facto de se saber que está em risco de desaparecer a casa dos herdeiros de José Estêvão, o grande tribuno aveirense, casa que foi frequentada

PORTUGAL na Comissão Internacional de Irrigação

Publicou-se hoje a composição da representação permanente de Portugal (que será presidida pelo eng.^o Armando da Palma Carlos), na Comissão Internacional de Irrigação e Drenagem.

Descoberta uma nascente de água medicinal em Olheiros (Fuseta)

OLHAO 27 — Foi registada, na Camara Municipal de Olhão, uma nascente de água medicinal, descoberta na freguesia da Fuseta, no sítio denominado Olheiros. Do registo consta que se trata de água térmica sulfurosa e sódica, que se presume ser benéfica para doenças de pele e do aparelho respiratório. A referida nascente foi registada em nome do sr. Matias Celorico Palma.

ESPETOU-SE NUMA AGULHA quando se sentava

ÉVORA, 28 — Ao sentar-se numa agulha numa das coxas a sr.^a uma agulha numa das coxas, a sr.^a D. Brites Fernandes Nunes Cândido, de 47 anos, casada, natural do Granjo, e residente na Rua do Calvário, 23, em Évora. Conduzida ao Hospital de Évora, ficou ali internada.



ODILO COSTA, FILHO na Academia Internacional da Cultura Portuguesa

Na sessão da próxima quinta-feira, ás 18 e 30, na Academia Internacional da Cultura Portuguesa, com sede na Sociedade de Geografia de Lisboa, será recebido como académico correspondente o sr. dr. Odilo Costa, Filho, que apresentará uma comunicação subordinada ao tema «Coordenadas portuguesas nas constantes do Brasil».

A assembleia geral do Automóvel Clube de Portugal aprovou o relatório e elegeu os novos corpos gerentes

Sob a presidência do sr. dr. Manuel Collares Pereira, efectuou-se a assembleia geral do Automóvel Clube de Portugal, que depois de aprovar o relatório e contas da gerência de 1966, elegeu os novos corpos gerentes. Na presidência da Direcção continua o sr. dr. Mário Madeira, sendo o sr. eng.^o José Frederico Ulrich o novo presidente da Assembleia Geral.

Antes da «ordem do dia» foram tratados diversos assuntos de interesse para o clube e para os automobilistas. O sr. José Emilio Pinto Pereira chamou a atenção para os acidentes causados pelo piso molhado; o sr. Costa Carvalho, para o prestígio do nosso turismo, fez um apelo para que se acabasse com a burocracia e papelada excessivas na fronteira e o sr. José Bernardino, entre outras sugestões sobre o trânsito na capital, preconizou que na Marginal, ás horas de ponta, fossem estabelecidas três filas para o sentido de maior tráfego e uma só para o inverso.

O sr. dr. Mário Madeira, ao comentar as diversas intervenções, salientou que ao A. C. P. sempre tem merecido o maior interesse a actividade desportiva, tendo sido gastos no ultimo ano mais de mil

A CIDADE

RESENHA DE FACTOS QUOTIDIANOS

● A questão pomológica da Companhia das Águas de Lisboa. Perguntamos-lhe porque razão, na Rua Ferreira Borges, de tempos a tempos, mas já pela quarta ou quinta vez em pouco tempo, a água sai de manhã, dos canos, cor de café e carregada de verdadeiros matações de terra. Vem aos soluços e, assim, não tardará que, por estas duas razões, além de impossibilitar o banho matinal, acabe por provocar avarias nos esquentadores, no do autor destas linhas e nos dos outros moradores da zona, que não deixarão de sentir os mesmos efeitos.

Perguntar por perguntar

● Depois dos arranjos de Santa Engrácia, a Feira da Ladrão ficou afinal maior, embora a maioria esmagadora das barracas venda roupas e calçado populares e as velharias sejam quase uma reminiscência, pelas quais se estão, aliás, a pedir verdadeiras exorbitâncias. Centenas de visitantes, com muitos estrangeiros à mistura, como se pode ver, procuram a feira nos dois dias da semana em que está aberta. Como o Panteão Nacional se tornou um motivo de atracção turística

ca perguntamos se não seria de valorizar a zona, tornando-a, com S. Vicente, um dos mais interessantes locais turísticos de Lisboa. Existe ali voltado ao Campo de Santa Clara, um velho e lindo palácio, de nobre fachada encimada por estatuas de mármore. No edifício funciona uma escola primária mista. Não seria preferível arranjar um prédio próprio para a escola, que custaria, em novo ou adaptação, muito menos que o valor do palácio e criar ali um museu, relacionado, por exemplo, com as figuras ilustres que vão estar em Santa Engrácia e S. Vicente?

Obras coercivas num prédio da Rua D. Estefânia

A Camara Municipal de Lisboa abriu concurso para beneficiação geral do prédio particular sito na Rua D. Estefânia, 85, tornejando para a Rua da Escola de Medicina Veterinária. Trata-se de uma obra coerciva nos termos do artigo 166.º do R.G.E.U. A base de licitação é de 146 446\$60.

QUEM PERDEU ?

Relação dos achados ontem em Lisboa e entregues na P. S. P. (Governo Civil): duas notas do Banco de Portugal; uma máquina fotográfica; um relógio de pulso para homem; uns óculos graduados; o bilhete de identidade de António da Silva Nogueira; uma aliança de ouro; um porta-moedas com dinheiro; uma carteira com documentos de Maria de Fátima Lisboa Martins; um caderno com apontamentos; um saco de lona com roupa; um casaco de criança; um guarda-chuva; pedaço de tecido; uma chapa do veículo LN 74-74; um tampão de roda de automóvel; e argola com chaves.

O XADREZISTA

Joaquim Durão

venceu o alemão

Bodo Goetze

MONTE CARLO, 28 — (A. N. I) — O xadrezista português Joaquim Durão venceu o alemão Bodo Goetze.

A partida principiou ontem, á noite, mas foi suspensa ao fim de cinco horas, tendo prosseguido esta manhã.

DESAPARECIDOS



Carlos Alberto da Silva Baptista e António Caramelo

Da casa de seu patrão, sr. Manuel Paiva, em Queluz, desapareceram Joaquim António Caramelo, de 19 anos, e Carlos Alberto da Silva Baptista, ambos vendedores de jornais e lotaria.

Como são portadores de dinheiro que lhes não pertence, o seu patrão agradece que lhe comuniquem o seu paradeiro, pessoalmente ou através do telefone 95 22 65.



Pensa-se edificar com esta pedra um paredão ou molhe que proteja a praia do Furadouro



UM NOVO EXITO!

GIANNI MORANDI
LAURA EFRIKIAN

NINO TARANTO

O PAR MAIS ROMÂNTICO DO CINEMA: CASADOS NA VIDA REAL E AGORA TAMBÉM NA TELA!

com os mesmos intérpretes de
«MULHERES E... RECRUTAS»
E «NÃO SOU DIGNO DE TI»

GRANDIOSA ESTREIA - 5.ª FEIRA

AS MAIS BELAS CANÇÕES NA VOZ
MAIS APAIXONADA DE ITALIA!

AVIS

Exclusivo DOPERFILME

MAIORES DE 12 ANOS

DIVERSÕES

TEATRO • CINEMA • CIRCO • VARIEDADES • ÓPERA • BAILADO • TV • RÁDIO

ATRÁS DO REPOSTEIRO

- O empresário Vasco Morgado convidou a jovem Celeste Calazans, filha da actriz Carlota Calazans, para fazer parte de uma das suas companhias.
- A grande actriz Amélia Rey Colaço tomará parte no desempenho da próxima peça a subir à cena no Teatro Avenida.
- Não está ainda marcada a data para a estreia no Porto da fantasia «Esta Lisboa que eu amo».
- É muito provável que a actriz brasileira Henriette Morineau

seja a encenadora de uma peça a apresentar em breve no Avenida.

- A companhia da actriz Helena Félix deve fazer em breve uma digressão pelo Norte do País.
- A peça «Ninho das Águias», de Carlos Selvagem, vai ser representada na Estufa Fria.
- O actor António Anjos também participará no desempenho da Comédia «Duas pernas... um milhão».
- Artur Ramos será o encenador da peça «Dia de Amor», de Pinter, a apresentar pelo Teatro Experimental de Cascais.

TARDE ARTÍSTICA da Tertúlia Infantil de Arte e Recreio

Com a colaboração do empresário Vasco Morgado, a Tertúlia Infantil de Arte e Recreio promove depois de amanhã, no Teatro Monumental, a 2.ª tarde recreativa, artística e cultural. O programa é unicamente interpretado por crianças para divertir crianças. O espectáculo principia às 15.30.

AVENIDA

Tel. 32 03 79

As 21.45

a alegre comédia de VALENTIN KATAIEV

O CAMARADA MIÚSSOV

pela companhia do TEATRO NACIONAL D. MARIA II (Adultos)

TEATRO VILLARET

A comédia «Assassinos Associados»

Todas as noites Raul Solnado, Madalena Sotto, Barroso, Fernanda Borsatti, Cortez, Ângela Ribeiro, Nicolau Breynier e Júlia Babo, os alegres criminosos, agora matando melhor do que nunca, apresentam «Assassinos Associados», original de Robert Thomas em três actos e vários assassinios. Esta comédia de morrer a rir decorre num espectacular cenário rolante, de Vítor André, e foi encenada por João Bethencourt, que também traduziu esta peça, com Amândio Cortês.

IMPÉRIO

«Correspondente de Guerra» é exibido amanhã em sessão clássica

Amanhã, pelas 19 horas, exhibe-se em sessão clássica do Império o filme «Correspondente de Guerra», que Hitchcock realizou, há 26 anos em Hollywood. Tra-

(Continua na 6.ª página)

TEATRO

CAPITÓLIO

A NOITE
2 Sessões
As 20.45
e 23 horas

A SUPER-REVISTA

QUEM TEM BOCA VAI A ROMA!

UM EXITO POPULAR

10.ª SEMANA

UM CARIÁZ DE ESTRELAS E AS MELHORES ATRACÇÕES ADULTOS

COLISEU

AMANHÃ, às 21 e 30

(Maiores de 12 anos)

ESTREIA

do emocionante filme

«EU VI A MORTE»

e o movimentado «western»

«OS DEMÓNIOS DO GATILHO»

Bilhetes à venda



O «Grupo dos Quatro», formado por Irene Cruz, João Lourenço, Moraes e Castro e Rui Mendes prepara para o Tivoli, como ontem dissemos, a peça «Knack», de Ann Jellicoe. Aqui os vemos num intervalo do seu trabalho

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

SÉ CATEDRAL DE LISBOA

DOMINGOS 2, 9, 16, 23 e 30 DE ABRIL
ÀS 16.30 HORAS

MÚSICA LATINA PARA ÓRGÃO

por MONTSERRAT TORRENTI • A. SIBERTIN-BLANC
GERTRUD MERSIOVSKY

Hoje e amanhã: venda de assinaturas a novos assinantes / Quinta-feira, 30: início da venda de bilhetes avulso
50% de desconto a estudantes

Programas em distribuição na bilheteira
(Para maiores de 6 anos)

AGUARDENTE VELHA

Niepoort
a prova está na prova

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

2 SESSÕES ADULTOS
21 HORAS E 23 HORAS
BILHETES DESDE 18500

AR CONDICIONADO

TEATRO VILLARET

VENHA MORRER A RIR com os

ASSASSINOS ASSOCIADOS

DIREÇÃO DE JOÃO BETHENCOURT

RAUL SOLNADO
O MAIS CRIMINOSO

MADALENA SOTTO • BARROSO • FERNANDA BORSATTI • CORTEZ • ÂNGELA RIBEIRO • NICOLAU BREYNER • JÚLIA BABO

TV

DIA A DIA

O que vimos e ouvimos

MOMENTO DESPORTIVO — O seleccionador nacional de rugby é um homem feliz. Venceu a Espanha («nada a dizer sobre a justiça da vitória...») e agora vem a uma dura campanha em que se terá de enfrentar a França e a Itália. A França venceu a Itália, recentemente, por 61-13 — o que é qualquer coisa de fazer calafrios... Simplesmente, a França enviará contra nós não a máxima potência de fogo, mas uma equipa de esperanças (Amadeu: «Mesmo assim, poucas esperanças nos restam, não acha?»).

Miramón: «Sei lá, em desporto tudo é possível...».

Depois de tanto optimismo e boa disposição (eis uma das vantagens do desporto amador...) foi a vez do futebol. Entrevistado: Justino Pinheiro Machado.

Primeiro tema: Reunião da U. E. F. A. em Viena de Austria. O pro-

blema disciplinar. Os excessos do publico. Foguetes sobre o relvado, bichas de rabião, fogo de artifício. Quem paga são os clubes. O Real de Madrid, por exemplo, foi castigado com a multa de 2000 francos suíços. Virão as suspensões de clubes, interdições de campo, eu sei lá!

Segundo tema: a final da Taça dos Campeões Europeus a realizar-

HOJE PODE VER...

● As 21 e 55: Noite de cinema
A rubrica «Noite de cinema» é hoje preenchida com o filme «O pequeno dr. Jim», interpretado por Jenkins, James Craig e Chingwart.

se em Portugal, este ano. Pinheiro Machado conta com a colaboração da Imprensa, da Rádio e da Televisão para mostrar ao publico a importância de comparecer ao desafio, de encher o Estádio, é preciso demonstrar ao mundo que somos capazes disso. Não há duvida que o problema é delicado e pessoalmente não sei se o bom-senso, temperado de diplomacia, não teria aadiado a final entre nós para momento mais oportuno. Andar na Lua não resulta nunca — a menos que o Benfca jogue lá!

E a propósito, veio o terceiro tema da entrevista: homenagem aos clubes que estão na base dos êxitos da selecção nacional, agora contra a Itália, por exemplo. Sem

(Continua na 9.ª página)

O VIII Festival de Teatro Parisiense

prossegue hoje no São Luiz com «Je veux voir Mioussov»

Estão em Lisboa desde ontem os comediantes que compõem a companhia de Jacques Fabbri, que hoje, às 18 e 15 e às 22 horas se apresentam no São Luiz, representando a peça de Kataiev «Je veux voir Mioussov».

Trata-se do terceiro original esta temporada apresentado no São Luiz, no âmbito dos Festivais do Teatro Parisiense, que o empresário Ortigão Ramos há tanto tempo mantém com tão assinalável êxito no São Luiz.

A companhia de Fabbri, ele próprio primeira figura do elenco,

vem representar entre nos uma peça que é há muitos meses um êxito comercial parisiense. O facto de ver representar em Lisboa «Je veux voir Mioussov», na versão de Sauvajeon, vai ser um grande motivo de interesse para o aifacinha teatreiro, pela graça da peça, mas em especial porque a mesma obra, na versão portuguesa de Olavo d'Eça Leal e encenação de Pedro

UMA SENSACIONAL NOVIDADE EM ESTILO DE INTENSA FASCINAÇÃO

com A MARAVILHOSA E ENDIABRADA

ROCIO DÚRCAL

EM TODO O BRILHO DO SEU VALOR

A VEDETA N.º 1 DA NOVA GERAÇÃO, IRREQUIETA, SEDUTORA E MALICIOSA, NUMA HISTÓRIA DE EXCEPCIONAL CATEGORIA DE ESPECTÁCULO
EASTMANGOLOR

ACOMPANHA-ME. MEU AMOR

com o famoso cantor ENRIQUE GUSMAN e AMÁLIA DE ISAURA
NUMA REALIZAÇÃO ESPLENDOROSA DE
LUIS CÉSAR AMADORI

DELICIOSAS AVENTURAS DE DOIS JOVENS QUE QUANTO MAIS SE ZANGAM MAIS OS SEUS CORAÇÕES SE PRENDAM

UM FESTIVAL DE CANÇÕES E RISO
«TEMPERADO» AO GOSTO DO PÚBLICO

AMANHÃ ESTREIA NO ODEON

Excl. da IMPERIAL FILMES

MAIORES 12 ANOS



Jacques Fabbri, primeira figura da companhia francesa

Lemos, está há seis semanas a ser representada pela companhia Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro, no Avenida.

E não deixará de ser interessante comparar a versão portuguesa e a versão francesa da obra de Kataiev.

No próximo mês, no prosseguimento destes festivais, será representado em Lisboa outro grande êxito parisiense — a peça «Croque-Monsieur», de Marcel Mithois.

estúdio
444

UMA REVELAÇÃO INÉDITA DE USOS, COSTUMES E RELIGIÕES, NAS SUAS FORMAS MAIS ESTRANHAS, DO POVO AMERICANO!

AMÉRICA
PAÍS DE DEUS

"GOD'S OWN COUNTRY"

ESTREIA

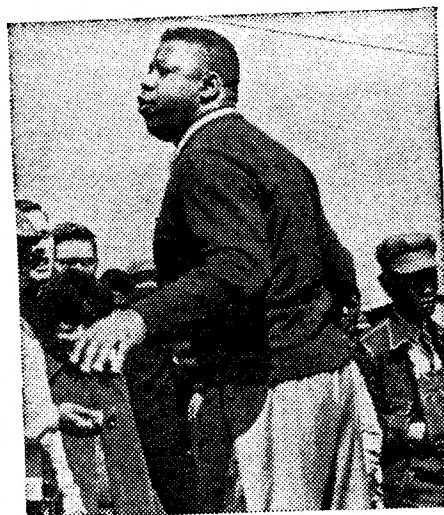
HOJE

AS 21 45

(ADULTOS)

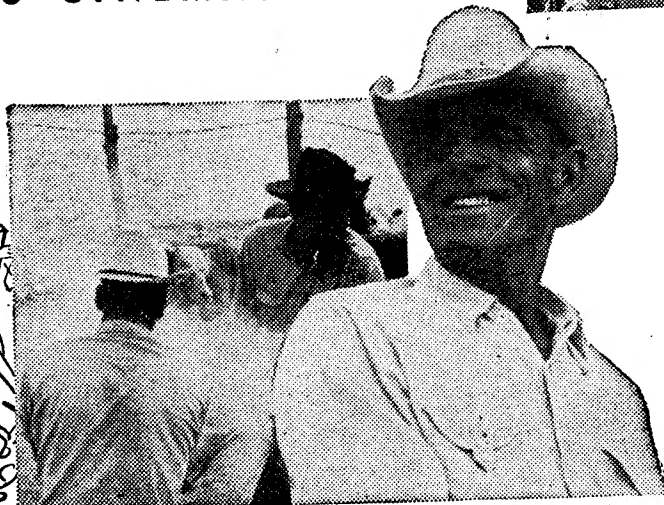
EXCLUSIVO
DOPERFILME

UM DOCUMENTO DE SENSACÃO AGORA REVELADO PELO CINEMA!



REALIZAÇÃO DE
LUIG VANZI

TECHNICOLOR
TECHNISCOPE



(Continuação da 4.ª página)

ta-se da história de um audacioso repórter americano que vem à Europa em demanda de notícias sensacionais. George Sanders, Lorraine Day e Joel McCrea são os principais intérpretes desta película.

AS ESTREIAS DE HOJE

No Estúdio 444

Título em português — «América, país de Deus».
Título original — «God's own country».

Produção — Italiana.
Realização — Luigi Vanzi.
Intérpretes — Figuras reais.
Gênero — Documentário.
Distribuição — Doperfilme.
Processo — Techniscope e technicolor.
Classificação — 17 anos.

TEATRO

ABC

Telef. 36 67 45
HOJE: ÀS 20.45 E 23 H.

JOSÉ MIGUEL
APRESENTA

7 COLINAS

UM GRANDE ESPECTÁCULO
UM SENSACIONAL ELENCO:

IVONE SILVA • ARTUR SEMEDO
LEONIA MENDES • OSCAR
ACÓRIO • LURDES LIMA •
HENRIQUE VIANA e as atrações
ARTUR GARCIA e HELENA TAVARES



HELENA TAVARES

ADULTOS

PORTO KOPKE

desde 1638



KOPKE
VICTORIA
PORT

agentes no sul
OLIVEIRA & TORROAES LDA.
rua do salitre, 123
lisboa, telef. 5 78 51

MAIS FACILIDADES NAS SUAS DESLOCAÇÕES A MADRID

Pelo comboio automático «LISBOA-EXPRESSO» (TER)

Saída de Lisboa	9.40
Chegada a Madrid	19.00
Saída de Madrid	10.45
Chegada a Lisboa	19.40

NATALIE WOOD JÁ INTERPRETOU QUARENTA FILMES

NOVA YORK, Março — Natalie Wood não é precisamente o tipo de rapariga que goste que lhe digam o que tem de fazer. A verdade é que ela mostra como se trabalha — e não tem qualquer ambição de chegar a realizadora ou a produtora. Não quero dirigir nem produzir — disse firmemente esta formosa e jovem actriz, sacudindo o seu longo cabelo castanho até uma madeixa lhe cair sobre os olhos cor de café. «Não julgo ter esse tipo de personalidade. Creio que estou mais preparada para ser dirigida do que para dirigir, prefiro que me



A bela Natalie Wood

tomei-me a trabalhar no ambiente do cinema como criança e por isso nunca tive problemas de adaptação — acrescentou —. Era uma coisa estável. Experimentei algumas dificuldades mas na realidade nunca tive problemas fundamentais. Gostaria de desempenhar um papel sério no teatro. Nunca trabalhei na Broadway, porém isso não receio em particular. Fascina-me trabalhar para a televisão — a sensação de todos aqueles que têm esse tipo de trabalho. O primeiro matrimónio de Natalie, com o actor Robert Wagner, fracassou devido às suas carreiras. Ela disse que quando voltar a casar-se — nisto não há dúvidas — reduzirá as suas actividades cinematográficas. — Sabe bem trabalhar apenas de vez em quando — sublinhou — mas é uma profissão muito exigente. Na forma emocional, toma-me um tempo demasiado. — O que gosta e não gosta você, Natalie? Que tipo de pessoa é você? — Gosto de: álamos e que não me esqueçam... ouvir como cai a chuva e a música de Sibelius, Vivaldi e... os «Beatles». Gosto também de quedas de água e das poesias de T. S. Eliot e de Dylan Thomas. Os crepúsculos na água, quando estou navegando; adoro crianças; gostaria de ter cinco ou sete miúdos, os cães também me agradam, as ovelhas... As cores vivas... A fragância das gardenias e dos lírios... Os caracóis e os esquilos; caviar, salmão fumado e vinho branco. O som dos violinos... As linhas delicadas dos móveis franceses antigos e os homens fortes e pouco silenciosos. Não gosto de: corridas de touros; guerras; arte falsa; mulheres ébrias e agressivas; gente pequena; a dor; as bravatas; a rudeza; ter que me levantar cedo; tudo que esteja relacionado com dinheiro. Creio que um dos meus maiores defeitos é a impaciência. Espero demasiado de toda a gente. Porém isso não é necessariamente mau, pois não? Não será bom esperar sempre o melhor das pessoas mesmo depois de algumas desilusões.

Amadores de «ballet»?

por TOMAZ RIBAS

Pessoa das minhas relações, conhecedora do meu interesse por todos os problemas da dança e do ballet e da minha já longa actividade em prol da divulgação da dança de arte no nosso País — eu «convenci» desde já para que me entendam os que me lêem) que não sou bailarino, mestre ou coreógrafo nem pai ou marido de bailarina, mestre ou coreógrafa — fez-me chegar às mãos, há dias, com grande inágnção e espanto seus, um número de uma revista simpática, mas modesta a qual, ao que me dizem, tem larga expansão entre determinadas camadas da nossa alta sociedade.

Aquele meu amigo chamava a minha atenção para uma «Carta de Paris», intitulada *Amadores de Ballet* e assinada por Maria Madalena de Mello, que se publicava no número dessa revistazinha. O nome da autora dessa carta de Paris nada mais me dizia — a mim que conheço bem as modestas mas já esportivas actividades baléticas portuguesas e o ainda reduzido mas esforçado panorama do nosso ballet — senão que era o nome de alguém que, na melhor acepção da palavra, é uma verdadeira «amadora do ballet»: «amadora» porque, ao que parece, o ama e «amadora» porque a ele se dedica não só como intérprete, pois tem dançado em algumas festas e espectáculos de caridade e da alta sociedade lisboeta, mas também, o que é mais grave, como professora, pois dirige cursos particulares e uma escola de dança, isto é, o *Centro de Amadores de Ballet*.

Com aquele interesse que em mim suscita tudo quanto se liga com a dança e ao ballet e com a simpatia e consideração que me merecem o entusiasmo e as actividades dos verdadeiros amadores de qualquer expressão de arte, o artigo em referência e se a sua leitura não me causou o espanto que ao meu amigo despertou (já bem poucas coisas me causam espanto! sobretudo nisto de dança e ballet cá entre nós) proporcionou-me uma profunda indignação motivada pela audácia, injustiça e falta de verdade de algumas afirmações feitas pela autora-amadora daquela «Carta de Paris», afirmações que não são somente ofensivas para alguns artistas e mestres portugueses ou estrangeiros que dignamente servem entre nós o ballet como também mistificam e deturpam a verdade dos factos e espalham a confusão entre o público... esse «ubíquo» que merece ser esclarecido e informado por quem se dispõe a escrever para ele.

De resto, ofender publicamente — como o faz a autora da tal carta-artigo — quem pretende com entusiasmo, sinceridade, honestidade, profissionalismo e sacrifício servir uma expressão de Arte não me parece a mais digna e justa atitude de quem, como Maria Madalena de Mello, defende tão acaloradamente o ideal dos «amadores»: o verdadeiro «amador» é aquele que apoia, sim, os «amadores» mas considera e respeita os profissionais, os verdadeiros artistas.

Independentemente de algumas infantilidades incertas na carta-artigo a que me referi, até estou de acordo com o que, de uma maneira geral, a sua autora escreve acerca da utilidade e dos aspectos positivos do «amadorismo»; são, é certo, lugares comuns uma vez mais repetidos, mas, enfim, para um público como o da revista, em que a mencionada carta-artigo vem publicada, nunca será demasiado voltar a repeti-los. De resto, não sei eu e não sabem todos os que são esclarecidos que alguns dos mais positivos movimentos estéticos nasceram precisamente do entusiasmo de verdadeiros «amadores»? Mas, o que es-

tá aqui: em causa não são os «amadores» mas sim a injustiça e a falta de verdade das afirmações de alguém que se apresenta como defensora do entusiasmo dos amadores e se dedica ao ballet.

Para já direi que, embora os verdadeiros «amadores» mereçam a minha maior simpatia, a verdade é que o drama que tem envolvido os problemas do ballet português é precisamente o «amadorismo» com que os mesmos têm sido encarados e em que têm vivido ou viveram até há pouco: «amadorismo» no «cor sentido da palavra porque em vez de se revestir de amor, entusiasmo e humildade, se reveste antes de ridícula vaidade, total falta de conhecimentos, aleivosa camuflagem de nulidades.

Mas vamos, quanto antes, ao que é necessário esclarecer e ao que gerou a indignação não só do meu amigo e minha mas também a de muitas outras pessoas que de perto vivem os problemas do ballet português. E isso é a afirmação feita pela «amadora de ballet» que assina a carta-artigo em referência, afirmação que reza assim: «Ocorre-me o paralelo entre Roland Petit e Margarida de Abreu. Todos os que trabalham em ballet em Portugal têm uma dívida para com ele. E, no entanto, depois de criado por ela o interesse pelo ballet em Portugal, nunca se dançou tão mal no nosso País desde que o Círculo de Iniciação Coreográfica, de Margarida de Abreu, que encheu de espectáculos Portugal de norte a sul, deixou de actuar como actuava. Nunca se dançou tão mal no nosso País entre profissionais (se é que se pode chamar danças a certas pantomimas grotescas apresentadas) como desde que surgiram de dois ou três lados facilidades materiais que serviram para se mandarem vir impostores que se fingem coreógrafos e professores (sic) que em nada melhoraram o que se fazia só porque... são estrangeiros».

A audácia desta espantosa e imprudente afirmação (aliás feita num estilo gramatical e lógico bem precário!) só é recriminável porque além de tal afirmação ser injusta e ofensiva («impostores» é termo que pode levar aos tribunais quem o usa sem fundamento) não é verdadeira nem inteiramente corajosa; neste último aspecto, direi, até, que se trata de uma afirmação covarde na medida em que não cita nomes... e se para quem a faz o caso é grave, os nomes deviam ser citados.

Não são, evidentemente, Margarida de Abreu (nem o seu Círculo de Iniciação Coreográfica) quem aqui está em causa. Como Maria Madalena de Mello, nunca me cansarei de afirmar que todos os que nos interessamos pelo ballet em Portugal temos uma grande dívida para com ela. Ninguém mais do que eu admirava Margarida de Abreu e a sua obra admirável: a minha admiração, consideração e estima para com Margarida de Abreu — que, quer queiram quer não, considero a primeira figura do ballet clássico em Portugal pelo muito que por ele tem feito — estão bem patenteadas no que tantas vezes sobre ela tenho escrito e afirmado publicamente e no facto de lhe ter dedicado um dos meus livros sobre a dança e o ballet. Como impulsora, precursora, coreógrafa e artista, Margarida de Abreu é, sem dúvida, a mais prestigiosa figura do ballet clássico português, ou, se quiserem, em Portugal, tal como Francis Graça é o mais brilhante intérprete e coreógrafo (o maior) de uma estética tendente à criação de um ballet de inspiração portuguesa. E, também, a história não poderá esquecer que o Círculo de Iniciação Coreográfica foi o movimento precursor do ballet clássico no nosso País e o centro impulsor das primeiras revelações baléticas portuguesas. Até aqui estou de acordo com Maria Madalena de Mello; mas a partir daí, é que a minha indignação começa.

Ora vejamos: por partes... Por muito que o ballet em Portugal deva a Margarida de Abreu e ao Círculo de Iniciação Coreográfica (e, na verdade muito lhes deve), não é inteiramente verdade que só Margarida de Abreu e o seu C. I. C. sejam os responsáveis pelo interesse que hoje há em Portugal pelo ballet.

Teremos, então, de esquecer a obra admirável realizada, no campo da cultura e da arte, pelo Teatro Nacional de S. Carlos que, sob a direcção superior do dr. José Duarte de Figueiredo, desde 1946, tem trazido até nós algumas das maiores companhias coreográficas mundiais e alguns dos maiores bailarinos

TRIGO PARA OS AÇORES

PONTA DELGADA, 28 — (L.) — A bordo do navio-motor «Alcobaca», da Sociedade-Geral, são esperadas nos primeiros dias de Abril, oito mil toneladas de trigo destinado ao abastecimento do arquipélago.

Serão descarregadas 4 mil toneladas neste porto, 2500 em Angra do Heroísmo e 1500 na Horta.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

Amadores de «ballet»? Sociedade Portuguesa de Petroquímica

(Continuação da página anterior)

nos e coreógrafos internacionais de hoje? Teremos de esquecer que foi o Teatro de S. Carlos que proporcionou ao nosso público voltar a ver grandes companhias e grandes bailarinos, o que não acontecia desde as visitas dos Ballets Russos de Diaghilev (1917) e da companhia de Anna Pavlova (1920)? Teremos de esquecer esse espírito admirável que foi António Ferro, o criador e fundador, com Francis Graça, dos Bailados Verde Gaião? Teremos de esquecer a boa vontade e o apoio do Ministério da Educação Nacional que, por intermédio do seu Instituto de Alta Cultura, criou e fundou o Centro de Estudos e Preparação de Bailado Clássico, recentemente transformado em Centro de Estudos de Bailado? Teremos de esquecer tudo isto? Nós não o poderemos esquecer nem ignorar... mas Maria Madalena de Mello parece que sim!

Mais grave ainda, é a afirmação de que «nunca se dançou tão mal no nosso País entre profissionais» como hoje. A injustiça desta afirmação brada aos céus sobretudo, quando nos recordamos da maneira surpreendente como, ainda há pouco, Isabel Santa Rosa dançou bailados como *La Fille mal Gardée*, *O Lago dos Cisnes* (2.º acto) e *Psyché* e como Anna Máccolo (que ouviu uma das maiores ovações recebidas por qualquer bailarina portuguesa) dançou o maravilhoso *Roméo e Julieta*, de Serge Lifar; quando nos recordamos das recentes actuações de Fernando Mateus e Carlos Trincheiras para não falar já de Armando Jorge e Jorge Salavisa, que têm feito ultimamente a sua carreira no estrangeiro; quando recordamos o nível atingido pelos últimos espectáculos do Grupo Gulbenkian de Bailados; quando recordamos a recente actuação do Grupo de Bailados Verde Gaião na ópera *Orfeu*, de Gluck; quando recordamos o que representa para a cultura portuguesa a revelação de uma personalidade coreográfica como a de Agueda Sena, autora de *O Crime de Aldeia Velha*. Quando é que já em Portugal se dançou melhor do que como Anna Máccolo, Isabel Santa Rosa, Carlos Trincheiras e Fernando Mateus estão dançando actualmente? Quando é que — e não esqueço alguns belos espectáculos apresentados em épocas anteriores tanto pelo C. I. C. como pelo Verde Gaião — se realizaram entre nós e a cargo de portugueses — espectáculos de ballet com maior nível do que os espectáculos do Grupo Gulbenkian de Bailados? Quando é que o C. I. C. apresentou espectáculos de maior nível do que os actuais espectáculos do Grupo de Bailados Portugueses Verde Gaião que Margarida de Abreu também dirige? Quando é que a coreografia portuguesa, no campo do ballet tradicional, apresentou obras de maior qualidade do que os últimos bailados de Margarida de Abreu, Fernando Lima, Agueda Sena, Carlos Trincheiras e Anna Máccolo? Talvez todos estes exemplos que aqui dou não sejam exemplos «sublimares»; não o são, mesmo... mas são testemunhos de que o ballet entre nós não recuou, prosseguiu pelo esforço, pelo sacrifício, pelo talento de alguns artistas portugueses e atingiu já um nível muito esperançoso pelo que nos faz antever de futuro.

Esquecer estes factos como Maria Madalena de Mello parece esquecer ou querer ignorar, além de não ser elegante da parte de uma amadora interessada é injusto e quase que pouco honesto. Esquecer estes factos consoladores e esperançosos é ofensivo para os bailarinos portugueses que tão abnegadamente se sacrificam e esforçam para que o ballet em Portugal tenha dignidade e seja, dentro em breve, uma realidade; é, até, injusto para com a própria Margarida de Abreu, que continua infatigavelmente a trabalhar, a preparar bailarinos e a dirigir uma companhia.

Dar a entender que o ballet em Portugal retrogradiou é a mais injusta e maldosa atitude perante um certo numero de realidades em que, neste momento, assentam, e justificadamente, as esperanças do ballet português: a obra seríssima que se está a realizar no Centro de Estudos de Bailado do Instituto de Alta Cultura; as actividades artísticas do Grupo Gulbenkian de Bailados; os esforços e sacrifícios enormes do Grupo de Bailados Portugueses Verde Gaião, do S. N. I.; a honestidade profissional e artística com que as professoras Anna Máccolo e Wanda Ribeiro da Silva dirigem as suas escolas particulares.

Não! Quando não se presta justiça a quem a merece e quando não se aplaude ou se critica construtivamente o que de positivo já existe não se pode ser «amador». O ballet inglês, que é hoje uma realidade internacional, ergueu-se com o en-

tusiasmo, a boa vontade e o amor de todos aqueles que o acarinharam nas seus primeiros passos, dando realce e enaltecendo, por vezes, o que ainda estava longe de ser sublime. Esquecerá Maria Madalena de Mello que a própria Margot Fonteyn — que nos dizem ser das suas relações — foi imposta grandemente pelos próprios ingleses que estavam interessados em criar o ballet inglês? Pois não foi ela logo comparada às grandes, às maiores bailarinas, quando ainda não era, mas já dava esperanças certas de vir a sê-lo?

Mas, prossigamos... A mais grave afirmação de Maria Madalena de Mello está na sua alusão às facilidades que «surgiram de dois ou três lados», «facilidades materiais que serviram para se mandar vir impostores que se fingem coreógrafos e professores». Porque não é esta «amadora» mais explícita e não refere nomes? Quem deseja atingir? Certamente o Ministério da Educação Nacional (que por intermédio do seu Instituto de Alta Cultura trouxe para Portugal mestres da categoria de Daniel Seillier, Anna Ivanova e David Boswell); certamente o S. N. I. que algumas vezes tem colocado mestres estrangeiros no seu Grupo de Bailados Portugueses Verde Gaião; certamente a Fundação Calouste Gulbenkian que chamou até nós mestres prestigiosos como Norman Dixon, Anne Heaton, John Auld e Walter Gore. Quanto a mim, e conheço bem o assunto, não me consta que haja entre nós outras entidades que ao ballet tenham concedido «facilidades materiais» que tenham servido para se mandar vir coreógrafos e professores estrangeiros.

E quem são esses coreógrafos e professores estrangeiros chamados até nós para ajudar a construir o nosso ballet e a quem Maria Madalena de Mello tão injustificadamente, tão maldosamente, apelida de «impostores»? Com o meu conhecimento dos factos direi que, actualmente (e depois de Daniel Seillier, Norman Dixon e Anne Heaton) trabalham em Portugal os consagrados mestres Anna Ivanova e David Boswell (contratados pelo I. A. C. para leccionar no Centro de Estudos de Bailado) e Walter Gore e John Auld (contratados pela Fundação Calouste Gulbenkian para dirigir o Grupo Gulbenkian de Bailados). Que razões poderá Maria Madalena de Mello apresentar para chamar «impostores» a personalidade como estas? Quem é Maria Madalena de Mello no ballet português e no ballet internacional, que é que já fez ou apresentou ou realizou, qual é o seu passado artístico para assim se referir a personalidades como estes mestres e artistas que estão a ajudar a construir o nosso ballet: um Daniel Seillier que foi estrela e *maitre-de-ballet* da Companhia do Marquês de Cuevas e hoje é *maitre-de-ballet* dos *Grands Ballets Canadiens*; um Walter Gore, que há mais de vinte anos é uma primeira figura do ballet mundial, um grande coreógrafo e tem sido director de reputados agrupamentos internacionais, uma personalidade que vem em todos os compendios e dicionários da dança; uma Anna Ivanova que é considerada uma das mais reputadas mestras inglesas de hoje, que foi professora das escolas do Ballet Rambert e do Royal Ballet, que foi primeira figura das companhias de Anna Pavlova e da Ópera de Belgrado, que foi encarregada de criar e organizar as companhias nacionais e respectivas escolas do Ballet de Cuba e do Ballet da Turquia, que foi mestra de grandes estrelas do ballet contemporâneo; um John Auld, que foi estrela e director-adjunto do *London's Festival Ballet*; uma Paula Hinton, que é considerada uma das maiores bailarinas inglesas do nosso tempo; um David Boswell, que acaba de vir do Royal Ballet e do Covent Garden para trabalhar entre nós...

E, posto isto, não seria fácil perguntar quem, afinal de contas, é o «impostor».

E pena que Maria Madalena de Mello viva tão encantada com a sua própria obra e não tenha tempo ou não deseje conhecer e observar o que entre nós se vai fazendo para que o nosso ballet deixe de ser aquela actividade «amadorística» que até hoje tem sido, deixe de ser uma «prenda» e um «passatempo» de meninas-bem para se tornar uma actividade artística superior e digna, para conhecer e observar o esforço dos nossos bailarinos e a honestidade dos mestres estrangeiros que têm sido chamados para junto de nós.

Se, realmente, fosse uma «amadora» no melhor sentido da palavra não deixaria de procurar «viver» com amor este momento decisivo para o futuro do ballet português.

TOMAZ RIBAS

S. A. R. L.

Capital: 300 000 contos

Av. António Augusto de Aguiar, n.º 104-4.º — Lisboa

Pagamento de Juros

Avisam-se os Senhores Obrigacionistas de que, a partir do próximo dia 1 de Abril, se encontram a pagamento os seguintes cupões:

Obrigações de 5 % — 1960 — 2.ª Emissão — Cupão n.º 13
Obrigações de 5 % — 1961 — 3.ª Emissão — Cupão n.º 12

O valor do juro é assim discriminado:

	Obrigações ao Portador	Obrigações ao Portador Registradas
Juro líquido	25500	25500
Impostos	8504,2	3549
Juro líquido	16995,8	21951

Sorteio de Obrigações

Comunica-se aos Senhores Obrigacionistas que, conforme foi anunciado, foram sorteadas 1340 obrigações de 5 % — 1960 — 2.ª Emissão e 1720 obrigações de 5 % — 1961 — 3.ª Emissão, que a seguir se discriminam, para amortização em 1 de Abril próximo, data a partir da qual deixam de vencer juro.

Os títulos representativos de mais de uma obrigação são identificados, para simplificação, pelos seus primeiros números.

Obrigações de 5 % — 1960 — 2.ª Emissão

4.º Sorteio — (último cupão pagável n.º 13)

TÍTULOS DE 1 OBRIGAÇÃO

50023	50298	50505	50734	50881	51057	51201	51431	51754	51925	52249	52371	52599	52873	53186
50038	50301	50520	50749	50888	51063	51212	51467	51757	51988	52251	52372	52620	52908	53201
50064	50308	50538	50753	50905	51075	51221	51478	51769	52016	52257	52377	52660	52917	53202
50110	50309	50549	50765	50913	51087	51235	51505	51814	52073	52286	52381	52671	52949	53207
50184	50321	50578	50775	50929	51098	51276	51520	51818	52075	52295	52441	52688	52995	53211
50185	50334	50609	50778	50941	51100	51280	51539	51827	52085	52297	52474	52742	53024	53224
50230	50354	50614	50781	50943	51119	51281	51556	51836	52114	52305	52498	52728	53065	53250
50241	50366	50648	50813	50967	51121	51327	51640	51849	52194	52313	52511	52738	53080	53252
50263	50368	50650	50818	50990	51139	51361	51667	51851	52197	52322	52537	52842	53084	53255
50267	50447	50675	50842	51038	51153	51396	51669	51883	52207	52329	52571	52849	53099	53256
50276	50475	50694	50858	51043	51179	51402	51720	51893	52227	52342	52574	52853	53149	53262
50289	50479	50727	50861	51048	51191	51422	51746	51920	52245	52361	52596	52869	53158	53281

TÍTULOS DE 5 OBRIGAÇÕES

53306	53941	54171	55011	55966	56811	57486	58351	58731	59031	59326	59626	60171	60611	61391
53341	54096	54266	55081	55991	56896	57576	58381	58741	59041	59356	59691	60186	60636	61431
53411	54101	54346	55196	56106	56976	57716	58396	58816	59066	59376	59801	60211	60911	61491
53456	54136	54361	55246	56156	57016	57756	58416	58821	59071	59371	59871	60471	60996	61541
53726	54146	54341	55241	56151	57006	57746	58406	58811	59061	59361	59861	60461	60986	61531
53791	54156	54376	55286	56196	57056	57796	58456	58861	59111	59411	59911	60511	61036	61581

TÍTULOS DE 10 OBRIGAÇÕES

62261	63071	63641	64231	64941	65701	66101	66691	67111	67941	69061	69621	69801	70531	72311
62481	63231	63731	64481	64951	65831	66121	66951	67821	68021	69241	69671	70321	70961	72611
62521	63361	63901	64611	65351	65871	66491	67021	67811	68021	69241	69671	70321	70961	72671
62551	63401	64111	64821	65471	65991	66531	67531	67921	68921	69511	69781	70351	71791	73461

TÍTULOS DE 20 OBRIGAÇÕES

73921 74441 74621 74701

Títulos de Sorteios Anteriores por Reembolsar

2.º Sorteio — (último cupão pagável n.º 9)

TÍTULOS DE 1 OBRIGAÇÃO

51824 52155 52431 52889

3.º Sorteio — (último cupão pagável n.º 11)

TÍTULOS DE 1 OBRIGAÇÃO

50525 50570 50572 51056 51427 51666 52177 52180 52312 53200 53292

TÍTULOS DE 5 OBRIGAÇÕES

54581 56541

TÍTULOS DE 10 OBRIGAÇÕES

68131

Obrigações de 5 % — 1961 — 3.ª Emissão

5.º Sorteio — (último cupão pagável n.º 12)

TÍTULOS DE 1 OBRIGAÇÃO

75016	75157	75431	75692	75929	76121	76476	76649	76830	76978	77175	77323	77574	77871	78193
75043	75169	75433	75741	75938	76122	76477	76670	76831	76986	77179	77333	77578	77924	78309
75044	75171	75439	75765	75940	76154	76478	76673	76863	77000	77206	77406	77610	77943	78393
75046	75177	75450	75776	75944	76213	76479	76675	76865	77029	77213	77416	77614	77947	78396
75053	75211	75451	75777	75963	76221	76491	76684	76880	77046	77215	77446	77626	77952	78333
75063	75218	75457	75801	75966	76262	76508	76692	76883	77074	77216	77464	77699	77960	78252
75068	75229	75494	75837	75970	76317	76517	76707	76884	77078	77220	77466	77705	77992	78270
75071	75238	75501	75849	75973	76337	76524	76714	76898	77080	77239	77477	77723	78035	78275
75074	75256	75528	75859	76015	76346	76528	76716	76925	77109	77244	77479	77751	78036	78284
75087	75279	75556	75871	76038	76399	76542	76721	76935	77110	77251	77485	77752	78078	78286
75088	75321	75584	75881	76087	76404	76555	76722	76936	77111	77273	77493	77780	78081	78298
75129	75346	75601	75900	76090	76407	76565	76729	76947	77120	77277	77528	77804	78090	78299
75131	75367	75601	75902	76096	76415	76589	76747	76953	77122	77282	77534	77811	78094	78336
75141	75375	75611	75913	76113	76418	76607	76777	76982	77123	77308	77539	77836	78143	78341
75155	75386	75616	75919	76119	76425	76608	76785	76970	77169	77313	77541	77838	78151	78345
75156	75399	75673	75923	76120	76448	76646	76824	76974	77174	77317	77554	77847	78179	78370

TÍTULOS DE 5 OBRIGAÇÕES

78531	79196	79931	80396	81141	81951	82246	82986	83241	83516	84716	85246	86011	86536	86966
78546	79466	79991	80501	81156	81986	82421	83031	83246	83891	84721	85411	86051	86606	86971
78651	79481	79996	80506	81446	82016	82531	83046	83251	84046	84751	85426	86061	86626	87021
78846	79546	80021	80571	81551	82031	82606	83056	83311	84131	84821	85471	86241	86796	87041
78851	79556	80171	80861	81731	82051	82786	83066	83336	84191	84886	85791	86536	86836	87141
79061	79561	80221	80881	81816	82061	82836	83106	83351	84481	84896	85866	86436	86871	87161
79081	79831	80286	80936	80901	81286	82931	83126	83366	84671	84941	85886	86451	86921	87176
79141	79881	80321	81116	81926	82201	82961	83161	83391	84701	85166	85951	86461	86956	87201

TÍTULOS DE 10 OBRIGAÇÕES

7451	88051	88761	89741	90151	90861	91361	92421	92931	93711	93981	94701	95681	96271	97401	98091
7661	88511	88801	89841	90201	91061	91841	92501	93171	93741	94151	94921	95711	96311	97511	98411
7871	88521	89111	89901	90261	91071	91871	92531	93221	93851	94371	95091	95821	96761	97631	—
7971	88591	89251	90041	90381	91111	92161	92741	93281	93871	94471	95321	96041	96771	97951	—
8001	88631	89581	90061	90451	91191	92291	92841	93521	93921	94681	95421	96251	96991	98031	—

ARTES PLÁSTICAS

A exposição de Jorge Brandeiro na galeria do «Diário de Notícias»

O artista Jorge Brandeiro manifestou sempre tendência pelas superfícies largas, pelos volumes bem combinados e harmonizando-se nas suas cores e estruturas. Parece-nos que a sua pintura é essencialmente de um artista para frescos, decorador de recintos vastos em que pudesse desenvolver toda a sua temática por vezes gigantesca. Nas exposições realizadas em Lisboa há tempos ele apresentou uns quadros de temas marítimos com ondas e velames que marcaram; depois largou para a África do Sul, ali tendo realizado exposições e decorado um grande hotel.

Voltou a Lisboa e ali na galeria do «Diário de Notícias», ao Chiado, com a sua pintura talvez mais consciencializada, mas não modificada. Não teve de arrear caminho, antes se confirmou no que o ânimo lhe pedia. Os horizontes africanos a perder de vista, as cidades tentaculares de crescimento vertiginoso, as florestas, inspiraram Jorge Brandeiro e sentiu-se como peixe na água. A sua pintura figurativa, mas em que imaginação e devaneio como que o fazem roçar pelo abstracto tem grandeza e segurança, a segurança de conhecimentos técnicos valiosos e desenho firme.

Apresenta-nos vinte quadros inspirados uns nas cidades e paisagens africanas, realizados embora em Lisboa. Assinala-se também o retrato de Fernando Pessoa que na África do Sul estudou e de que Jorge Brandeiro conseguiu haver o primeiro artigo em revista sul-africana, aquele sobre Macauley.

A par da sua largueza de concepção assinala-se em Jorge Brandeiro a cor viva, os contrastes fortes e temos um artista. — R. R.

Carlos Ramos inaugurou hoje a sua exposição de paisagens na S. N. B. A.

Na S. N. B. A. foi esta tarde inaugurada a exposição do pintor Carlos Ramos que na sua casa do Calhabé, em Coimbra, realiza uma série de paisagens e tipos da terra portuguesa.

A inauguração verificou-se às 15 horas. Ficará aberta ao público durante uns dias.

Exposição de Morais Carvalho

O presidente da Câmara Municipal de Lisboa, general França Borges, foi esta tarde à S. N. B. A. inaugurar a exposição de pintura do artista Morais Carvalho.

VIDA MUSICAL

Concurso para admissão de novos executantes na Orquestra de Câmara Gulbenkian

Continua aberto concurso, até 4 de Abril próximo, para admissão de novos executantes na Orquestra de Câmara Gulbenkian, no naipe de violas. Os interessados deverão enviar uma carta ao Serviço de Música da Fundação Gulbenkian, com a indicação do nome completo, filiação, nacionalidade, data do nascimento, estado, morada, habilitações literárias e musicais. Só serão admitidos a concurso os candidatos de nacionalidade portuguesa, com menos de 40 anos.

O programa do concurso inclui uma leitura à primeira vista, execução de uma peça obrigatória (1.º Sulte em sol maior, de J. S. Bach, para violoncelo solo, transcrita para viola), e de uma sonata ou concerto, original ou transcrito, com acompanhamento de piano, à escolha do concorrente.

As provas efectuar-se-ão num dos auditórios da Fundação Gulbenkian em data a fixar oportunamente.

EM TRÊS LINHAS

Foi exonerado, com louvor, do cargo de presidente do Fundo de Fomento Florestal o eng.º Jorge Brito dos Santos.

///

O dr. António Baptista Pereira foi nomeado, depois de concurso por provas públicas, interno da clínica cirúrgica dos H. C. L.

///

A Câmara Municipal de Lisboa abriu concurso, pelo prazo de 30 dias, para admissão de sapadores bombeiros recrutados.

A exposição de pintura deste oficial do Exército foi aberta ao público às 16 horas. A ela nos referiremos mais pormenorizadamente como merece.

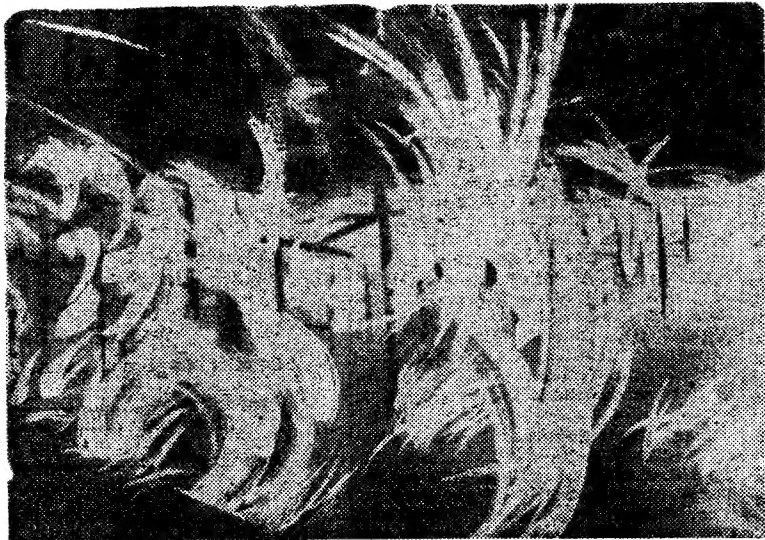
O I Encontro de Críticos de Arte Portugueses

No Centro Nacional de Cultura é esta tarde inaugurado o I Encontro de Críticos de Arte Portugueses.

O tema de hoje é: História, Sociologia, Estética e Crítica de Arte. A 1.ª comunicação é de Adriano de Gusmão, estando o comentário a cargo do prof. Ferreira de Almeida.

A segunda tese é de D. Salette Tavares, sendo o comentário de José-Augusto França.

A terceira tese é de Nuno Portas, com o comentário de Pedro Vieira de Almeida.



Obra de Jorge Brandeiro, verdadeiramente representativa da sua pintura

PUBLICOU-SE

o novo Código do Registo Predial

Publicou-se hoje no «Diário do Governo» um decreto que aprova, para entrar em vigor no dia 1 de Junho próximo, o Código do Registo Predial, substitui a tabela de emolumentos de registo predial, insere disposições relativas a determinados actos de registo e transmissão de propriedade, determina que o saldo líquido do produto da venda de impressos fornecidos pelo Cofre dos Conservadores, Notários e Funcionários de Justiça a serviços dependentes do Ministério constitua receita do serviço social pelo Decreto-Lei n.º 47 210, e revoga, a partir da entrada em vigor do novo código toda a legislação relativa à matéria nele abrangida, com ressalva da legislação especial a que se faça expressa referência.

SUBI NA VIDA!

porque me lembrei de recorrer aos serviços do

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

onde cada um conta mais do que a sua conta

Ascendeu a 84500 toneladas

de pastas cruas e branqueadas o total dos fabricos da Socel em 1966

O relatório, balanço e contas do conselho de administração da Socel — Sociedade Industrial de Celuloses, e o parecer do respectivo conselho fiscal, constituem documentos do maior interesse, pois definem o crescimento económico de uma empresa que tem vindo a desenvolver-se a passos seguros constituindo hoje empreendimento dos mais notáveis concretizados no País nestes últimos anos. Os referidos documentos vão ser discutidos na sexta-feira, durante uma assembleia geral dos accionistas, convocada para as 18 horas.

No relatório da Socel começa por se assinalar, com o devido relevo, a visita que o Chefe do Estado efectuou, em 19 de Abril do ano findo, às instalações fabris da empresa, localizadas na península de Mitrena, em Setúbal, bem como a estada, na mesma data, do arcebispo de Mitilene e de membros do Governo, que acompanharam a digressão do sr. almirante Américo Thomaz. Acentua-se, depois, que, durante o exercício findo, as instalações industriais da Socel produziram cerca de 84500 toneladas de pastas de pinho e eucalipto cruas e branqueadas, ou seja mais de 11500 toneladas do que no ano anterior.

Dá-se, em seguida, notícia da conclusão da nova conduta de esgotos, da ponte-cais privativa da fábrica e do aterro de acesso a esta relevante obra de arte, mercê dos quais podem já atracar directamente à ponte os barcos para carregamento das pastas e de transporte dos produtos necessários à produção fabril, melhoramento importante e que se reveste da maior vantagem não só para o descongestionamento do porto de Setúbal, mas também para a melhor ordenação dos trabalhos da Socel de embarque e desembarque.

A defesa do estuário

Escreve-se no relatório em apreço que, «(...) foi com o maior agrado que verificamos nunca se ter denunciado durante todo o ano — em que a laboração decorreu com plena regularidade — o menor incidente susceptível de afectar a vida do estuário do Sado. No entanto continuaram os estudos solicitados aos organismos oficiais e as análises sistemáticas das águas do estuário. Os resultados obtidos, sempre até à data totalmente negativos, justificam o optimismo com que aguardamos as conclusões dos estudos promovidos».

Alude-se, também, ao despacho orientador de 12 de Julho do ano findo, do secretário de Estado da Indústria que estabeleceu preceitos tendentes a disciplinar a instalação de novas fábricas de celulose, fixando doutrina quanto à viabilidade de deferimento de futuras novas indústrias e, especialmente, impondo a condição de fomentarem a produção de madeiras de que venham a necessitar.

A propósito, afirma-se: «A directriz de prudência que tem presidido desde aquele despacho à concessão de novas licenças, leva a presumir que se estão aguardando os resultados do inquérito florestal para, com base nele, se avaliar a viabilidade de abastecimento de mais unidades, uma vez tidas em atenção as necessidades das já existentes. Tudo indica, porém, ser de interesse da economia nacional que se acompanhe a orientação seguida pelos países grandes produtores de celulose, de incitação ao aumento da dimensão das unidades existentes — entre nós quase todas subdimensionadas —, em vez da disseminação da indústria por novos pequenos núcleos, incapazes, por falta de rentabilidade, de competirem nos mercados internacionais. E, de resto, também este o parecer expresso pela missão da F. A. O. vinda recentemente a Portugal».

Trabalhos de florestação

Referem-se, ainda, os dirigentes da Socel aos trabalhos de reflorestação promovidos pela empresa no núcleo de propriedades arrendadas a longo prazo, na serra de Ossa, e aos que começaram a ser concretizados num novo núcleo demarcado na região de Odemira. Além destas marcantes iniciativas, revelam os administradores daquela empresa o seu propósito de, embora atendendo às possibilidades da empresa entrar num ritmo de

florestação que proporcione à Socel, neste aspecto, posição destacada entre as entidades particulares e oficiais.

Abordam-se, depois, as relações existentes entre a Socel e a Companhia Portuguesa de Celulose, mantendo-se, assim, um excelente tipo de colaboração. Conforme se observa no relatório que vimos a seguir, a Socel vendeu, durante o ano findo, por intermédio da C. P. C., cerca de 89600 toneladas de pastas, com o valor facturado de 264 mil contos aproximadamente. «A correlação dos programas de fabrico das duas empresas — assinala-se — permitiu sempre satisfazer as exigências dos clientes nacionais e estrangeiros nos diversos tipos produzidos, mantendo em geral diminutas as existências em armazém e evitando assim grandes immobilizações de numerário. O decréscimo nas existências durante o ano foi superior a 5000 toneladas».

O problema do imposto ad valorem que incide sobre as exportações feitas pelo porto de Setúbal, comprometendo o poder competitivo das respectivas actividades produtoras daquele distrito, volta

a ser focado num relatório da Socel, aludindo-se, ainda, à necessidade de supressão das elevadas taxas que incidem sobre o clorato de sódio, matéria-prima necessária ao branqueamento das pastas. De igual modo, e atendendo à concorrência internacional cada vez mais acentuada, se aponta a indispensabilidade da prática de preços idênticos aos que vigoram nos países industrializados quanto aos combustíveis utilizados pela indústria nacional.

Situação económica e financeira

No capítulo dedicado à situação económica e financeira da empresa, os dirigentes da Socel mencionam o recente aumento de capital para 250 mil contos. Embora tenham persistido em 1966 as baixas cotações verificadas nos mercados internacionais no final do ano anterior, foi ainda possível — revela-se no relatório —, graças ao aumento de produção e vendas, manter o saldo apurado no mesmo nível de 1965. Para este saldo, que junto ao que transitou do ano anterior atinge 21 745 374\$11, depois de feitas as amortizações e provisões julgadas necessárias, foi proposta a seguinte aplicação: fundo de reserva legal, 1 100 000\$00; dividendo mínimo, 13 200 000\$00; satisfação do n.º 3 do art.º 35 dos estatutos, 1 049 977\$80; fundo de reequipamento fabril, 3 000 000\$00; fundo de florestação, 3 000 000\$00; e saldo para conta nova 395 396\$31.



DIA A DIA

(Continuação da 5.ª página)

eles, chapéu. Portugal deve-lhes muito, até como propaganda. E conta.

Indo ele a caminho de Salzburgo, viu um padre sentar-se à sua beira. Sua reverendíssima ofereceu-lhe um cigarro. Declinou, pois não fuma. «Donde é você?», perguntou-lhe o padre. «De Portugal». A face de Sua reverendíssima iluminou-se de um clarão de entusiasmo: «Oh, Portugal! então como vai o Benfica?»

Com este apontamento de viagem, transpusemos a ponte para a última entrevista, agora com o sr. Costa Lopes. Desporto: o judo. O judo, ficamos a saber, é o desporto que entre nós regista um índice mais alto de crescimento. Iniciado em 1918, decresceu a seguir, para ressuscitar com novo ímpeto em 1960 e pouco. Agora: três mil praticantes.

Os campeonatos europeus de «esperanças» e «juniores» vão realizar-se em Lisboa, no Pavilhão de Desportos, dentro de breves dias. Organização custosa? Sim, mas a Direcção-Geral dos Desportos garantiu a cobertura financeira. Estarão presentes 160 atletas. Portugal, entre os países europeus, situa-se do 10.º ao 14.º. Temos muitas dificuldades por falta de material... Amadeu: «Esta iniciativa da

organização dos campeonatos é, para além de tudo, corajosa...» «Momento Desportivo» acabou. Algo aprendemos das grandezas e pequenezas do mundo do desporto. Um mundo complexo, baralhado de noções, intenções, tensões, confusões...

TV CLUBE COM O «DUO OURO NEGRO»

Algumas vezes já, com relativa brandura embora, pus de relevo o carácter comercial assumido com frequência pelo «Duo Ouro Negro». Se que, por motivos de sobrevivência, essa atitude pode ter aspectos de fatalidade. O luxo da não-comercialização de um produto só a raros «príncipes» é dado — e sempre na condição de pagarem isso com língua de palmo...

Talvez por essa razão, as interpretações do «Duo Ouro Negro» estavam a seguir pelo barranco da facilidade, do «não te rales». Mais tarde ou mais cedo, isso viria a reflectir-se na qualidade artística do conjunto. E as minhas palavras mais não pretenderam do que pô-lo em guarda contra esse perigo.

A verdade é que o «Duo Ouro Negro» se realiza quando interpreta as canções angolanas e se banaliza quando interpreta as canções adocicadas ou invertebradas que, do exterior, lhes fabricam.

Isso viu-se ainda ontem no «TV Clube». Qualquer semelhança entre aquele conjunto e o que interpretou as canções (ou as «can... sonecas?») do festival da Eurovisão, é mera coincidência. É pelo toque de autenticidade que uma arte se verifica. Para provar isso, bastava a interpretação dos dois espíritos angolanos — algo que fica na recordação dos telespectadores, embora não entendam uma palavra do que lá se disse.

Sim. Foi necessário este «TV Clube» para deixar as coisas no seu verdadeiro pé. E agora, o «Duo Ouro Negro» pode dar um giro, ver mundo, furtar-se ao abraço gostoso (mas mortal...) da televisão. O povo o diz: antes desejado do que aborrecido...

TV MUNDO — Sucessivamente

anunciado, sucessivamente adiado, o programa dedicado a Van Gogh aconteceu ontem. Aconteceu, deve dizer-se já, um dos melhores momentos que a Televisão até hoje nos proporcionou através de «TV Mundo».

A obra do artista, a sua vida em permanente luta pela coerência, iluminaram a noite. E além de tudo isso, as casas onde morou, as terras onde viveu, os ambientes que o rodearam, os pessoas com quem conviveu: tudo subitamente transfigurado aos nossos olhos como os lugares de que se diz terem sido tocados pelos deuses.

De nada nos vale aqui lamentar o que se perde com a inexistência da cor na reprodução dos quadros de Van Gogh. O melhor será festejar o que, apesar disso, ganhámos: a lição da sua humanidade, da sua presença, do seu amor pelas pessoas, pelo povo, pelas coisas simples que servem o homem e se apoderam da sua alma — um quarto, uma cadeira, umas botas...

Apenas um reparo. Se a tourada tem Saraiva Mendes como comentador qualificado; se o desporto conta com Agostinho, Santos, Amadeu, etc., etc.; se a ópera tem a servilidade de saber e a experiência de João de Freitas Branco, se o «Ballet» nos aparece ensinado por Luna Andermatt e Vera Varella Cid; se a música tem Bernstein e Atalaya — por que razão a pintura, ao nível de um Van Gogh, nos aparece tão brutalmente abandonada à sua sorte?

As palavras que ontem lá foram laboriosamente lidas não correspondem, nem de longe, a uma exigência mínima.

Volto a dizer, para se não pensar que me entretenho com a caca miuda, que não me interessam as pessoas, mas sim a eficácia da rubrica. E a de ontem, nas mãos de um apresentador competente, podia ficar imensamente valorizada. Van Gogh merecia. — M. C.

Para os nossos pobres

Para a mãe do serrador Albino Nicolau Gomes, que morreu em Caminha, colhido por um toro de pinheiro, recebemos de Lúcia Maria Fortunato Gama Reis — Miss Cork — a quantia de 50\$00. De A. F. S., pelas suas melhoras, recebemos 20 escudos para os pobres. Agradecemos em nome dos contemplados.

TAP

130.000 contos de aumento de capital



Acções em subscrição pública
de 3 a 11 de Abril de 1967

Informe-se no seu Banco

TAP

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES



Peixe fresco — sempre vai aparecendo algum

A mulher ideal deve lutar ao lado do homem pelo advento da sociedade da abundância

Responde um guarda-livros, casado, de 52 anos.

1 — Qual a sua concepção da mulher ideal? Que qualidades considera indispensáveis no sexo feminino?

R. — Quanto a mim as qualidades que definem uma mulher ideal ou, como eu prefiro dizer, uma mulher consciente, são as seguintes: honestidade, compreensão, interesse pelos problemas políticos e sociais do seu tempo, paixão e entusiasmo pelas coisas do espírito. A mulher «ideal» deve lutar, lado a lado, com o homem «ideal» contra tudo o que é mesquinho e vil, contra os preconceitos e as superstições obsoletas, contra os obstáculos que se opõem ao advento da tão falada e tão desejada sociedade da abundância.

2 — Como imagina a mulher do futuro?

R. — Julgo que a mulher do futuro, do futuro mais ou menos previsível (não devemos esquecer que a nossa vida civilizada não terá mais que uns sete mil anos e que o futuro da espécie humana pode estender-se por mais alguns milhares de anos), desempenhará na sociedade funções iguais às dos homens, isto é, trabalhará em todos os ramos da actividade criadora, será médica, professora, engenheira, operária, cientista, distinguirá-se nas artes plásticas, na música, na escultura, em resumo: dará uma contribuição imensa para a construção daquele mundo possível e com o qual nós sonhamos hoje.

3 — Qual a sua opinião acerca do trabalho profissional da mulher? Acha-o incompatível com as suas atribuições de mãe e dona de casa? Porquê?

R. — Não vejo incompatibilidade entre o trabalho profissional da mulher e as suas atribuições de mãe e dona de casa. É, contudo, inegável que hoje existem sérios problemas para a mulher empregada e com filhos, sobretudo porque não há creches em numero suficiente destinadas a cuidar das crianças durante as horas de trabalho das mães.

Todavia, creio que mais cedo ou mais tarde este problema será resolvido e, então, desaparecerá uma das maiores preocupações da mãe empregada.

Por outro lado, não considero indispensável a presença da mãe em casa durante as vinte e quatro horas do dia, para educar e orientar os seus filhos. O que é indispensável, isso sim, é que a mãe conheça aqueles princípios fundamentais da moderna pedagogia de forma a poder dar aos seus filhos uma educação conveniente.

A mulher deve ter acesso a todos os graus de ensino considerando como factor selectivo a sua capacidade mental

4 — Como gostaria que decorresse a organica do seu lar? Participa na sua elaboração ou deixa isso á inteira responsabilidade da sua esposa? Se não é casado, como espera proceder?

R. — A minha mulher não está empregada porque, depois de ter feito o seu exame de instrução primária numa aldeia perdida no Sul do País, foi vítima das circunstâncias adversas, ali existentes, e não pôde prosseguir nos estudos com o fim de se preparar para o desempenho de uma profissão, como era seu desejo. O «governo» do lar está inteiramente nas suas mãos.

5 — Como encara a ajuda masculina nos trabalhos domésticos, se a sua esposa não tem criada e trabalha fora do lar? O homem solteiro pode responder em perspectiva do futuro.

R. — Neste caso, penso que o homem deve ajudar nos trabalhos domésticos.

6 — Que pensa da cultura e promoção feminina? A mulher de hoje estará ou não mais apta a cumprir as suas funções?

R. — Penso que a mulher de hoje estará ou não mais apta a cumprir as suas funções.

NO ANO CONSAGRADO AO TURISMO INTERNACIONAL

Ligações diárias
Serviço de restaurante e bar
Assentos confortáveis
Ar condicionado

O CAMINHO DE FERRO
AO SERVIÇO DO TURISMO
Informe-se nas estações de Santa Apolónia e do Rossio e nas Agências de Viagens autorizadas.

prender o amor e a ter socialmente uma posição definida?

R. — Penso que a humanidade beneficiará imenso com a cultura e a promoção feminina (e não só feminina, mas também masculina...) e entendo por isso que se torna basicamente necessário o acesso da mulher a todos os graus do ensino, tomando apenas como factor selectivo a sua capacidade mental. É evidente que isto implica, desde logo, a existência de um sistema seus escalões.

Hoje, a mulher consciente tem uma noção actualizada do amor detestando, claro está, aquele triseducacional gratuito em todos os te papel de escrava do seu «senhor» e tendo, por isso mesmo, uma ideia exacta dos seus direitos e deveres e das relações que devem existir entre os dois sexos.

No espaço e no tempo — que em especial nos interessa — haverá por parte da maioria dos homens verdadeiro interesse pela política?

7 — Porque se nota, em geral, um tão acentuado desinteresse da mulher pelas questões políticas? A participação da mulher neste sector tão importante na vida das nações e no rumo dos povos não será de desejar?

R. — Creio que, em grande parte, esse desinteresse tem a sua aplicação no acto da mulher se ter deixado influenciar pela ideia falsa, mas muito generalizada, que a considera como não tendo capacidade para desempenhar um certo numero de actividades só reservadas aos homens, e no numero das quais, pensa-se, estariam as questões políticas.

Há ainda que ter em consideração a herança de um passado carregado de ignorância, os preconceitos e uma concepção errada do que seja a política, etc.

Ao responder a esta pergunta ocorre-me, porém, perguntar por minha vez: no espaço e no tempo que nos interessa especialmente haverá da parte dos homens, da maioria dos homens, entendase, um constante e verdadeiro interesse pelas questões políticas?

Sou de opinião que a mulher deve tomar parte na vida política de sua Pátria, estudar os problemas da guerra e da paz, que tanto afligem o mundo actual e, ao mesmo tempo, tentar influenciar com a sua intervenção esclarecida, a marcha da Humanidade no sentido de uma harmonia e entendimento entre os povos.

Afigura-se-me que esta actividade está inteiramente em concordância com a sensibilidade e os sentimentos mais nobres da alma feminina.

Tanto o homem como a mulher devem abandonar a ideia de chefia e predominância de um deles

8 — A mudança quase radical na personalidade feminina, na última centena, motivou a própria transformação do homem. Quer definir o homem actual?

R. — Segundo me parece, o que define melhor o homem actual é o seu desejo constante de ter uma concepção mais justa e racional dos problemas fundamentais da vida.

9 — Que pensa do patriarcado e matriarcado e do novo regime, ainda em esboço, das relações entre os dois sexos?

R. — Tanto o homem como a mulher devem abandonar a ideia de chefia ou predominância de um deles e assentar as bases da sua vida em comum, da sua vida familiar, no amor recíproco e nos princípios de uma boa compreensão mútua.

10 — Importar-se-ia ser dirigido profissionalmente por uma mulher? Porquê?

R. — Para alguém poder desempenhar um lugar de chefia tem que possuir um certo numero de qualidades, que são indispensáveis, e sem as quais essa chefia será inoperante ou prejudicial.

O verdadeiro chefe deve ser jus-

to, competente e exemplar no seu comportamento. Julgo eu que isto é o mais importante, e não o sexo, a que pertence quem exerce funções de chefia.

NOTA — Talvez as suas opiniões, leitor, sejam diferentes daquelas que expressam os depoimentos publicados. Marque uma posição. Escreva-nos, pois, como nos diz um leitor, as vossas respostas podem servir, ás mulheres, para um util estudo da psicologia masculina. Indique a idade, profissão e Estado civil.

MANHÃ NA PRAÇA

Um percalço acontece a qualquer!

— Há por aí tanto frango depenado!

A unica vendedeira de frangos do pequenino mercado do Bairro Alto esclarecia-nos sobre os motivos pelos quais fazia pouco negócio.

— E não pode matar nem depenar aqui no mercado? — perguntámos.

— Não podemos depenar nem uma cabeça... Já vendo por aqui há muitos anos e tenho freguesas certas. Se alguma delas encomenda, mato e depeno em casa... Agora as senhoras não querem ter trabalho...

Eram cerca de 10 horas e era pouca a afluência de vendedeiras e de compradoras.

— Não vem? — Inquirimos, indicando uma banca vazia.

— Deve vir mais tarde... Foi tomar o cafézinho...

Passámos paulatinamente ao longo das bancadas. De repente, zás, uma peixeira que vinha com um balde cheio de água entornou alguma sobre um dos nossos pés.

— Eu avisei! — exclamou ela á laia de desculpa.

Não dissemos nada. Para quê?

Uma garota olhava-nos com um ar muito sério, como se compartilhasse do nosso aborrecimento.

Sorrimos-lhe. Ela sorriu-nos.

— Não tem importância...

Ela deu de ombros ao mesmo tempo que nós.

De facto, não tinha qualquer importância. Bastou o interesse amigoso de uma garotinha... E depois lembrámo-nos de quantas vezes temos já posto os pés nas poças de água no Mercado de 24 de Julho e também «fazemos de conta». Até nunca nos quezámos. E depois, acreditamos que a vendedeira não fez de propósito...

Um episódio insignificante, que não teve importância...

BARREIRO — PARADA
LA CAÑIZA



DELFINA GONZALEZ ANTON

Missa do 1. Aniversário

José Paramés Gonzalez, mulher e filhos, Domingos Paramés Gonzalez, mulher e filhos, Maria de Los Angeles Paramés Gonzalez, marido e filhos, Rosa Paramés Gonzalez, marido e filha, Manuel Paramés Gonzalez, mulher e filhos, António Paramés Gonzalez, mulher e filhos, sobrinhos e mais familia participam que amanhã, dia 29, ás 10 horas, na Igreja de São Jorge de Arroios, será rezada missa pelo eterno descanso da alma de sua saudosa mãe, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem associar-se a este piedoso acto.

P. N. A. M.

AGÊNCIA GIL

RONDA SEMANAL DOS
MERCADOS DE LISBOA

BONITA HORTALIÇA COM POUCAS PRETENDENTES

Este mercadinho entalhado no meio do Bairro Alto não oferece muitas possibilidades para a recolha de preços. Os seus preços serão idênticos aos que vigoram nos grandes mercados, mas como tem pouca variedade não poderemos fornecer uma tabela tanto quanto possível completa. Mesmo assim, de vez em quando gostamos de dar lá uma saltada.

Hoje trouxemos os seguintes apontamentos: o molho de agriões vendia-se a \$80 e 1\$00; de grelos de couve, 4\$00; a mãozinha das nabijas, 1\$00; e o molho dos espinafres, 6\$00. O quilo da ervilha de grão estava a 9\$00; das azeitonas, a 7\$00; e das cenouras, 3\$50. Cada alface custava 1\$00 e duas 1\$50; a couve portuguesa, 1\$50; a lombarda, 2\$50; e cada cabeça de nabo \$50.

POUCA VARIEDADE DE PEIXE

O quilo do sável vendia-se a 16\$80; a sardinha, a 10\$00; a pescada de Vigo, a 16\$00; a pescada, a 33\$00 e 30\$00; a marmota, a 27\$00 e 25\$00; o peixe-espaia, a 16\$00; o pargo legítimo, a 30\$00; o linguado, a 28\$00; os chocos, a 15\$00; os rabinhos de pescada, a 16\$00; a conquinha, a 10\$00; o herbição a 4\$00; e o pombo, a 20\$00.

FRUTA E CRIAÇÃO

A maçã reineta estava a 13\$00 o quilo; a laranja, a 4\$00, 4\$50, 5\$00 e 6\$00; as bananas, a 10\$40; e o pêro encarnado, a 11\$70.

O quilo do frango vivo custava 29\$50; do coelho, 25\$00; e a dúzia dos ovos, a 12\$20 e 12\$50.

DONA DE CASA

ATENÇÃO

CIDADES, VILAS E POVOAÇÕES DO CENTRO, NORTE E SUL

Bom rendimento ao capital

KLEIN

A balança alemã para pesar pessoas, de actuação com o peso exacto e de menor preço no nosso país

REPRESENTANTES:

A. Lisboa, Lda.

Rua Rodrigues Sam- poio, 63 — Lisboa-1
Tel. 48725

Em CANTO ao «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se nas agências dos srs JOAQUIM FACINTO FRANCISCO e JOSE AUGUSTO DE MELO BROUADO

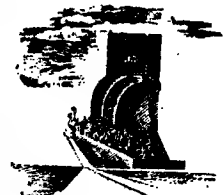
GUIA TURÍSTICO

PARA NACIONAIS
E ESTRANGEIROS

O Monumento dos Descobrimentos —miradoiro inaproveitado

Lisboa, que teve a ventura de nascer à beira do Tejo, cresceu e fez-se gente debruçada sobre o rio, cuja influência na vida da cidade se reporta às mais remotas eras. O Tejo, que viu partir as caravelas de Quinhentos para os mares tenebrosos, que poetas têm cantado e prosadores têm descrito, faz parte da fisionomia da cidade, não podendo conceber-se uma imagem de Lisboa sem o Tejo. O casario da capital, disperso pelas suas famosas sete colinas, e a desafogada e surpreendente estrada líquida que a põe em comunicação com o Mundo inteiro — agora uma panorâmica extraordinariamente enriquecida com a magnífica ponte que uniu as duas margens — completam-se e harmonizam-se da melhor maneira. Cidade e rio formam um dos mais belos quadros paisagísticos da terra portuguesa, de que os portugueses se orgulham e os estrangeiros muito apreciam.

Natural será, portanto, que, nesta época essencialmente turística em que vivemos — este ano receberemos, por certo, o desejado turista «Dois milhões» —, as atenções das entidades responsáveis pelo progresso do turismo nacional e do turismo lisboeta se fixem, ainda mais, no Tejo. Anos a fio, incompreensivelmente, contribuiu-se para que Lisboa voltasse as costas ao rio, esquecendo-se que está ali o seu melhor atractivo. Mas, felizmente, já vão ficando cada vez mais longe os tempos em que na histórica e formosa zona de Belém tudo era antiturstico, a começar por horrível mastodonte que, durante um ror de tempo, desfeiteou e enegrecceu a nossa mais valiosa jóia manuelina. Se bem que muito ainda haja a fazer para aproximar a cidade do rio e o rio da cidade — para revelar inteiramente o Tejo aos turistas e aos próprios lisboetas —, não poderá ignorar-se o muito que também já se fez nesta última meia dúzia de anos. E oxalá a benéfica cruzada pró-rio Tejo prossiga.



morar o rio; é o sortilégio dos grandes espelhos líquidos. Por que não se adapta então a miradoiro o histórico Monumento dos Descobrimentos? Haverá melhor balcão debruçado sobre o Tejo? Pense-se e medite-se e concluir-se-á que ali, no belo padrão concebido pelo saudoso Cottinelli Telmo, também a História e o turismo poderão caminhar de braço dado.

Erguido à beira do rio, com as dimensões e as formas do padrão que figurou na Exposição do Mun-

POR
VASCO CALLIXTO

do Português, em 1940, o Monumento dos Descobrimentos, qual proa de caravela apontada ao Tejo, immortaliza a época gloriosa dos nautas lusos que deram novos mundos ao Mundo, tendo como figura principal o infante D. Henrique, obreiro número um dessa cruzada inesquecível. Lá estão, também, a excelsa rainha D. Filipa de Lencastre, Vasco da Gama — que tarda em ter em Lisboa um monumento — Gil Eanes e o marmático Pedro Nunes, como a toda a altura do padrão se vê a espada de Avis, simbolizando a força das armas e da fé cristã. Começado a construir em fins de 1958, o magnífico padrão de Belém foi inaugurado em 9 de Agosto de 1960.

Miradoiro atraente

Com 50 metros de altura, ocupando uma área de 692 metros quadrados, o Monumento dos Descobrimentos, com uma situação excepcional e com a sua zona adjacente extraordinariamente valorizada, poderá ser o belíssimo e atraente miradoiro que os turistas não deixarão de visitar, para melhor apreciarem a beleza fascinante do Tejo e a riqueza arquitectónica de Belém.

Embora dê a impressão de ser totalmente de cantaria, o histórico padrão tem a sua estrutura resistente inteiramente de betão armado, formando com os paramentos um monólito. No interior será possível instalar um ascensor ou facilitar o acesso por escada até ao último pavimento, que se utilizará como miradoiro. Por que se espera então? Em sete anos — tan-

(Continua na página seguinte)

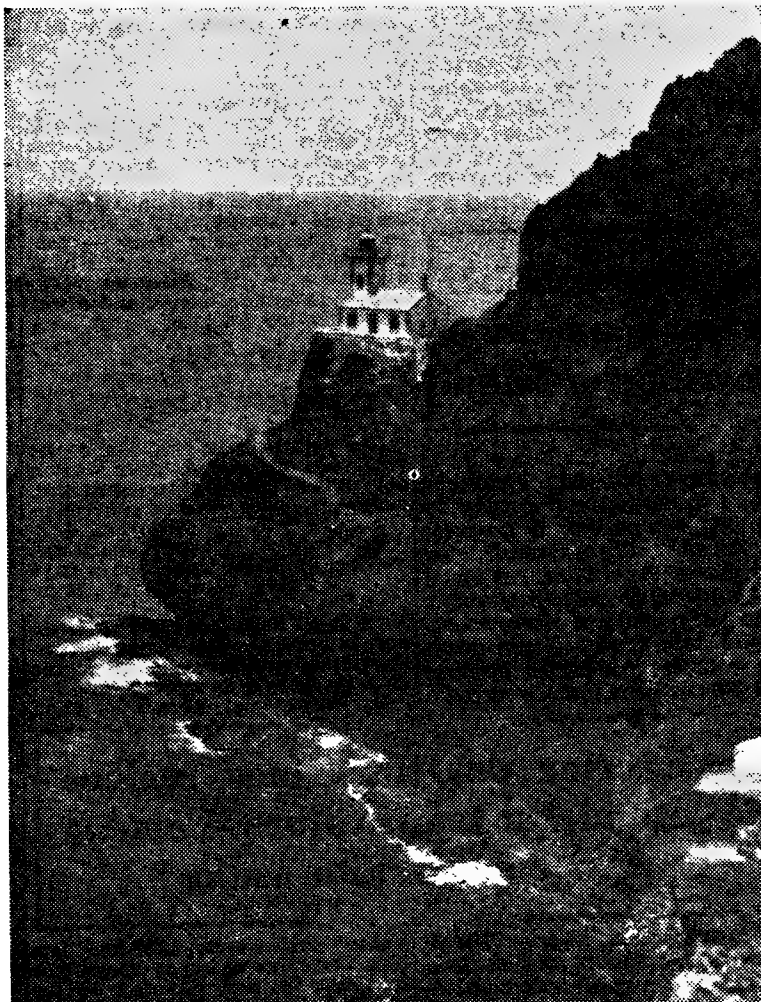
Prevê-se importante tráfego no aeroporto de Gerona

O aeroporto de Gerona, em Espanha, deverá ser inaugurado em Abril ou Maio. Entretanto, já se encontra definida a planificação dos voos regulares, de Maio a Outubro, que vão utilizar aquela nova infra-estrutura.

Um grupo de sete importantes companhias de navegação aérea já programou 244 voos, com o total de 16 754 lugares disponíveis. A B.E.A., por sua parte, prevê a efectivação de oito voos semanais e utilizará aparelhos do tipo «Comet» e «Vanguard».

Deste modo, calcula-se ser possível manter a oferta média de 700 lugares por semana, durante a «alta estação», correspondendo ao total de 600/700 viagens.

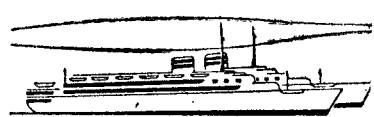
A confirmar-se este tráfego, deveras promissor, no aeroporto de Gerona, poderá representar 80 por cento do que se destinava, até agora, a Perpignan e Barcelona (voos charters).



O farol da ilha de S. Vicente — luz que se renova todos os dias ao serviço da navegação

O arquipélago de Cabo Verde deveria ser melhor aproveitado durante o Inverno europeu

Cada vez mais se acentua o extraordinário interesse turístico do arquipélago de Cabo Verde, à medida que se desvanece a ideia da esterilidade generalizada do solo e do desfavor do clima. Embora existam ali, com efeito, algumas zonas difíceis, inóspitas, devido a falta de água, na maioria dos casos apenas tem faltado a mão do homem a completar o exuberante quadro proporcionado pela Natureza. Tanto assim é que já se movimentam algumas empresas estrangeiras dispostas a investir os seus capitais naquele território insular, atendendo às vantagens da sua posição geográfica — e ainda à circunstância do seu aproveitamento durante o Inverno europeu, quando se podem utilizar em plenitude as belas praias cabo-verdianas.



Intensificadas, portanto, as comunicações aéreas e marítimas, dotado o arquipélago das infra-estruturas indispensáveis (estradas, portos e aeroportos, ho-

téis e hotéis), ainda que em pequena escala, não há dúvida que o turismo constituirá o passo decisivo e necessário ao progresso económico e social daquelas paragens. A actividade turística fará movimentar, por outro lado, indústrias diversas, desde a pesca ao labor agro-pecuário, sem esquecermos o artesanato. Tudo depende de uma planificação criteriosa, que acompanhe as realidades actuais. Atente-se, também, no facto de a estância vizinha das Canárias já se encontrar saturada, proporcionando, assim, renovada oportunidade de expansão turística ao arquipélago de Cabo Verde.

Posição geográfica

O arquipélago de Cabo Verde fica situado, como sabemos, no oceano Atlântico, em frente de Dakar, a 455 quilómetros da costa do continente africano, e é constituído por dez ilhas e cinco ilhéus, divididos em dois grupos: Barlavento e Sotavento. O grupo de Barlavento compreende as ilhas de Santo Antão, S. Vicente, Santa Luzia, S. Nicolau, Boavista e Sal e os ilhéus Branco e Raso. O grupo de Sotavento é constituído pelas ilhas de Maio, Santiago, Fogo e Brava e os

NOTÍCIAS DE ESPANHA

• Mais de 600 milhões de pesetas vão ser investidos no Centro de Interesse Turístico Nacional de Oleiros (Corunha), no prazo de seis anos. Prevê-se a construção de importante aglomerado turístico-residencial que, com a denominação de Santa Maria de Canide, abrangerá uma superfície de 3500 metros quadrados.

Pesqueiros férteis em Cabo Verde

Os mares cabo-verdianos são extraordinariamente férteis. Há ali, com efeito, grande variedade de espécies úteis, sendo a albacora (pequeno atum) a mais procurada pelos pescadores profissionais, pois é exportada em conserva. Captura-se e exporta-se, também, em grandes quantidades, a apreciada lagosta.

Os pescadores desportivos e os caçadores submarinos dispõem de excelentes possibilidades de acção em Cabo Verde, afluindo ali, cada vez mais, os amadores estrangeiros dessas modalidades.

ilhéus Grande, Luís Carneiro e de Cima.

Situada em pleno Atlântico, a província cabo-verdiana ocupa, assim, posição de especial importância do ponto de vista das comunicações entre o Velho e o Novo Mundo. Essa posição no cruzamento das rotas obrigatórias das grandes linhas de navegação entre a Europa e a América do Sul, do mesmo modo que no sentido do oeste de África para a América do Norte, confere ao Porto Grande, em S. Vicente, um valor excepcional para o reabastecimento normal dos grandes barcos que cruzam o Atlântico e ali recebem combustível e frescos, entre outros produtos.

Um pouco de história

Foram dois navegadores ao serviço do Infante D. Henrique — Diogo Gomes e António Noli — que, em 1460, numa manhã de Maio, descobriram as ilhas de Santiago e de Maio.

Dois anos depois, começou o povoamento do arquipélago — todas as ilhas eram desertas —, com gente ida da Metrópole e naturais da Gui-

(Continua na página seguinte)

A. GAMA REIS
(MR. CORK)



Member of Portuguese Chamber of Commerce

WELCOMES YOU AT
Casa das Cortiças
(CORK HOUSE)

AND AT
Metrópolis

(Mrs. Cork's Souvenir Shop)
4, R. ESCOLA POLITÉCNICA — 10
LISBON Phone 325858
(Portugal) Telegrams Isolantes

AMERICAN EXPRESS CREDIT
CARDS HONOURED HERE

O clima de Cabo Verde é (de um modo geral) temperado

(Continuação da página anterior)

ne, que se distribuíram pelas zonas mais propícias à sua estada.

Separados dos seus hábitos e do seu meio — lê-se numa publicação editada pela Agência-Geral do Ultramar — os naturais da Guiné perderam rapidamente os seus costumes próprios e, pela fu-



qua drados), de cujas erupções já há notícia desde o século XVII; do outro, terras férteis, muito em especial o sítio denominado Chã de Caldeiras, que produz deliciosos frutos europeus e tropicais.

A ilha de Maio é de uma beleza calma e de tons claros, por

portuguesa: Ribeira Brava. Na ilha do Sal, o aeroporto internacional tem um ar cosmopolita. Afirma-se muito curiosa a visita das salinas de Pedra Lume, exploradas na cratera de vulcão já extinto. Uma pequena, mas aprazível, praia de banhos na Palmeira, frequentada pelas tripulações das aeronaves, poderá ser utilizada pelos turistas. O mar desta ilha é rico de lagostas, sendo muito propício para a caça submarina.

Importa, ainda, sublinhar que, do ponto de vista humano e etnológico, as ilhas de Cabo Verde — praticamente ainda por descobrir para o turismo — proporcionam vasto campo de estudo, bem como o seu característico folclore.

Comunicações e alojamentos

A província cabo-verdiana é servida, por via aérea, pela TAP e por uma companhia brasileira, cujas aeronaves escalam o aeroporto do Sal. A ligação marítima, por sua vez, é mantida, regularmente, pela Sociedade Geral de Transportes, por intermédio das carreiras Lisboa-Guiné, com escala pelos portos de S. Vicente e da Praia.

Os Transportes Aéreos de Cabo Verde estabelecem, também, ligações regulares entre os aeroportos da Praia, Sal e S. Vicente e as pistas do Fogo, Maio, Boavista e S. Nicolau. Ainda no capítulo dos transportes internos, é de salientar a existência de uma cabotagem interinsular.

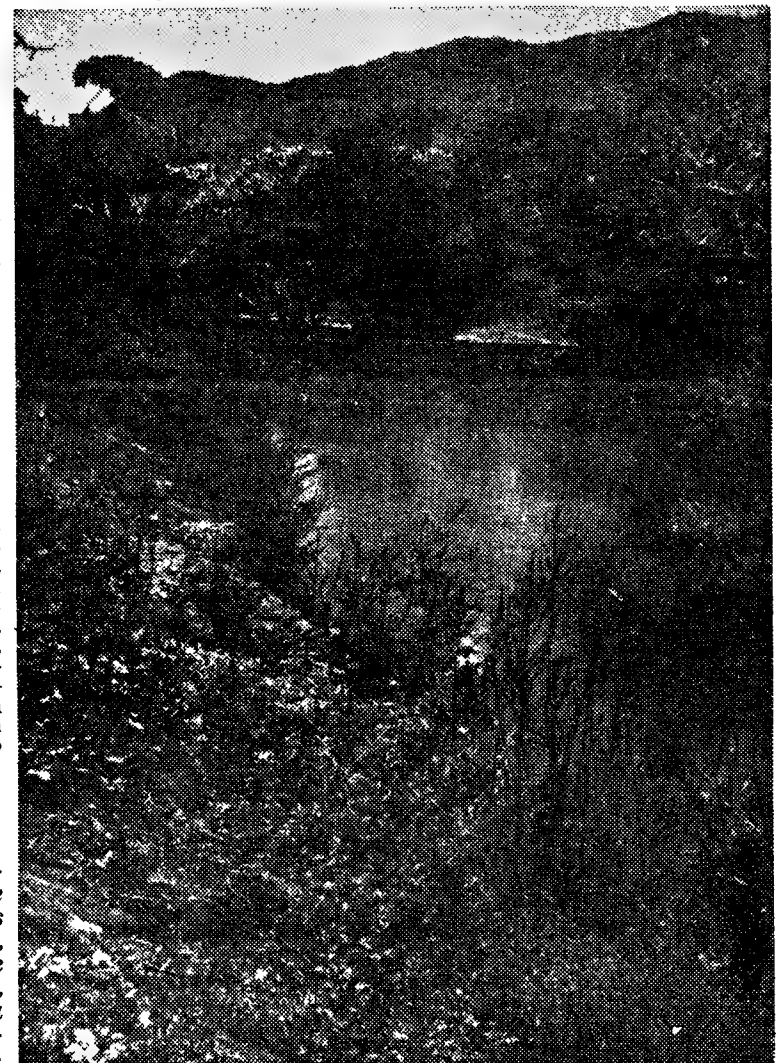
Alojamentos principais: ilha do Sal (Aeroporto dos Espargos), Hotel Atlântico; ilha de S. Vicente (Mindelo), Pensão Atlântica, Pensão Chave de Ouro, Pensão de Pedro António Duarte de Almeida e Pousada da Baía das Gatas; ilha de Santiago (Praia), Pensão Moreira, Pensão Paraíso, Pensão Rialto e Pousada Praia-Mar.

No interior das ilhas (nas regiões de altitude) a temperatura é amena e o clima muito sadio

res da capital da ilha — Mindelo — proporcionam aos visitantes passados e paisagens admiráveis, devendo salientar-se a praia da Baía das Gatas, bem como o miradouro Craveiro Lopes. Monte Verde (o mais alto da ilha), Morro Branco e Ponta de João Ribeiro.

De Santo Antão ao Sal

A fértil ilha de Santo Antão possui recantos de extraordinária beleza, com soberbas panorâmicas, águas minerais de grande valor medicinal e clima magnífico. Por sua vez, S. Nicolau proporciona ao visitante uma povoação tipicamente



Represa destinada aos trabalhos de regadio na ilha de Santiago

Informações diversas

O clima das ilhas de Cabo Verde é, de um modo geral, temperado, sendo a média anual da temperatura de 23,6. A temperatura e humidade registam os seus valores maiores em Setembro, e os menores em Fevereiro, mas tanto uns quanto outros nunca excessivos e, por conseguinte, sem prejuízo para o organismo humano. No interior das ilhas, nas regiões de altitude, a temperatura é sempre amena e o clima extraordinariamente sadio.

A área total do arquipélago é de 4033 quilómetros quadrados, assim distribuídos: Santiago, 991; Santo Antão, 779; Boavista, 620; Fogo, 476; S. Nicolau 343; Maio, 269; S. Vicente, 227; Sal, 216; e Brava, 64. A ilha deserta de Santa Luzia tem 35 quilómetros quadrados e os ilhéus 13,5.

A população desta província, segundo o censo de 1960, é de 201 549 habitantes: Boavista, 3309; Brava, 8646; Fogo, 25 457; Maio, 2718; Santiago, 88 940; Santo Antão, 34 598; Sal, 2626; S. Nicolau, 13 894; S. Vicente, 21 361.

Aspectos turísticos

Para quem procura quebrar a monotonia de um ano de trabalho, Cabo Verde proporciona repouso completo, bem diferente das habituais férias de rotina. A Cidade da Praia, capital e sede do Governo da província, assenta num planalto de cerca de 30 metros acima do nível do mar. A 16 quilómetros da capital, as ruínas da primeira metrópole ultramarina dos trópicos — a Cidade Velha — são dignas de uma minuciosa visita.

O interior da ilha de Santiago apresenta, por sua vez, aspectos paisagísticos bastante interessantes, sendo recomendável uma visita a Santa Catarina e a S. Jorge dos Órgãos, onde está instalado um posto agro-pecuário, e, ainda, por outro ramal da estrada, à Trindade e Curralinho, de onde se desfruta magnífica e surpreendente panorâmica, numa temperatura agradávelíssima — 19 graus. A ilha de Santiago oferece, ainda, numerosas atracções, nomeadamente a caça submarina, possível em águas de um azul límpido e quase mediterrânico. A época ideal para a pesca começa em Junho, e facilmente se encontram embarcações que as empresas do sector alugam aos turistas.

Outros atractivos

A ilha Brava, com uma vegetação abundante e de um verde admirável, dispõe de excelentes águas medicinais. Por sua vez, a ilha do Fogo é território de contrastes: de um lado a serra, em forma de meia-lua, cortada a pique, destacando-se o seu imponente vulcão (2829 metros numa superfície de 476 quilómetros

CONSIDERAÇÕES SOBRE TURISMO

A IMPORTÂNCIA DE UM PARQUE NACIONAL PORTUGUÊS

Assiste-se em Portugal a um surto turístico.

Quando se viaja, agora, de Norte a Sul do País, novos restaurantes se observam à beira das estradas, em todos os lados. O português tomou o hábito de ir aos restaurantes, coisa quase desconhecida entre nós há uns vinte anos. Devo confessar, em abono da verdade, que se come muito melhor no Norte do País do que no Centro ou no Sul. Em Lisboa, a não ser nos restaurantes de luxo, os restaurantes são maus; a comida, aliás cara, está longe de ser de primeira qualidade. No Algarve, os progressos são lentíssimos e a boa mesa parece ser ignorada dos algarvios. Ousamos esperar que os novos hotéis que se erguem darão o necessário impulso neste sentido.

Devo assinalar aqui, contudo, a melhoria tanto do serviço como da mesa que se verifica nas pousadas nacionais. A comida é abundante e, geralmente, de boa qualidade. O pessoal é atencioso, há progressos. Um único defeito: as pousadas são já pequenas demais.

Falando há pouco com um gerente, este dizia-me: estamos cheios todo o ano; devíamos ter o dobro dos alojamentos. Mas enfim, as pousadas deram o exemplo e foi um marco na estrada do turismo nacional.

Meios de comunicação

Falamos da mesa e das pousadas e falemos, agora dos meios de comunicação. Não se pode dizer que há progressos: a estrada principal Lisboa-Porto, espinha dorsal do esquema rodoviário, não passaria de uma estrada secundária em qualquer outro país. O mais irritante é a lentidão dos trabalhos. Há três anos, por exemplo, que se trabalha no percurso Montemor-Arraiolos. Em certos desvios da estrada Porto-Coimbra a situação é idêntica: as máquinas repousam «tranquilamente» nas bermas das rodovias. Acontece, que, por imprevidência, as estradas que se construíram já são estreitas de mais. Elas estão ao inverso dos camiões que servem, os quais ocupam cada vez mais espaço.

Existem «gargantas» inadmissíveis, como a da Ota-Alenquer e tantas outras. Um turista, que costu-

«DIÁRIO DE LISBOA»

O semanário «O Arquipélago», que se publica na cidade da Praia, em Cabo Verde, transcreveu, na íntegra, o trabalho inserido nesta secção, no dia 3 de Janeiro, sobre «Cabo Verde» — atracção desconhecida para o português. Aquele periódico, numa amável nota de redacção, refere-se elogiosamente à acção do «Diário de Lisboa», o que agradecemos.

De harmonia com o plano de modernização da Renfe, está prevista a substituição intensiva das locomotivas a vapor por outras, de tracção «Diesel» ou eléctrica. Nas últimas semanas do ano findo funcionavam no país vizinho 2645 locomotivas a vapor, das quais serão retiradas dentro em breve do serviço 645. Calcula-se que, em 1973, só estejam a circular 260 dessas máquinas.

mava visitar-nos, mas deixou de cá vir, dizia-nos um dia.

— O vosso país é muito agradável, mas as vossas estradas, senhor...

E sem estradas não há turismo.

Ideia feliz

Foquemos, agora, um alvitre que parece merecer estudo justificado. Visitámos, há pouco, essa formosíssima região que é a serra do Gerês, com os seus lagos artificiais formados pelas barragens. Conhecemos bem a Suíça. Pois podemos aqui dizer que é tão bela como a Suíça. A ideia que vamos lançar é a seguinte:

— Porque não criar um Parque Nacional?

Portugal, com a sua fauna brava, devidamente protegida, vivendo tranquilamente nas montanhas do Norte, podia constituir um motivo de atracção especial para os turistas. As bases, a nosso ver, seriam as seguintes:

O Parque Nacional Português deveria somente ser percorrido por estradas ou caminhos designados para o efeito. O acesso seria vedado às pessoas de menos de 15 anos que não se deslocassem acompanhadas de adultos. O acesso ao parque seria proibido às escolas e grupos de jovens que não fossem conduzidos por pessoas de responsabilidade. As sociedades e escolas de mais de vinte pessoas deviam fazer-se anunciar a tempo, junto dos órgãos de «controlo» do parque. Seria proibido pescar ou caçar no território do Parque Nacional, de ratar, de ferir ou de molestar os animais, de pilhar ninhos, de desenterrar plantas e cogumelos, de colher flores, abater ou apanhar lenhas, fazer lume, de acampar, de lançar ou abandonar detritos. Seria, também, proibido fazer filmagens profissionais, introduzir armas, engenhos de captura e de herbicidação, e cães, mesmo atrelados.

Elas muitas interdições, não de dizer; mas pensando bem, e quando se sabe como os turistas são tantas vezes negligentes com o que não é de sua propriedade, compreende-se o cuidado das autoridades que terão a seu cargo o futuro Parque Nacional Português.

O culto da Natureza

Esses vales alpestres, propriedade do povo português, devem ser respeitados como um santuário para a felicidade daqueles que ainda desejem gozar de um recanto da Natureza não destruído, enfeitado e comercializado, o que nos tempos que vão correndo, não é, infelizmente, muito vulgar.

Portugal, com a sua fauna de animais bravios, pode constituir, tal como se fez na Suíça, no Cantão dos Grisons, um pólo de atracção de primeira grandeza para os amantes da Natureza. Pousadas confortáveis à beira desses lagos alpestres, seriam certamente rentáveis.

Creemos que a ideia vale a pena ser estudada, porque um Parque Nacional Português, onde animais e flores seriam devidamente protegidos, representaria uma alta lição de civismo para o povo e um excelente motivo de visita a Portugal.

CONDE DE STUCKY DE QUAY

Miradouro sobre o Tejo que os turistas desconhecem...

(Continuação da página anterior)

tos quantos medearam desde a inauguração do monumento — o turismo evoluiu e justifica, cada vez mais, iniciativas tendentes a agradar aos visitantes.

Poderá haver, porém, quem considere de somenos importância a criação de mais este miradouro em Lisboa, alegando-se que a cidade tem muitos mais, bem melhor situados. Mas a grande maioria dos turistas, disso estamos certos, gostará de apreciar a bela panorâmica, de meia centena de metros de altura.

Exemplo concludente

Em toda a parte assim sucede. Em Munich, por exemplo, a estátua da Bavária — enorme figura de mulher que domina o vasto «Prado de Teresa» — com 30 me-

tros de altura (pouco mais de metade do padrão de Belém), não deixa de ser visitada pelos turistas, que sobem pelo interior até à cabeça da figura, apenas para espreitarem para o exterior por umas pequenas fendas que ali se abrem. Mas, mesmo assim, apesar de pouco ser estudada, porque um Parque Nacional Português, onde animais e flores seriam devidamente protegidos, representaria uma alta lição de civismo para o povo e um excelente motivo de visita a Portugal.

VASCO CALLIXTO

Paulo VI encoraja as organizações que se dedicam ao progresso dos povos

(Continuação da 1.ª página)

este objectivo se deveria acabar com o isolamento e criar-se uma autoridade mundial eficiente.

Proseguindo, Paulo VI declara: «Estamos todos unidos neste empreendimento. Temos desejado recordar a todos os homens a importância do momento presente e a urgência do trabalho que deve ser feito. Sou a hora da acção. Está em jogo a sobrevivência de muitas crianças inocentes e de muitas famílias atingidas pela miséria e o seu acesso à condição a que têm direito todos os seres humanos».

Mais adiante, o Papa escreve: «Está também em jogo a paz mundial e o futuro da civilização. Sou o momento de todos os homens e de todos os povos enfrentarem as suas responsabilidades».

Paulo VI disse que as nações mais ricas tinham o dever da solidariedade humana para com os países menos desenvolvidos. Ninguém tem o direito de ignorar as obrigações que lhe são impostas pela fome mundial. Porém, não era suficiente acabar com a fome e minorar a pobreza. O Mundo deve ser edificado de tal forma que todos os homens, sem excepção, possam levar uma vida digna da sua condição de seres humanos».

Noutra passagem da encíclica, o Sumo Pontífice afirma que os países ricos devem pôr as suas riquezas superfluas ao serviço dos países mais pobres.

«Caso contrário a contínua coibição dos países ricos apenas poderá provocar o julgamento de Deus e a ira dos pobres, com consequências que ninguém poderá prever».

Paulo VI afirma, depois: «Está em jogo a própria vida dos países pobres, a paz entre os civis e os países em vias de desenvolvimento e a própria paz mundial». Sua Santidade acrescenta que deve acabar o abismo entre os países ricos e os países pobres e ser evitada a «ditadura económica» da livre concorrência no comércio. A liberdade de comércio só é justa se estiver submetida aos requisitos da justiça social. Tal liberdade poderá ser regulamentada por meio de acordos internacionais.

Entre os obstáculos que Paulo VI afirma deverem ser vencidos contam-se o nacionalismo que isola os povos do seu verdadeiro Deus e o racismo que ataca os invioláveis direitos humanos.

O PROBLEMA DO «CONTROLE» DOS NASCIMENTOS

Falando do problema do acréscimo dos nascimentos, o Papa exorta os poderes públicos, «nos limites da sua competência», a intervir mediante uma informação apropriada e adoptando as medidas convenientes, desde que sejam conformes às exigências da lei moral e respeitem a justa liberdade dos conjugues.

«Sem direito inalienável ao casa-

mento e à procriação — acrescenta Paulo VI — não há dignidade humana. Cumpre finalmente, aos pais decidir, com pleno conhecimento de causa, do número dos seus filhos, assumindo as suas responsabilidades perante Deus, perante eles mesmos, perante os filhos que já lançaram ao Mundo e perante a comunidade a que pertencem, de acordo com as exigências da sua consciência instruída pela lei de Deus autenticamente interpretada e apoiada pela confiança no Senhor».

O Papa afirma depois que «o de-

CINCO ENCÍCLICAS EM TRÊS ANOS E MEIO

A encíclica sobre os direitos dos países subdesenvolvidos à justiça social, é o quinto documento deste género publicado pelo Papa Paulo VI desde o início do seu Pontificado, há três anos e meio.

Das cinco encíclicas, salienta-se a primeira, intitulada «Ecclesiam Suam», e que veio a público em 6 de Agosto de 1964, constituindo como que o programa do pontificado de Paulo VI. Ela esclarece as vias de «aggiornamento» da Igreja (cristocêntrica, aberta ao diálogo...)

As outras encíclicas publicadas por Paulo VI foram a «Mense Maio», de 30 de Abril de 1965, a pedir a celebração do Mês de Maria pelo Concílio e pela paz; a «Mysterium Fidei», de 3 de Setembro de 1965, a prevenir contra erros em voga sobre a Eucaristia; e a «Christi Matris», de 19 de Setembro último, a pedir um dia de preces pela paz no aniversário da visita do Papa a O. N. U.

envolvimento é o novo nome da paz» e acrescenta: «A paz não se pode limitar a uma mera ausência de guerra, que seja o resultado de um precário equilíbrio de forças.

«Não. A paz é algo que se constrói dia após dia, com a preocupação de alcançar uma ordem inspirada por Deus, a qual implica uma forma mais perfeita de justiça entre os homens».

«Acordos regionais de apoio mútuo entre os países débeis, acordos de carácter mais vasto, destinados a auxiliar esses países e programas de cooperação entre grupos de nações — eis os pontos principais do caminho do progresso, que conduz à paz».

«Encorajamos de todo o nosso coração as organizações que se dedicam ao progresso dos povos e o nosso desejo é de que elas vejam aumentado o seu prestígio e autoridade».

Recordando a sua visita às Nações Unidas, o Papa afirma: «Quem não reconhece a necessidade de se estabelecer progressivamente uma autoridade mundial capaz de agir, eficazmente, nos sectores jurídico e político? Alguns consideram utópicas tais esperanças. Pode ser que essas pessoas não tenham suficiente realismo e não se tenham apercebido do dinamismo de um Mundo que deseja viver fraternalmente em paz».

O PADRE LEBRET FOI UM DOS PRINCIPAIS COLABORADORES DO PONTÍFICE

Ao conceder uma conferência de Imprensa para revelar porme-

nore da encíclica, monsenhor Paul Oupard, disse que o Papa trabalha na sua redacção desde que foi coroado, em 1963.

Porém, depois da sua visita à Índia, no ano seguinte, sentiu a urgência de publicar um documento acerca destes problemas.

A encíclica foi escrita e revista por sete vezes antes de ser hoje publicada, tendo sido um dos principais colaboradores do Papa o dominicano francês padre Louis Lebre, falecido no ano passado.

OFERTA DE EXEMPLARES ASSINADOS PELO PAPA

CIDADE DO VATICANO, 28 — (F. P.) — O Santo Padre deu instruções para o envio de cinco exemplares da encíclica «Populorum Progressus», assinados por ele, ao secretário-geral da O. N. U., aos directores-gerais da UNESCO e da F. A. O., ao secretário da comissão pontificia «Justitia et Pax», e ao presidente da «Caritas International».

Nova agência em Moçâmedes do Banco de Crédito Comercial e Industrial

MOÇÂMEDES, 28 — (E) — Durante a sua recente estadia em Moçâmedes, o governador geral de Angola inaugurou as instalações da nova agência do Banco de Crédito Comercial e Industrial, a sétima que esta instituição bancária fixa nesta província. Estiveram presentes as principais autoridades locais.

O director-geral do banco, dr. Rui Fortes da Gama, assinalou que o tenente-coronel Rebocho Vaz tivera ocasião de assistir à inauguração de duas agências do Banco de Crédito: a primeira, instalada em Carmona, na qualidade de governador do distrito do Uíge, e aquela a que se procedia, agora como principal magistrado da Província. As duas datas, distanciadas apenas um ano, exprimiam a expansão de uma instituição que alargou as suas actividades das altas terras do Uíge aos domínios vastos do Namibe e que com a sólida experiência do seu associado e principal accionista, o Banco Borges & Irmão, é hoje um dos mais seguros e progressivos instrumentos da economia ultramarina.

O dr. Fortes da Gama observou, ainda, que o Banco já distribuiu, só em Angola, perto de 1 500 000 contos de créditos, quer pelo comércio, quer pela indústria e agricultura, e terminou afirmando: «Não podemos fazer milagres, mas o caminho percorrido e a obra realizada são penhores da nossa progressiva contribuição no desenvolvimento económico da Província».

O governador geral, em resposta, disse da sua satisfação por estar presente à inauguração de uma nova agência do Banco de Crédito e afirmou querer aproveitar a oportunidade para realçar as declarações feitas pelo dr. Fortes da Gama. Terminou fazendo o elogio deste dirigente bancário e felicitando a cidade de Moçâmedes e o Banco pela inauguração a que procedera.

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o céu estava muito nublado ou encoberto. Caía chuva ou chuvisco em alguns locais e havia nevoeiro noutros por influência de uma massa de ar marítima, transportada na circulação de uma depressão, centrada a nordeste das Ilhas Britânicas. O vento era fraco ou moderado do quadrante Oeste.

TEMPERATURAS E EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Távira, 20°; mínima: Penhas da

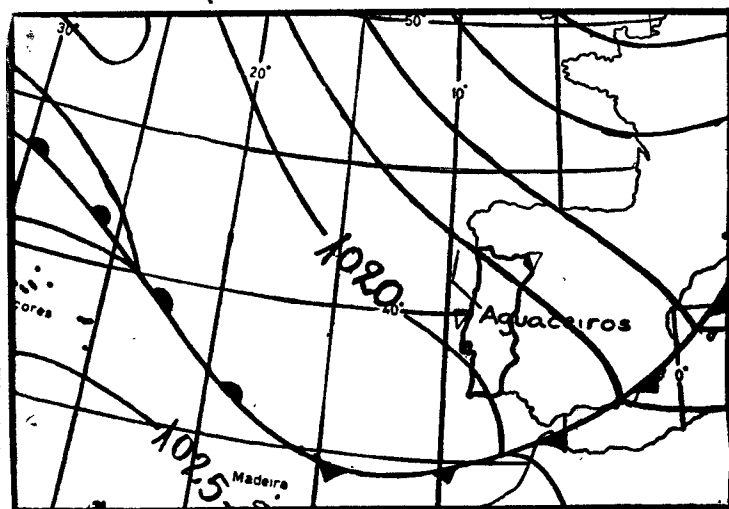
Saude, 3°.

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS — Coimbra, 12°; Faro, 16°; Funchal, 18°; Lisboa, 15°; Penhas Douradas, 3°; Portalegre, 11°; Porto, 12°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, AS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 15,1°; na água do mar 14,7°.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTRADAS HOJE EM LISBOA, ATÉ AS 15 HORAS — Máxima, 17,6°; mínima, 13,3°. No mesmo dia do ano passado — Máxima, 20,3°; mínima, 9,6°.

A EVOLUÇÃO METEOROLÓGICA



(Carta de prognósticos para as 24 horas de hoje)

A — Anticiclone (alta pressão)
B — Depressão (baixas pressões)
— Isóbaras (imb)

EVOLUÇÃO PROVÁVEL DO ESTADO DO TEMPO EM PORTUGAL CONTINENTAL ATÉ AS 24 HORAS DO DIA 29 — O estado do tempo em Portugal continental continuará sob a influência da massa de ar polar marítimo transportada na circulação de uma depressão localizada a nordeste das Ilhas Britânicas.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ



SOL

A MANHÃ
Nascer às 7 e 28
Ocaso às 19 e 56

MARES



Céu com períodos de muita nebulosidade; vento fraco ou moderado, predominando de noroeste; períodos de chuva ou aguaceiros, mais frequentes nas regiões do Norte e Centro.

PREIA-MAR: Dia 28 — As 5 e 39 (4,4 m); 17 e 57 (4,2 m). Dia 29 — As 6 e 18 (4,2 m); 18 e 40 (4 m). Dia 30 — As 7 e 01 (3,9 m); 19 e 18 (3,8 m).

BAIXA-MAR: Dia 28 — As 11 e 21 (0,6 m); 23 e 38 (0,7 m). Dia 29 — As 12 e 01 (0,8 m). Dia 30 — As 0 e 22 (0,9 m); 12 e 40 (1,1 m).

FASES DA LUA

☾ ☉ ☽ ☿
Dia 1 Dia 9 Dia 17 Dia 24

Sessão nas Belas-Artes com documentários franceses

Esta noite, pelas 21 e 30, prosseguindo no estudo do Documentarismo francês e a «nouvelle vague», o ABC Cine-Clube de Lisboa realiza uma sessão com filmes de formato reduzido. Serão exibidos, entre outros, «La mer remonte à Rouen», de Edouard Molinaro, e «Les hommes de la nuit», de George Franju.

A Tuna Académica de Coimbra em Viana do Castelo

VIANA DO CASTELO, 28 — A Tuna Académica de Coimbra dá, depois de amanhã, no Teatro Sá de Miranda, um sarau a favor do Albergue Distrital de Mendicidade. O famoso conjunto artístico académico apresentará música clássica, folclore e variedades.

NUNCA COMEU

SE AINDA NÃO PROVOU

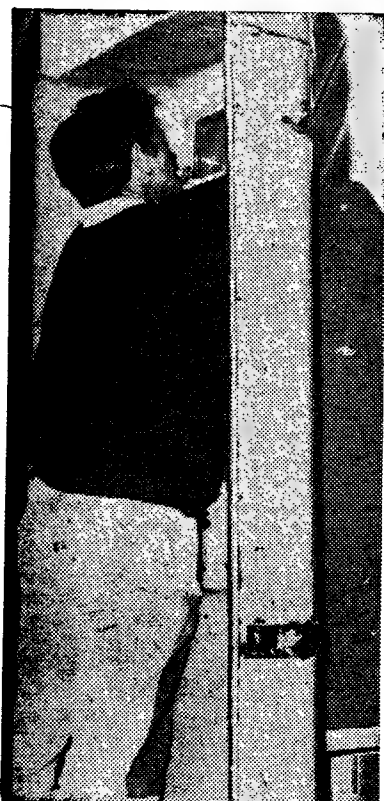
BACALHAU JANSSEN

o melhor bacalhau de Lisboa!
e bacalhau (alto, de lasca) da cervejaria JANSSEN

cervejaria JANSSEN rua 1.ª de Maio (ao Calvario)

Os moradores da Musgueira têm à sua disposição até sábado um centro de rastreio da tuberculose

Os leitores sabem o que é o bairro da Musgueira. De resto já aqui se falou dele, e de uma assinalável obra social que aí se prossegue. Pois nessa «cidade», de 6000 almas, que se localiza, obviamente, um pouco fora de portas e dos olhares de passantes e forasteiros começou ontem a efectuar-se uma campanha de rastreio da tuberculose.



Na máquina, um dos homens da Musgueira tira a micro-radiografia

Essa campanha magnífica e de assinalável interesse social, continuará até ao próximo sábado, e efectua-se das 3 às 7 horas da tarde, no sector de saúde do Centro Social da Musgueira. A sr.^a D. Maria Odete Pereira, dos serviços de saúde da Misericórdia de Lisboa, elucida-nos:

— Dividimos o bairro em 10 zonas. Cada dia é para uma ou duas zonas. No último poderão vir os que faltaram em qualquer das anteriores, e estaremos abertos até às 8 e meia, por causa dos homens que normalmente trabalham até mais tarde.

— Nota uma grande percentagem de crianças e de pessoas de idade muito avançada. Como se explica o facto?

— Tínhamos que começar por algum sítio: e escolhemos, naturalmente, as crianças. Os velhos é porque já estão mesmo doentes.

● «Temo-nos dedicado especialmente à assistência materno-infantil»

Com a nossa primeira interlocutora, responde-nos agora a enfermeira chefe, Isaura Maria Maia Serodio. Das respostas de ambas coligimos:

— Tem-nos preocupado, e temo-nos dedicado muito especialmente à assistência materno-infantil, e é neste sector que se têm colhido melhores frutos. O que há é pouco pessoal para tanta gente. Estamos a começar com a vigilância médica das crianças nas escolas, e está projectada uma creche, cuja construção é da maior importância.

(Juntas, conversando, três mulheres muito idosas, faces completamente enrugadas e cabelos todos brancos pelo tempo e pelo peso da vida. A primeira é de facto já velha. As outras duas, porém, aparentam ter ali mais uns 15 anos.

— É a primeira vez que vou fazer isto — diz-nos a sr.^a Maria do Rosário Encarnação, de 73 anos.

— Sabe o que é e para que é? — Vejo ali o garotito, e nem sei como isto se faz. Parece que é por causa da tuberculose.

E conta-nos ainda a sr.^a Maria do Rosário, que é do Algarve, de S. Brás de Alportel, e só está na Musgueira há um ano: «vim ter com o meu filho».

A sr.^a Ana Baptista, a seu lado, de 59 anos, é também a primeira vez que tira uma micro-radiografia, mas afirma: «aquilo não assusta ninguém». E a sr.^a Gertrudes da Costa, de 61 anos, («é para ver se sofro dos pulmões, não é?»), diz-nos concordar com aquela campanha. Quando lhe observamos que parece muito mais velha, responde-nos:

— Só Deus sabe o que tenho passado...

● A população está receptiva para o rádio-rastreio

Continuamos a falar com a enfermeira-chefe, Isaura Maria Maia Serodio, e com a sr.^a D. Maria Odete Pereira. Esta diz-nos:

— Resolvemos empreender esta campanha de rádio-rastreio, com a colaboração da Direcção-Geral de Saúde do I. N. T. P.

E continua:

— Como vê a população está receptiva. Temos continuado com as sessões semanais nocturnas, alterando as de saúde com as do serviço social. Naquelas fizemos a preparação para o rádio-rastreio: explicamos o que é a tuberculose, a maneira de a evitar, etc. Finalmente, distribuímos por todas as casas este folheto.

O teor do folheto é o seguinte:

— A tuberculose é uma doença grave que ataca muita gente.

— Não deixemos que ela nos apanhe de surpresa.

— Para a evitar devemos usar os seguintes meios ao nosso alcance: observação médica, micro-radiografia, vacina.

— Proteja os seus filhos da doença vacinando-os com B. C. G.

— A brigada de rádio-rastreio está à sua disposição no dia (depende da zona), das 3 às 7 horas da tarde.

— Se não pode comparecer a esta hora procure-nos para resolver o seu problema.

● «Pode-se evitar qualquer coisa...»

A sr.^a enfermeira-chefe sublinha: — Tudo corre bem, e espero que nos dias seguintes ainda venha mais gente. Tem-se conseguido bastante, e a Musgueira tem dado um pulo.

(Continua na 23.^a página)



Uma enfermeira fazendo a prova da tuberculina a algumas das crianças do bairro da Musgueira

Calcula-se que 48 por dos 370 mil veículos automóveis tenham mais de 6 anos de ex

O afrouxamento sensível da expansão económica portuguesa, em 1966, reflectiu-se na indústria de montagem de automóveis e na sua comercialização. É certo que a extraordinária expansão das vendas de veículos automóveis em 1965, influenciada por factores excepcionais, não viria a repetir-se no ano seguinte, segundo as mais optimistas estimativas. Os números relativos aos veículos matriculados ou registados em 1966 ficaram, porém, a constituir novos máximos, mas revelam, nos últimos meses, regressões acentuadas de vendas, que deverão ter relação com o afrouxamento da expansão das despesas de consumo privado.

Registaram-se 36 320 automóveis ligeiros e 11 007 veículos comer-

ciais, que traduzem, quanto ao ano anterior, progressões de 7 e 18 por cento. Do número total de 47 327 veículos matriculados, a participação dos automóveis, com 36 320, significou 76,7 por cento, um pouco menos do que no ano anterior, em quanto a dos veículos comerciais subiu a 23,3 por cento.

Lê-se no relatório do Grémio dos Importadores, Agentes e Vendedores de Automóveis e Acessórios do Sul, agora distribuído, que do total de veículos comerciais registados, 7520 pertenceram à categoria de ligeiros e 3487 á de pesados. O aumento global de 1685 unidades sobre o ano anterior ficou a dever-se á primeira categoria, uma vez que o número dos veículos pesados registados foi praticamente o mesmo. As marcas britânicas coube o primeiro lugar nesta participação, seguidas de as marcas alemãs e francesas.

«Diário de Lisboa»

«O Lavrador», do Porto, e «O Figueirense», da Figueira da Foz transcreveram, respectivamente, as «Notas do dia» intituladas «Anomalias» e «Desilusões», a primeira referente ao regime de produção e comercialização da batata, e a segunda relativa ás novas condições que em muitos países foram criadas aos imigrantes.

As marcas britânicas voltaram ao primeiro lugar

Por outro lado, verifica-se que as marcas britânicas voltaram ao primeiro lugar no mercado português de automóveis de passageiros, lugar de onde haviam sido desalojados em 1953. Registaram-se 13 446 automóveis britânicos, mais 1565 do que no ano anterior, correspondendo-lhe uma participação no mercado de 37 por cento do total dos registos. As marcas alemãs, a que coube a posição imediata, cobrindo 32,7 por cento, contribuíram com 11 912 automóveis, resultado que significa uma perda de 534 unidades.

A França e a Itália, ambas com participações crescentes, ocuparam os lugares seguintes, com 5591 e 4932 automóveis, respectivamente, subindo as suas participações no mercado a 15,3 e 13,5 por cento. As restantes origens, notando-se pela primeira vez o aparecimento das marcas japonesas, contribuíram apenas com 439 automóveis, ou seja pouco mais de um por cento.

Na sua quase totalidade, os automóveis registados foram montados em Portugal e estima-se que as importações de automóveis completos montados no estrangeiro, dentro das limitações legais vigentes, hajam sido da ordem das 4000 unidades.

Como se disse, na categoria dos veículos comerciais, a Grã-Bretanha ocupou o primeiro lugar do mercado, com 5377 unidades (1608 pe-

NA REUNIÃO DO ROTARY O ENG.º VAZ PINTO FALOU SOBRE AVIAÇÃO COMERCIAL

Decorreu hoje, no Hotel Tivoli, mais uma das reuniões regulares do Rotary Clube de Lisboa. Presidiu o dr. Antero Ramos Taborda, secretariado pelo dr. Carlos Elias da Costa.

Prestada a homenagem á bandeira nacional, o director do protocolo eng.º Severo Cunha, fez a apresentação dos numerosos convidados, entre os quais os srs. general Costa Macedo, eng.º Vítor Veres, brigadeiro Alberto de Oliveira, engenheiros Sampaio e Melo e Fernando Feijó, Jorge Lemos Peixoto, bem como outros rotários visitantes, tanto nacionais como estrangeiros.

Fez a apresentação do palestrante do dia o presidente, que pôs em destaque os serviços prestados á aviação comercial portuguesa pelo eng.º Vaz Pinto, figura de alto relevo na vida portuguesa, que aos problemas das comunicações tem dedicado a sua inextinguível actividade, quer na presidência da Companhia Portuguesa Rádio Marconi, quer na dos Transportes Aéreos Portugueses, ás quais deu a projecção e o prestígio internacional de que presentemente gozam, quer ainda nas numerosas reuniões internacionais em que tem tomado parte em representação dos interesses do País.

Frisou seguidamente que ao eng.º Vaz Pinto cabe a honra de ter transformado a TAP numa empresa verdadeira e exclusivamente nacional que honra o País e de que todos os portugueses se orgulham.

Em todos os sectores por onde o eng.º Vaz Pinto tem passado — disse — se notam o seu impulso

renovador e progressivo, o seu apurado sentido da realidade económica nacional.

Seguiu-se no uso da palavra o eng.º Vaz Pinto que versou o tema: «Aspectos humanos da aviação comercial».

O orador, ouvido com muito interesse, foi no final muito aplaudido pela numerosa assistência.

O presidente agradeceu, no final, ao eng.º Vaz Pinto e felicitou-o vivamente pelo brilho da sua conferência e pela actualidade e interesse do assunto tratado.



Depois dos homens, são as mulheres que fazem bicha para tirar a micro-radiografia

ZEBU

TERÇA-FEIRA, 28 DE MARÇO DE 1967

PAGINA CENTRAL



Mulheres a varrer as ruas de Lisboa para suprir a falta de homens

Dada a falta de homens para o serviço de higiene e sanidade em Lisboa, motivo pelo qual algumas ruas têm que se ressentir da falta

de limpeza, o Município de Lisboa está a adoptar mulheres para este serviço de limpeza, como já anunciámos

Há dias que as principais ruas da Baixa estão a ser varridas por pessoal feminino contratado para esse efeito. Nos Olivais também estão a trabalhar no serviço de limpeza 12 mulheres.

Actualmente estão ao todo, ao serviço do Município 24 mulheres, todas elas relativamente novas, na sua maioria casadas e com filhos.

Esta manhã deparámos com uma dessas funcionárias a varrer a Rua do Ouro. Argentina de Oliveira, de 28 anos, natural de Lisboa, casada, mãe de dois filhos, mostrou-se surpreendida quando lhe perguntámos se estava satisfeita com a sua profissão.

— Para que me pergunta isso?!

— Para publicar no «Diário de Lisboa» ..

— Ganho cinquenta e um escudos. Trabalho 8 horas por dia. Mas ganhamos ainda horas extraordinárias.

E logo:

— Estou contente, sim senhor. Governar a vida com dignidade é um orgulho.

E acrescenta:

— Já fomos ao alfaiate para provar o novo fardamento que consistirá de calça e casaco da mesma fazenda, boina e sapatos pretos. Dentro de alguns dias devemos ter esse fardamento.

Como se trata de uma inovação, os transeuntes olham-nas e elas sentem-se um pouco acanhadas.

Corporação do Comércio

Sob a presidência do sr. Manuel Alberto Andrade e Sousa, e com a presença dos vice-presidentes, reuniu-se a direcção da Corporação do Comércio, que apreciou vários assuntos referentes à vida do organismo, principalmente os que respeitavam ao Estatuto do Comércio, à regulamentação das várias actividades mercantis e, ainda, à constituição da Caixa de Previdência dos Comerciantes.

Merceu também atenção especial a intervenção na Assembleia Nacional do deputado sr. dr. António Santos da Cunha sobre o problema do abastecimento do bacalhau seco ao Continente e a forma exacta como evidenciou o papel do comércio na conjuntura corporativa e no âmbito da economia nacional.

48 por cento automóveis do País nos de existência

Antes do ano de 1966, a participação dos veículos de origem estrangeira era de 47,32 por cento, com 36 320, ou, um pouco anterior, em comerciais

Grémio dos e Vendedores necessários do que do total registados, categoria de ados. O aumento das unidades sob a dever-se a uma vez que pesados re-e o mesmo. Oube o pri-cipação, se-mas e fran-

As marcas alemãs ocuparam, já muito distanciadas, o lugar seguinte, com 2873 veículos, mais 166 do que em 1965, repartindo-se em 2218 ligeiros e 660 pesados.

As marcas francesas, graças à participação crescente da categoria de ligeiros, vieram aumentar em 1966 a sua contribuição em 568 unidades, alcançando o número de 1385. No entanto, na categoria de pesados desceram a 45, contra 87 no ano anterior.

As marcas suecas, sómente com veículos pesados, ocuparam o lugar seguinte com 594 unidades registadas, contra 549 no ano antecedente.

As chamadas marcas portuguesas (veículos montados com o recurso de conjuntos mecânicos de origem britânica, italiana e espanhola) corresponderam 314 veículos pesados registados, número um pouco superior ao do ano antecedente, compreendendo os veículos pesados saldos das fábricas da Utic e Barreiros, principalmente.

As marcas de outras origens forneceram as restantes 429 unidades, das quais 236 foram veículos pesados.

O Mercado Comum mantém supremacia no mercado de automóveis

Os países do Mercado Comum forneceram, em 1966, um total de 22 486 automóveis de passageiros, ou seja, 61,9 por cento dos registos, ao passo que os países da E.F.T.A. contribuíram com 13 611 unidades (37,4 por cento). Ambas as áreas económicas conseguiram aumentos, em números absolutos, mas em participação relativa, a E.F.T.A. teve progresso de 2 por cento com sacrifício do Mercado Comum. Quanto a veículos comerciais, a E.F.T.A. forneceu 6257 unidades e o Mercado Comum 4613, mantendo-se as participações relativas ao ní-

(Continua na 27.ª página)

NA SAPATARIA

ZEBU

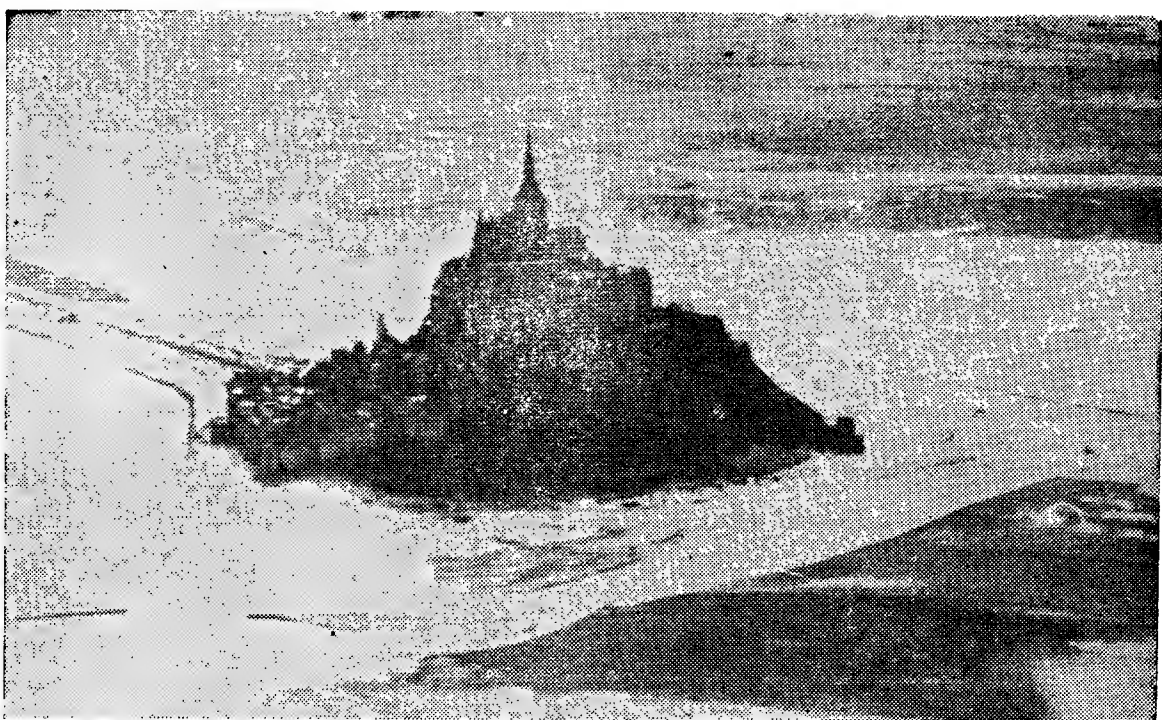
NÃO PAGA LUXO... PAGA SÓ QUALIDADE

RUA DA ASSUNÇÃO, 51

pratas máximo? ARIA

257

PAGINA CENTRAL



Curiosas informações sobre a maré de ontem

fornecidas ao «Diário de Lisboa»
pelo Ministério da Marinha

Em complemento dos dados fornecidos ao «Diário de Lisboa», a nosso pedido, pelo Instituto Hidrográfico, sobre a chamada, «maré do século», recebemos do gabinete do sr. ministro da Marinha valiosos esclarecimentos sobre aquele fenómeno e, também, sobre as características específicas das marés na costa portuguesa. Publicamos, em seguida, os referidos elementos, que consideramos do maior interesse e oportunidade. Não os fazemos, porém, sem expressarmos, ao titular da pasta da Marinha, ao director do Instituto Hidrográfico e aos oficiais com quem contactámos, os nossos agradecimentos pela forma como auxiliaram o nosso jornal a dar aos seus leitores informações precisas sobre um acontecimento de evidente interesse jornalístico, mas a que a fantasia e o sensacionalismo atribuíram, por vezes, aspectos que bastante se afastaram da realidade.

A preia-mar
excedeu em alguns centímetros
as previsões

A maior altura de água verificou-se no dia 27 pelas 4 e 30, tendo os valores registados atingido as cotas 3,95, 4,12 e 4,32 acima do zero hidrográfico, respectivamente em Cascais, Paço de Arcos e Alfeite. Como é do conhecimento geral, o plano do zero hidrográfico, que serve como referência para a marcação das profundidades num levantamento hidrográfico, é um plano que corresponde aproximadamente ao nível mais baixo das águas do mar. Este plano nunca é atingido em condições normais.

A escolha de Cascais, Paço de Arcos e Alfeite para efectuar as observações, obedeceu ao critério de se poder dar uma ideia do efeito do fenómeno em mar aberto, perto da foz de um grande rio e no interior do mesmo rio, onde a propagação da maré já é sujeita a algumas interferências.

Julgase interessante referir que o coramento dos cais do porto de Lisboa está em média cerca de 5,70 metros em Lisboa e 5,50 metros no Alfeite, acima do zero hidrográfico a que nos referimos, e que é o zero hidrográfico adoptado pelo Ministério da Marinha.

Assim, para galgar a parte de cima dos cais e pontes-cais, faltou ainda às águas uma altura de 1,5 m em Paço de Arcos e uma altura de

1,2 m no Alfeite. Não houve, pois, como se acaba de provar, risco iminente de inundações, por motivo da maré do dia 27.

Apresentamos a seguir um qua-

(Continua na 19.ª página)

A «maré do século» foi também uma grande decepção em Espanha

MADRID, 28. — (F. P.). — Grande decepção em todo o litoral atlântico espanhol, onde a «maré do século», da qual a imprensa tinha predito «efeitos devastadores», era esperada com curiosidade e inquietação. Foi apenas mais forte que as marés dos dias anteriores.

Desde Cádiz até San Sebastian tinham sido tomadas precauções excepcionais. Os barcos tinham sido solidamente amarrados ou tinham abandonado os portos pouco seguros. Não se registou qualquer acidente.

AUTOMÓVEIS COM TURISTAS
ATRAVANCARAM EM FRANÇA
ESTRADAS QUE CONDUZIAM AO MAR

PARIS, 28. — (F. P.). — Ficaram decepcionados com a «maré do século» os numerosos turistas que foram até à beira-mar.

No porto de Granville, o vento não foi tão forte como a meteorologia fazia prever. Na cidade, milhares de pessoas faziam o trajecto entre o dique e o porto, ao longo do mar, enquanto os automobilistas estacionavam os carros na maior desordem.

As estradas que conduzem às praias de Calvados ficaram completamente atravancadas com os automobilistas que avançavam lentamente.

De maneira geral, o mar, embora

A «maré do século», foi, em toda a parte, a «desilusão do século», principalmente para os turistas que acreditaram mais nas previsões sensacionalistas de certa imprensa estrangeira do que nas notas serenas de base científica, que negavam a grande maré equinocial de ontem essa característica espectacular (neste século já houve 23 marés da mesma amplitude, como o «Diário de Lisboa» oportunamente noticiou). Em todo o caso, o espectáculo magnífico do Monte de Saint Michel, compensou os milhares de turistas que ali acorreram. A gravura mostra uma fotografia aérea do famoso local, obtida na baixa-mar de ontem, quando o mar, no seu recuo máximo, deu lugar a extensos areais, raramente visíveis.

aguardado, não esteve muito pior que habitualmente.

FOI ENCONTRADO UM SEIXO
FOSFORESCENTE E QUE
QUEIMAVA

RENNES, 28. — (F. P.). — Um seixo fosforescente, encarnado, provocou graves queimaduras numa jovem que o tinha apanhado, na costa atlântica, no momento da grande maré. O pai da rapariga agarrou na pedra e ficou também queimado numa mão. Ambos tiveram de ser tratados num hospital.

A causa do acidente não foi ainda explicada. O seixo não apresentava qualquer perigo no momento em que foi apanhado.

Depois de ter secado, no bolso da criança, cortou os tecidos e queimou numa coxa.

VESTÍGIOS DE UM QUEBRA-MAR ROMANO E DE UMA FLORESTA PETRIFICADA

LILLE, 28. — (F. P.). — A maré do século permitiu a alguns turistas distinguir, entre o Cabo Gris Nez e Wissant, duas vias empedradas com mais de cem metros de comprimento. Pensam os arqueólogos locais que são vestígios do quebra-mar de Portusitius, construído pelos romanos.

Na chamada Pointe des Oies, igualmente próxima do Cabo Gris Nez, os restos de uma floresta que se alongava do País de Gales até à Prússia, antes de ter surgido a depressão da Mancha, ficaram à vista dos curiosos. Segundo entendidos, a boa conservação das raízes e dos troncos de árvores deve-se a torções de argila produzidas por certos cataclismos que petrificaram raízes e troncos, protegendo-os do ataque das águas.

ATENÇÃO ALGÉS

MAIS UMA AGÊNCIA ROBBIALAC

MAGILACA

Rua Ernesto da Silva, 67-A

ALGÉS

ZEBU

A França ingressa no clube de escol dos países que possuem navios atômicos armados com mísseis

CHERBURGO, 28 — (R.). — O presidente de Gaulle assistirá amanhã, neste porto, ao lançamento à água do primeiro submarino francês accionado nuclearmente — o «Redoutable», de 9000 toneladas, em forma de charuto.

O lançamento assinala o primeiro passo da França para se juntar aos Estados Unidos, União Soviética e Grã-Bretanha no clube de elite de nações possuindo navios atômicos armados com mísseis.

O «Redoutable», que deverá entrar ao serviço em 1970, é o primeiro de três submarinos destina-

dos a assumir em 1975 o papel da defesa nuclear da França como a «terceira geração» da força de ataque do general de Gaulle.

Cada um dos submarinos estará armado com 16 mísseis do tipo «Polaris», com uma ogiva de 500 quilotoneladas — quarenta vezes mais potente do que a bomba de Hiroshima — e um raio de acção de 3200 quilómetros.

A «primeira geração» da força nuclear francesa é constituída por 61 bombardeiros supersónicos «Mirage IV», transportando bombas com a potência de 70 a 80 quilotoneladas. No próximo ano principiarão a ser substituídos pela arma da «segunda geração» — 50 mísseis balísticos intercontinentais terra-terra, com uma potência de 100 quilotoneladas e um raio de acção de 3200 quilómetros.

Entretanto, progredem os trabalhos numa base para a frota de submarinos atômicos na Ile Longue, uma ilha perto de Brest, porto na costa atlântica a 260 quilómetros a sudoeste de Cherburgo.

VAI ENTRAR AO SERVIÇO O ÚLTIMO SUBMERSÍVEL

WASHINGTON, 28 — (A. N. I.). — A frota de submarinos nucleares norte-americanos, armados com mísseis «Polaris», atinge o número de quarenta e uma unidades no fim desta semana — dois anos antes da data prevista.

O Pentágono anunciou que o qua-

dragésimo primeiro e último destes submarinos nucleares, o «Will Rogers», entra ao serviço da Armada no próximo sábado, em New London, Connecticut.

A quilha do primeiro submarino armado com mísseis «Polaris», o «George Washington», foi assente no dia 1 de Novembro de 1957.

Hanói corrige U Thant

HONG KONG 28 — (F. P.). — O ponto de vista recentemente manifestado por U Thant quanto aos meios possíveis para pôr fim ao conflito no Vietnam não está de acordo com a atitude do Governo norte-vietnamiano, declarou um informador do Ministério dos Negócios Estrangeiros do Vietnam do Norte.

O Governo norte-vietnamiano considera que o problema não diz respeito à O.N.U. e não reconhece a organização qualquer direito de dele se ocupar — acrescentou o informador.

Vai ser lançado fogo ao petróleo que ameaça poluir as praias da zona sudoeste da Inglaterra

LONDRES, 28 — (F. P. e R.). — O Governo britânico decidiu hoje que se lance fogo ao petróleo fluente derramado do navio-tanque «Torrey Canyon», a fim de tentar impedir a poluição das praias do Sudoeste de Inglaterra.

Um comunicado do Ministério do Interior informa que a tentativa para lançar fogo ao petróleo espalhado no mar vai ser feita hoje e que a navegação e a aviação já foram avisadas para que se afastem da zona, onde encalhou há onze dias o petroleiro.

O «Torrey Canyon», de propriedade americana e tripulado por italianos, já derramou até agora cerca de 60 mil toneladas de petróleo bruto, ou seja, metade da sua carga. O mar cavado, em consequência do vento que tem soprado contra aquela costa, levou o lençol negro de petróleo até à costa numa extensão de mais de 160 quilómetros, constituindo uma calamidade para as praias do Sudoeste de Inglaterra.

O navio partiu-se em três encontrando-se a deriva ao largo do recife das Sete Rochas, e continua a derramar petróleo. O mau tempo impediu todas as tentativas de salvamento.

A AMEAÇA ASSUME PROPORÇÕES DE CRISE NACIONAL

Ignora-se a forma como será lançado fogo ao petróleo bruto, pois o líquido é difícil de inflamar. Em contrapartida, os gases

São já conhecidas as mais importantes conclusões do relatório da Comissão de três presidida pelo subsecretário de Estado Katzenbach, encarregada de propor as medidas mais adequadas para reformar a C. I. A., depois das recentes revelações sobre o auxílio deste organismo a estudantes, professores e outros estrangeiros encarregados de defender as teses dos Estados Unidos na competição com os países comunistas, especialmente com a União Soviética e a China. Os argumentos invocados para justificar o procedimento dos dirigentes daquele organismo, de excepcional importância e influência para a execução da política externa dos Estados Unidos, impressionaram a opinião pública e o Congresso estando, desde o início, excluída a hipótese de lhes serem aplicadas quaisquer sanções. Os antigos orientadores da C. I. A. prosseguirão nas suas actividades mas, reconhecido o fundamento moral delas, serão estas públicas em vez de se acobertarem com o sigilo das organizações secretas. Isto não deve levar, porém, à conclusão de que a C. I. A. deixará de superintender em alguns aspectos da actividade dos agentes americanos no estrangeiro. Pelo que diz respeito ao recrutamento dos seus agentes de propaganda, o relatório da Comissão dos três preconiza o regime de voluntariado com funcionamento idêntico ao do British Council, que tem desempe-



KATZENBACH

nhado relevante papel no estreitamento de relações culturais entre a Grã-Bretanha e os outros países. Na medida em que as recomendações do relatório da Comissão Katzenbach forem postas em prática, devemos contar com a intensificação desse intercâmbio por parte dos Estados Unidos em alguns países europeus, especialmente aqueles onde parte da opinião é adversa à política americana e aos seus objectivos. Teremos uma nova tarefa a levar a cabo por parte de agentes que publicamente exerceram a sua actividade, não dando pretexto para suspeitas que, de outra forma, seriam inconvenientes.

A Orquestra Sinfónica de Leninegrado exibir-se-á em Espanha no próximo Verão

MOSCOVO, 28 — (F. P.). — A agência Tass informa que 120 músicos da Orquestra Sinfónica de Leninegrado farão uma digressão em Espanha, no próximo Verão, de harmonia com o plano de permutas culturais aprovado recentemente nesta cidade, pela Comissão para as Relações Culturais com o Estrangeiro.

O publico espanhol terá igualmente ocasião de ouvir Boris Chtokolov, solista do Teatro Kirov, de Leninegrado, nomeadamente no papel de Boris Goudonov.

Em Abril-Maio, os espectadores soviéticos poderão ver, em troca, o grupo de bailado de Maria Rosa e o conjunto vocal e de bailado de Mucero Tena — acrescenta a Tass. Projectam-se igualmente — conclui a agência — permutas de cientistas, escritores e cineastas.

O procurador Garrison ordenou a prisão de outra testemunha

NOVA ORLEANS, 28 — (R.). — O Gabinete do procurador Jim Garrison passou, na noite passada, um mandado de captura contra a sr.^a Lillie Mae McMaines e classificou-a de testemunha muito importante na investigação acerca do assassinio do presidente Kennedy.

A sr.^a McMaines, que residia já nesta cidade, mas cuja morada actual é em Omaha, no Nebraska, ficou ligada à investigação, devido ao depoimento de Perry Russo, a principal testemunha do procurador Garrison, numa audiência preliminar contra o comerciante Clay Shaw, efectuada há duas semanas. Russo, de 25 anos, angariador de seguros na Louisiana, declarou que a sr.^a McMaines, de 22 anos, a quem conheceu como Sandra Moffett, o acompanhara a uma reunião a que assistiram Lee Harvey Oswald e Clay Shaw, no apartamento de David Ferrie.

Disse ainda que estava presente quando Oswald, Shaw e Ferrie, um antigo piloto encontrado morto no seu apartamento, pouco depois do começo da investigação de Garrison, discutiram planos detalhados, após a reunião, para assassinar o presidente Kennedy.

Segundo Russo, a reunião efectou-se em Setembro de 1963, dois meses antes do presidente ser assassinado, a tiro, em Dallas.

A sr.^a McMaines, mulher do sacerdote Harold McMaines, de 48

anos, declarou na sexta-feira a jornalistas, em Omaha, que não assistira a tal reunião. Admitiu, contudo, conhecer Perry Russo e disse ter estado em tempos apaixonada por ele.

Ao acrescentou não ter-se encontrado com Ferrie apenas em 1965 e que se recusara a regressar a Nova Orleans, com dois dos investigadores de Garrison, após terem contactado com ela, em Omaha, no passado dia 8.

A fiança da sr.^a McMaines foi fixada em 5000 dólares (cerca de 140 contos).

MARK LANE TENCIONA CONFERENCIAR COM O PROCURADOR

NOVA ORLEANS (Louisiana), 28 — (A.N.I.). — «James Garrison faz o que a Comissão Warren, a Polícia de Dallas, o F. B. I. e os serviços secretos não conseguiram», afirmou, ontem, o advogado Mark Lane, autor do livro «Julgamento precipitado», onde se faz uma profunda crítica ao inquérito da Comissão Warren e que serve de argumento a um filme, cuja estreia mundial será em Nova Orleans, motivo que trouxe Mark Lane a esta cidade. O advogado, que afirmou considerar presentemente Jim Garrison como «o homem mais importante dos Estados Unidos», disse tencionar conferenciar com ele acerca das investigações em curso sobre uma possível conspiração para assassinar o presidente Kennedy.

INSTITUTOS

Preparação intensiva para admissão aos Institutos Comercial e Industrial

PROFESSORES ESPECIALIZADOS

ESCOLA SÃO VICENTE — Rua do Paraíso, 28 — Tel. 865904

REDES PARA PROTEGER A ENTRADA DE PEQUENOS PORTOS

Em diversos pontos do litoral foram dispostas redes contra-submarinos para proteger a entrada dos pequenos portos de pesca.

Em MAFRA o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se no café e cervejaria «OS UNIDOS».

CRÍTICA DE CIÊNCIA

Os problemas científicos devem ser apresentados ao público de diferentes pontos de vista. A difusão do conhecimento desses problemas deve ser feita através de livros, artigos, conferências, exposições, em termos que, evidentemente, sejam compreensíveis ao não cientista mas sem que seja distorcida a verdade. Durante as últimas décadas progrediu-se muito na divulgação da Ciência. Pacific Science Center em Seattle (E. U. A.) é um exemplo notável da boa concretização destes objectivos.

É essencial, também, que os cientistas discutam mais vezes em público as implicações das suas descobertas, focando não só as aplicações práticas da ciência, mas também a sua influência no conceito do lugar do Homem no Mundo. As incertezas filosóficas e sociais que emergem do progresso científico devem ser tão evidenciadas como as perspectivas criadas pela tecnologia. A Ciência e as tecnologias dela derivadas vão aumentando os problemas económicos, educacionais e éticos, nos quais as nossas comunidades só podem fazer escolhas responsáveis se os povos forem preparados no sentido de saberem fazer uma crítica científica geral. Algumas organizações, tais como o Instituto de Cientistas para a Informação Pública, começaram a organizar um fórum público para as implicações sociais da Ciência. Mas muito mais se terá que fazer para que as relações entre Ciência e Sociedade se possam desenvolver numa base de mútua compreensão.

Mais importantes ainda serão talvez as discussões públicas de So-

ciologia da Ciência que darão origem a uma organização racional dos empreendimentos científicos. As sessões do Congresso, do Senado e da Câmara dos Deputados têm

Mas o que é certo é que um criticismo de Ciência válido, não poderá ter muita vitalidade sem participação pública. Uma sociedade que aceita cega-

por RENÉ DUBOS (*)

de tornar claro que devem ser desenvolvidas novas técnicas sociais para determinar mais racionalmente o contributo para a investigação pura livre, investigação pura orientada e investigação aplicada. Não há dúvida que certos campos da Ciência têm sido negligenciados, se bem que a sua exploração viesse trazer benefícios para a compreensão humana e para o bem-estar do Homem. Para um desenvolvimento do conhecimento, equilibrado e ordenado, é essencial que seja dada, ao público, a oportunidade de participar na formulação de toda a estratégia da investigação científica.

Todas as actividades importantes têm dado origem a profissão altamente sofisticada ligada ao criticismo dos seus valores, sua execução, tendências e potencialidades. O crítico profissional de arte, música, literatura, economia, etc., desempenha um papel essencial, mesmo quando não contribui directamente para o campo de actividade que analisa. A Ciência beneficiaria, sem dúvida, do tipo de apreciações feitas por críticos profissionais tal como acontece com outras actividades.

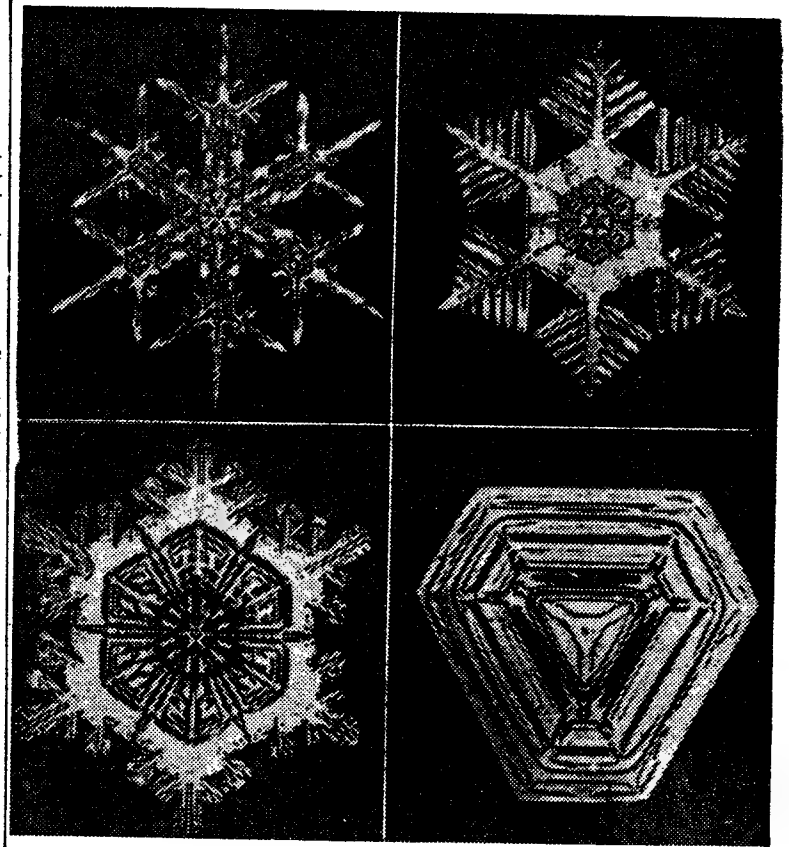
Será um problema a discutir se o criticismo científico deverá ser fomentado adentro da comunidade dos cientistas ou fora dela.

mente as decisões dos peritos é uma sociedade doente.

Está a aproximar-se o tempo em que teremos de criar, ao lado dos especialistas, outra espécie de estudiosos e cidadãos que tenham larga familiaridade com os problemas, métodos e objectivos da Ciência e, assim, sejam capazes de fazer juízos acerca da política científica. Como Warren Weaver tem acentuado repetidas vezes, pessoas que trabalham na interface da Ciência e da Sociedade tornaram-se essenciais, pois tudo o que acontece na Sociedade é influenciado pela Ciência.

(*) Ao dr. René Dubos, da Universidade de Rockefeller (E. U. A.), foi atribuído o prémio de 1966, *Archives of Science Award* do Pacific Science Center.

O texto publicado é um extracto da resposta do dr. Dubos ao ter conhecimento de que o prémio lhe tinha sido atribuído.



Flocos de neve que mostram alguns modelos da cristalização hexagonal, adoptada pelo vapor de água quando se solidifica na atmosfera

Quando a água gela...

Todos os corpos podem existir, pelo menos teoricamente (1), sob diferentes formas: líquido, gás, sólido, solução. As condições físicas, principalmente a temperatura, a pressão, a concentração da solução, determinam o estado no qual o corpo deve encontrar-se. Por exemplo, a água entre 0° C e 100° C está sob a forma líquida quando a pressão é de uma atmosfera. Abaixo de 0° C encontra-se sob a forma de gelo, e acima de 100° C de vapor de água. A 0° C ou a 100° C a água existe simultaneamente nos dois estados.

O que distingue, principalmente, os diferentes estados de um mesmo corpo é a ordem com que as moléculas estão arrumadas. As moléculas estão tanto mais ordenadas quanto mais denso é o estado do corpo. As moléculas de água, por exemplo, estão muito mais ordenadas no gelo do que na água líquida, e estão, igualmente, muito mais ordenadas na água líquida do que no vapor de água.

Ora, em física, é geralmente muito mais fácil passar da ordem à desordem, do que inversamente. De tal modo que, se nenhum fenómeno parasita perturba, em geral, a passagem do estado sólido ao estado líquido, o mesmo não acontece quando se quer realizar a operação contrária. Tomemos, por exemplo, a água perfeitamente pura no estado líquido e arrefecemos-la. Poder-se-á descer abaixo de 0° C sem que ela se transforme em gelo. Este fe-

nómeno é chamado sobrefusão. Com efeito, para que a água se transforme em gelo é preciso que existam certos germes à volta dos quais as moléculas de água se possam aglomerar para formar um cristal de gelo.

Qual é a natureza destes núcleos de condensação? Existem germes de duas espécies. Os primeiros são microcristais formados à volta de partículas estranhas de impurezas. Os segundos são microcristais que se formam espontaneamente quando se baixa a temperatura.

O processo de solidificação de um líquido passa-se, portanto, em várias etapas. Primeiro aparecem os germes — à volta de uma partícula estranha ou espontaneamente, junta-se um número reduzido de moléculas para formar um microcristal (2). Depois, em torno deste microcristal, vêm-se aglutinar, em número cada vez maior, outras moléculas. Formouse então um cristal. Quando os cristais são bastante numerosos, podem encontrar-se suficientemente próximos para se aglutinarem entre si e formarem, finalmente, um número reduzido de cristais de grande tamanho.

Convém notar que, uma vez que apareceu um único cristal, se desencadeou o processo de solidificação, pois este cristal não tardará a crescer e tem todas as possibilidades de se fragmentar e dar origem a numerosos outros microcristais que poderão fazer o papel de novos germes.

Dos processos em concorrência

A solidificação resulta, portanto, da concorrência de vários processos: formação de germes em torno de impurezas, formação espontânea do germe sem intervenção de uma impureza, velocidade de crescimento dos cristais a partir de um germe, velocidade de aglutinação dos cristais entre si para formar cristais maiores.

O efeito destes diversos factores aparece quando se observa o resultado final. No caso mais simples, mas também mais raro, toda a massa se condensou num único cristal. É o que acontece quando o corpo se solidifica em torno de um só germe inicial, ou quando a aglutinação dos cristais entre si é fácil. Ao contrário, na maior parte das vezes, encontrar-se-á uma poeira formada por uma grande quantidade

de cristais de pequeno tamanho, que se formaram cada um em torno de um germe diferente. Segundo o número de germes iniciais, os cristais serão mais ou menos desenvolvidos e mais ou menos numerosos.

Assim, se se partir de um corpo muito puro que contenha um número muito reduzido de moléculas estranhas, os germes de partida dos cristais serão na maior parte espontâneos. Aparecerão todos ao mesmo tempo e serão muito numerosos. Obter-se-á portanto, um precipitado muito fino, formado por uma multidão de pequenos cristais que cresceram simultaneamente à volta de uma multidão de germes.

Ao contrário, se um corpo se encontra abaixo da sua temperatura de solidificação e se há poucos germes, a solidificação far-se-á muito depressa a partir dos poucos germes existentes. Como a solidificação é acompanhada de um desprendimento de calor no ponto em que tem lugar, a temperatura vai subir, impedindo por um instante o prosseguimento da solidificação nesse ponto. Esta vai, portanto, continuar num outro ponto, até que a temperatura tenha de novo baixado no primeiro ponto, permitindo ainda o prosseguimento da solidificação. Assim o cristal vai crescer em ziguezague. A forma que toma pode ser muito complicada. É este o caso dos cristais de gelo que se encontram nos flocos de neve.

Na prática, felizmente, os corpos contêm quase sempre bastantes impurezas e não há a recar a falta de germes. A solidificação faz-se, portanto, facilmente desde que a temperatura seja suficientemente baixa.

JEAN LOUIS LAVALLARD

Exclusivo
«Le Monde» — «Diário de Lisboa»

(1) Em princípio, todos os corpos existem sob todos os estados. Pode acontecer que, nas condições físicas em que deveria ser, por exemplo, gasoso, o corpo não seja estável.

(2) Calcula-se que sejam precisas de 10 a 100 moléculas para formar um germe.

NOVO TESTE PARA AS ALERGIAS

Depois de alguns anos de investigação, o professor Holpern e a sua equipa do Hospital Broussais, doutores Ky, Lagrue e Anache, conceberam um teste sanguíneo que permite detectar uma eventual alergia a qualquer substância — em especial, a medicamentos, tais como a penicilina, sulfamidas, anestésicos locais, antes da sua administração.

Para compreender a história desta enorme descoberta, cuja publicação técnica aparecerá na imprensa médica, é necessário relembrar algumas noções de imunologia. Possuímos, no nosso sangue, duas variedades de glóbulos brancos. Uns, muito grandes, os polimorfos que defendem o organismo digerindo os micróbios, outros, mais pequenos, com um só núcleo, os linfócitos que, até à descoberta das alergias, se pensava que não serviam para nada. Nessa altura, o seu interesse aumentou. Com efeito, sem eles qualquer reacção de imunologia é impossível pois são indispensáveis à produção de anticorpos. Ora, são os anticorpos que provocam as reacções alérgicas, por um desvio da sua função natural que consiste em defender o organismo contra a invasão de toda a substância estranha. Os anticorpos, benéficos quando o imunizam contra uma doença, tornam-se maléficis quando desencadeiam uma alergia ou a rejeição de um enxerto. Esta função dos linfócitos foi confirmada, bizarramente, num peixe de mais de um milhão de anos de idade: o «myxine». Este velho antepassado que será anterior ao «coelacanth», é desprovido totalmente de linfócitos. Não reage a qualquer injeção de substâncias estranhas. Não produz anticorpos.

Os investigadores, trabalhando sistematicamente sobre culturas de linfócitos (obtidos por filtração do sangue em lâ de vidro seguida de uma centrifugação), aperceberam-se que uma fitoaglutinina, isto é, nova substância vegetal que aglutina o sangue (neste caso um extrato de vulgares feijões verdes) provocava nos pequenos glóbulos de alergia um fenómeno curioso. Sob a acção do suco de feijão verde, os

linfócitos «voltavam à infância»: de células maduras tornavam-se em esboços de células: os limfoblastos, capazes de se dividirem de novo para darem pequenos linfócitos. Esta regressão a um estado «infantil» é perfeitamente visível ao microscópio.

Esta descoberta foi a primeira etapa. A segunda consistiu em demonstrar que uma substância à qual um indivíduo é alérgico efectua electivamente sobre os linfócitos a mesma transformação que o extracto de feijões. Seja, por exemplo, uma pessoa alérgica à penicilina: juntando, num tubo de ensaio, aos seus linfócitos algumas gotas de penicilina, estas provocam a sua transformação em limfoblastos. Antes de começar um tratamento com penicilina (que poderá matar o doente: as alergias à penicilina são a causa de numerosas mortes por ano) efectua-se o teste.

«A técnica do T. T. L. (designação do teste) é totalmente perfeita», declarou o professor Holpern. Centenas de experiências demonstraram-nos a sua eficácia.

Informações científicas

● No decurso de um congresso de Genética reunido recentemente em Erivan (U. R. S. S.), o professor Semion Basler anunciou que tinha conseguido calcular as dimensões de um gene (elemento de um cromossoma que transmite a hereditariedade). Se esta descoberta for confirmada, terá para a Genética importância idêntica à que teve em Física o cálculo da carga do electrão. Segundo o professor Basler, o tamanho do gene não ultrapassará a vigésima parte da dimensão de uma molécula de ácido desoxirribonucleico (A. D. N.).

● Como resultado de uma missão de vários meses no Pólo Sul, um grupo de astrónomos polacos anun-

ciou que a Terra estaria envolvida por um estranho anel de poeiras cuja natureza ainda não foi determinada. Este anel, quase sempre invisível, só é revelado com o auxílio de material técnico especial.

● Um novo microscópio — microscópio de raios infravermelhos — foi recentemente concretizado pela firma «Barnel Engineering». A sua construção é análoga à do microscópio clássico, permitindo, porém, fixar directamente a temperatura (de 15 a 165° C) de objectos com o diâmetro mínimo de 0,01 mm. De grande interesse técnico, abre novas perspectivas à investigação, em especial em biofísica.

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 28 de Março de 1937 publicava:

«NOVA YORK, 28. — Chegou a San Francisco da Califórnia, vinda de Honolulu, a aviadora Amélia Earhart, cujo avião, que custou 80 000 dólares, terá de ser quase completamente reconstruído.

Logo que o aparelho esteja reparado, a famosa aviadora renovará a tentativa de dar a volta ao Mundo.»

CURIOSIDADES

Alimentação dos povos

A base da alimentação dos povos varia consoante as regiões e múltiplos factores intervenientes.

No Norte da Europa e na Rússia é o centeio a base do sustento de 100 a 150 milhões de pessoas; o milho, de 50 a 70 milhões no Sul e no Sudoeste da Europa, da América e da África.

Adoradores e vítimas das serpentes

Na Índia, as serpentes são sagradas. No dia de «Naag-Panchami» literalmente, O dia de nascimento da serpente real, as mulheres hindus dão leite às serpentes e grandes esmolas aos seus encantadores. Entretanto, morrem, anualmente, naquele país mais de dez mil pessoas mordidas pelos terríveis répteis.

Arma poderosa contra moscas e mosquitos

Um novo e poderoso insecticida de enormes possibilidades foi aperfeiçoado em Inglaterra pela Estação Experimental de Rothamsted, com o apoio da Corporação Nacional de Desenvolvimento e Pesquisas. Composto simples, à base dos derivados do ácido crisantémico, além de ser o mais activo preparado sintético contra moscas domésticas, parece que é, também, o mais acmolidor de certos tipos de mosquitos. Contra a mosca doméstica, é cerca de 20 vezes mais activo do que o piretro natural.

Os testes preliminares mostram que o emprego do composto como insecticida não é tóxico para os seres humanos e animais; e assim, juntamente com a sua poderosa actividade insecticida, implica incluí-lo na categoria das armas mais potentes contra os insectos.

A Natureza é mestra

No Instituto Biónico do prof. Hertel, cientistas e técnicos alemães estão a criar novas formas de fuselagens de aviões baseadas em fenómenos da Natureza. Hertel reconheceu que a forma hoje mais corrente, cilíndrica, não é de maneira alguma ideal sobre o ponto de vista do aerodinamismo; e, em sua opinião, nenhum nadador rápido entre os animais nem nenhuma ave que se distingue pelo seu voo tem um corpo cilíndrico. O atum, no entanto, tem linhas aerodinâmicas simplesmente exemplares.

Com uma fuselagem na forma de atum, um «Boeing 707» poderia transportar, mantendo o actual comprimento, o triplo de passageiros sem reduzir as capacidades dos motores.

ANEDOTAS

■ O homem de uma vila visita um amigo de outra vila. Diz o primeiro:

— Cá, na tua terra, bebe-se muito vinho. Dizem que é por isso que as pessoas de cá são pouco inteligentes.

— Olha! E quanto a vocês, de lá, quais são as razões?...



■ O pedinte, em plena Baixa, dirige-se à senhora que passa:

— Por favor, tenho frio... agradeça-me que me desse 100 escudos para tomar um café.

— Um café... por 100\$00?

— É que eu queria ir tomá-lo a Coimbra.



■ O professor dá as primeiras noções de quebrados:

— Se eu cortar esta batata ao meio, ficou com duas metades. Se eu cortar ao meio as duas metades, fico com quatro quartos. Se eu finalmente cortar os quatro quartos ao meio...

— Já sei, já sei — interrompe o melhor da classe — fica com a batata frita aos palitos!



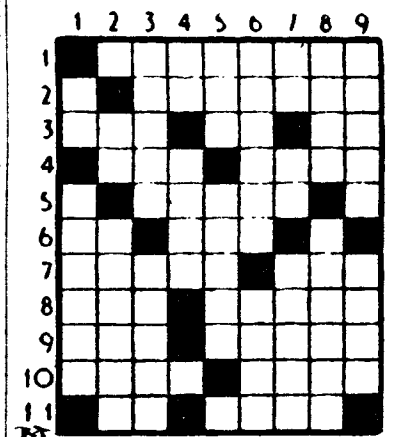
■ O sr. Silva foi a um jantar de amigos. Regressa a casa, um pouco bebido, já noite alta. A esposa acorda com o barulho que o sr. Silva faz em plena rua.

— Então, Silva, perdeste outra vez a chave da porta? Espera um pouco, que te atiro outra.

— Não vale a pena. Atira-me antes o buraco da fechadura, que não dou com ele.

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVÉRBO)
PROBLEMA N.º 4414



HORIZONTAIS: 1 — Grupo de ilhas do Mediterrâneo, pertencentes à Espanha. 2 — Ventre. 3 — Ente. Parecência. Símbolo químico do rubídio. 4 — Imperfeitos. Santo padroeiro dos curativos. 5 — Determina. 6 — Antes de Cristo. Origem. 7 — Prejudicial. Bases. 8 — Incipiente. Haste de letra. 9 — Amarra. O escolar. 10 — Rio de Moçambique, afluente do Índico. Estimem. 11 — A si. Hábitos.

VERTICAIS: 1 — Campeão. Espeszinhas. 2 — Preposição. Determinadas. 3 — Patentelem. Brando. 4 — Nota de música. Caruma. 5 — Época. Símbolo. 6 — Afaste. Pronome pessoal. 7 — Graça. Além. Primeiro. 8 — Doente. Experimentes. 9 — Erudita. Partem.

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBO nele inscrito.

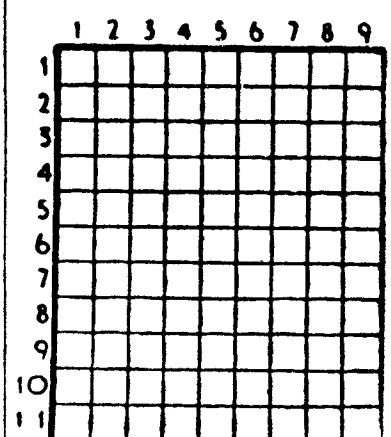
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 4413

HORIZONTAIS: 1 — Amo. MAL. 2 — Cá. Recife. 3 — ALHEIO. Em. 4 — Rs. Solene. 5 — NAO. 6 — Aonde. Tem. 7 — Sei. CURA. 8 — Rolei. 9 — Idos. Pi. 10 — Mor. NOSSA. 11 — Rabelais.

VERTICAIS: 1 — Acama. Fim. 2 — Maisões. DOR. 3 — Oneras. 4 — Rés. Das. 5 — Meio. Ne. 6 — Acolá. Carol. 7 — Li. Tui. Sa. 8 — Fender. Psi. 9 — Temo. Manias.

(Provérbo: MAL ALHEIO NÃO CURA NOSSA DOR)

(NOVA MODALIDADE)
PROBLEMA N.º 8259



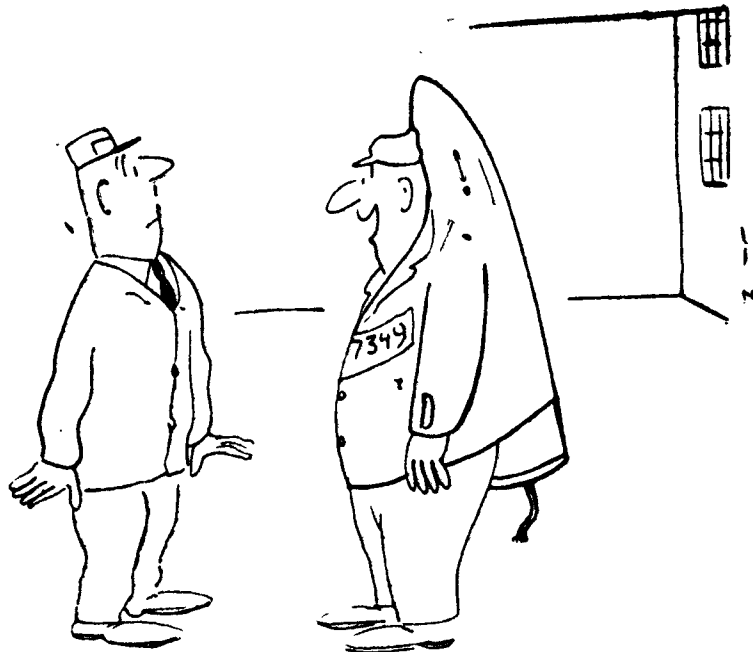
HORIZONTAIS: 1 — Nome dum fruto. Bolor. 2 — Dar no alvo. 3 — Viração. Prefixo de negação. 4 — Lera mal. 5 — Forma familiar do nome Maria. Lavrem. 6 — Pedra de altar. Patrão. 7 — Agora. Joieira. 8 — Dá guarida a. 9 — Preposição. Sufixo que designa abundância. Símbolo químico do gálio. 10 — Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia. Bol. slevagem. 11 — Reparos.

VERTICAIS: 1 — Doença que dificulta a respiração. Norma. 2 — Fútil. Metal precioso de cor amarela. De mios. 3 — Tomara calma. Abreviatura de Santíssimo. 4 — Estarei. Guarnição de asas. 5 — Tiro de fígado temperado e frito. 6 — Arremessa. Grito. 7 — Conjunto de leitões numa só sala. Cidade da antiga Caldeia. 8 — Símbolo químico do érbio. Move os remos. Grande. 9 — Gomo (parte de certos frutos). Reino da confederação Indochinesa.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8258

HORIZONTAIS: 1 — Macã. Avós. 2 — Aral. Cami. 3 — Rer. Ras. 4 — Calculara. 5 — Or. Er. 6 — Atenuas. 7 — Cla. Mês. 8 — Oó. Ela. Má. 9 — Asaro. 10 — Toas. Nilo. 11 — Aul'a. Osas.

VERTICAIS: 1 — Marca. Corta. 2 — Ária. Aio. Ou. 3 — Carlotia. Aal. 4 — Al. Crê. Essa. 5 — Tu. Nula. 6 — AC. Leu. Arno. 7 — Voraram. Ois. 8 — Omar. Sem. Lá. 9 — Sisal. Sapos.



— O sr. guarda tem um fósforo?

Prazer de escrever... em viagem... em férias... em casa... onde toda a família aproveita!

Apenas por
Esc. 100\$00
por mês

a **HERMES**



pode ser sua já hoje

Hermes Baby, portátil, que pesa sómente 3,6 Kg. com o seu estojo, ajuda mais de um milhão de pessoas de todas as profissões a ter a sua correspondência em dia. Porque não faz o mesmo?

Utilize também esta obra-prima de precisão suíça que possui as características essenciais das máquinas grandes.

DIRIJA-SE A
ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR. S.A.R.L.

Rua da Conceição, 46-1.º Telef. 3615 45 LISBOA-2
Rua de S. António, 208 Telef. 2 55 82 PORTO

POLICLINICA DA RUA DO OURO

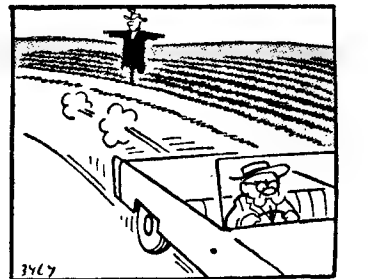
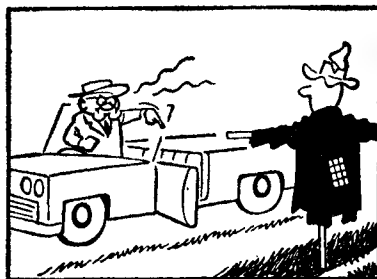
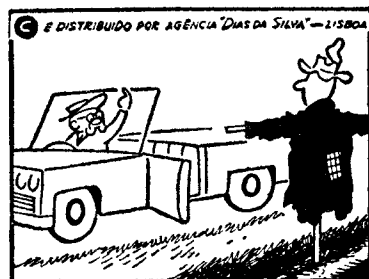
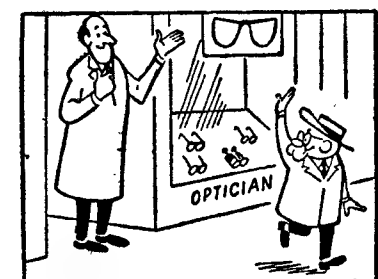
Entrada: Rua do Carmo, 98-2.º — Telef. 32 65 15

Dr. Amaro d'Almeida — Medicina, coração e pulmões — As 18 horas
Dr. Romão Loff — Doenças nervosas e electroterapia — As 14 horas
Dr. Coelho de Castro — Cirurgia, ossos e articulações — As 18 horas
Dr. Nelson de Figueiredo — Rins e vias urinárias — As 16 horas
Dr. António Ferrão — Doenças dos olhos — As 14 horas
Dr. A. de Barros Simão — Garganta, nariz e ouvidos — As 16 horas
Dr. Casimiro Afonso — Doenças das senhoras e operações — As 15 horas
Dr. Gonçalves Coelho — Doenças das crianças — As 18 horas
Dr. Pinto Bastos — Boca e dentes prótese — As 10 horas
Dr. Mário Jaquet — Fisioterapia — As 16 horas

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30 e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras a partir das 20 horas.

AVENTURAS DO TIO CARLOS



O 33.º ANIVERSÁRIO DE ADÃO, CAMISEIROS ASSINALADO COM O SORTEIO DE UM AUTOMÓVEL FIAT 600 D

No amplo salão de vendas da Fiat Portuguesa à Avenida Duarte Pacheco, 15, realizou-se ontem, à noite, o anunciado sorteio de um Fiat 600 D, entre os clientes de Adão, Camiseiros e Adão Juvenil que no decorrer do ano ali fizeram compras.

A cerimónia teve larga assistência, que manifestou exuberantemente o seu regozijo, pois, independentemente do sorteio do automóvel, foram distribuídas prendas a todos os presentes que estavam munidos do talão comprovativo de se haverem habilitado ao sorteio.

Presidiu ao sorteio, em representação da autoridade, o sr. dr.ª D. Maria Margarida Varela Soares estando também presentes os srs. Carlos Amaro em representação da Fiat Portuguesa, e Eduardo Cardoso Pereira, gerente de Adão, Camiseiros. O número premiado foi o 56.588, que corresponde ao talão de compras efectuadas pelo menino Carlos Augusto Passos na Secção Juvenil, em 17 de Dezembro. É este o cliente de Adão Camiseiros que vai receber o magnífico prémio de um Fiat 600 D — a melhor recordação de haver tido o bom gosto e o bom senso de dar a preferência a uma organização comercial que bem o merece.

Afirmção de um espírito jovem — hoje como ontem

A iniciativa deste sorteio surgiu com o desejo de assinalar a passagem do 33.º aniversário de Adão, Camiseiros (aniversário que passou ontem, precisamente) por uma forma que ligasse os clientes à festividade. E a melhor forma encontrada foi a de sortear um automóvel entre todas as pessoas que no espaço de um ano entrassem no Adão, Camiseiros ou no Adão Juvenil e ali comprassem algo.

Esta iniciativa constitui a afirmação de um espírito jovem por parte de quem orienta os destinos da importante empresa comercial, juventude essa que já é uma tradição: ao surgir há 33 anos, no mercado lisboeta, Adão, Camiseiros impôs uma autêntica revolução, com a audácia das suas modas, com a sua frequente renovação; e hoje, as suas instalações apresentam-se modernizadas, após importantes obras numa evidente demonstração de bom gosto e de capacidade de adaptação a novas fórmulas, sejam elas de pura criação de vestuário, ou de métodos comerciais, ou ainda de técnica de lançamento, sempre evidenciada no bom gosto e sobriedade das já referidas instalações — no melhor estilo

Intercâmbio espiritual luso-francês

No Círculo de Eça de Queiroz, o sr. conde Di Miranda, presidente da Academia de Ciências, Artes e Letras da Cidade de Paris instituiu de cultura dependente da Academia Francesa, impôs condecorações a individualidades portuguesas, que têm contribuído para o desenvolvimento do intercâmbio espiritual luso-francês. Depois de saudar a cidade de Lisboa, na pessoa do presidente do Município, sr. general França Borges, ali presente, e de salientar o significado das distinções concedidas, o sr. conde Di Miranda entregou as condecorações aos srs. dr. Moreira Baptista, secretário nacional da Informação, que, em nome de todos, depois agradeceu; eng.º Vítor Veres e inspector superior Barbieri Cardoso, a comenda da Academia de Artes, Ciências e Letras de Paris; prof. Vitorino Nemésio, representado por seu filho, e Lucien Donat, o oficialato da mesma instituição; José Maria Moreira da Costa e Manuel Alvares Peres de Carvalho, as insignias do Grau de Cavaleiro. Ao sr. inspector Barbieri Cardoso, o sr. conde Di Miranda entregou, também, um raro documento da sua colecção pessoal: uma ordem de combate, assinada pelo grande marechal Maurice de Saxe, filho do rei Augusto II da Polónia e vencedor da batalha de Fontenoy em 1747.

SINTRA ESPERA-O

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

No CARTÃO "DIÁRIO DE LISBOA" vende-se na gôndola PRÉCIO ALVES SUC Rua do Batalhão

O carro coube ao cliente, menino Carlos Augusto Passos

lo londrino — ou das suas sensacionais montras.

Ficou na história comercial de Lisboa...

Ao evocar-se a carreira triunfal de Adão, Camiseiros — e no mesmo rumo de êxito se tem processado a v. da sua mais nova secção, Adão Juvenil, criada há seis anos — não constitui exagero falar de montras sensacionais, pois ficou na história comercial de Lisboa (e, o que é mais, na memória do público) a sua montra das «camisas de 10 paus», sem dúvida a mais falada de sempre e graças à qual se venderam milhares e milhares de camisas. É curioso referir que ainda hoje, decorridos tantos anos, há clientes que perguntam se há para vender «camisas de 10 paus»...

Na verdade, Adão, Camiseiros impôs-se desde o seu início porque foi bem recebido pelo público logo nos primeiros tempos da sua actividade.

Inovações após inovações e êxitos sucessivos ao lutar contra a rotina

A gerência de Adão, Camiseiros teve sempre a perseverança difícil de saber impor a sua audácia acreditando as inovações constantes com que agitava o mercado da especialidade, marcando o «tom» de uma arte sempre renovada.

Assim, Adão Camiseiros foi a primeira camisaria que em Lisboa fez venda de gabardinas para homem e também a primeira a vender sobretudos masculinos, actividades que anteriormente só competiam aos alfaiates. Lançou também, com muito êxito, modelos importados do estrangeiro e aos quais os seus técnicos, cada vez mais seguros, introduziam aconselháveis modificações que lhe davam, sempre dentro de um exigente cunho de elegância, as características especiais que os tornavam bem aceites pelo gosto português.

Uma moda imposta em Portugal numa ousadia triunfante

É curioso registar que Adão, Camiseiros, respeitando sempre uma tradição comercial e industrial do maior prestígio, soube da mesma forma evidenciar um forte espírito de luta quando foi necessário inovar em matéria de Moda. Foi isso que lhe permitiu tornar-se a primeira camisaria que «ousava» vender casacos «sport», praticamente desconhecidos do grande público; nesse tempo o uso de um casaco diferente da calça só existia com o significado de escassez de meios, mas Adão, Camiseiros soube impô-lo como uma Moda que já triunfara no estrangeiro.

Esta tem continuado a ser a ca-

racterística principal de Adão, Camiseiros e, mais recentemente, de Adão Juvenil; a audácia dos empreendimentos, embora apoiada em excelente técnica e em sólida organização comercial. E esse êxito tem sido poderosamente auxiliado pela acção de excelentes funcionários como Fernando Ferreira, colaborador n.º 1 da empresa, que se evidencia não só pela sua dedicação como, também, pelo gosto invulgar de que dá provas com a sua elevada capacidade para execução das belas montras do estabelecimento, em íntima colaboração com a gerência; ou como António Simões Ferreira, que desde a fundação da casa lhe dedica o seu valioso esforço e serve de exemplo aos outros funcionários, menos antigos, mas todos igualmente dedicados e integrados no espírito que anima Adão, Camiseiros; o espírito que permite que os seus 33 anos sejam agora comemorados sob um signo de confiança no futuro e de juventude capaz de novos empreendimentos.

ASSASSINOU O SOGRO E MATOU-SE A SEGUIR

Um sargento do Exército assassinou o seu sogro com um tiro na cabeça, atentando contra a própria vida no momento imediato, após uma violenta discussão que ambos tiveram esta manhã, na residência em que coabitavam.

O segundo sargento António Braz, de 39 anos, a prestar serviço no Ministério do Exército, residia no Bairro do Alvitio, 52, r/c, esq. com seu sogro Irlando Rodrigues da Silva, de 56 anos, funcionário reformado do Tribunal de Contas.

As relações entre ambos, nunca foram boas, verificando-se fortes discussões entre os dois, que altercavam frequentemente, mas sem nunca recorrerem a violências — segundo vizinhos.

Hoje, porém, logo de manhã, começaram a discutir e de tal maneira, que em breve passavam a vias de facto.

O sargento, armado então com uma pistola, disparou contra o sogro, atingindo-o na cabeça, pelo que este teve morte imediata. António Braz, perante a consequência do seu gesto, desesperado, virou a arma contra si próprio, recebendo uma bala numa perna e outra na cabeça.

Ambos foram conduzidos ao Hospital de São José. Ali os médicos limitaram-se a verificar o óbito de Irlando da Silva, cujo cadáver foi removido para o Instituto de Medicina Legal.

O sargento Braz, em estado muito grave, recolheu à sala de observações, onde faleceu horas depois.

CURIOSAS INFORMAÇÕES ACERCA DA MARÉ DE ONTEM

(Continuação da página central)

dro comparativo dos valores que o previsor de marés do Ministério da Marinha indicou para as alturas máximas de água no dia 27 e dos valores que foram observados.

atinge os 14 40 metros, sendo igualmente elevados os valores observados em águas vivas noutros pontos das costas do Norte da França e do Mar da Mancha, como por exemplo: Cayeux, 11,35 m; Dieppe,

MARÇO DE 1967

Local	Dia	Hora	Altura de água ao previsor	Altura observada
Cascais	27	4.10	3,84 m	3,95 m
Paço de Arcos	27	4.25	4,12 m	4,15 m
Alfente	27	4.50	4,32 m	4,35 m

Como se vê a previsão apenas diferiu da realidade 11, 3 e 3 centímetros, respectivamente em Cascais, Paço de Arcos e Alfente.

Uma explicação de interesse

Parece oportuno esclarecer uma dúvida que logicamente se pode pôr a alguns leitores do «Diário de Lisboa» quando após leitura destes apontamentos sobre marés, tiverem a curiosidade de comparar as alturas de água que indicamos com as que vêm na informação sobre marés e que constam habitualmente no quadro «O Tempo que faz».

Um leitor curioso teria muito normalmente estranhado que tivéssemos falado em 4,15 metros como sendo uma maré excepcional, quando afinal para o dia 25, se previa sem qualquer alarde uma maré com a altura de água de 4,20 metros às 15,58 horas e 4,40 metros às 4,56 horas do dia 27, esta última informação corresponde exactamente à tal maré de 4,15 metros.

De facto é assim mesmo e está tudo certo. É apenas uma questão de números! Os valores indicados na local do «Diário de Lisboa» intitulada «O tempo que faz» são tirados da tabela de marés da A. G. P. L., que adopta um plano do zero hidrográfico diferente do do Ministério da Marinha. Como esse plano fica cerca de 0,29 metros abaixo do plano do zero hidrográfico do Ministério da Marinha é necessário aplicar a correcção -0,29 metros aos valores da A. G. P. L. para obter os correspondentes valores do Ministério da Marinha. Assim, por exemplo, os tais 4,15 metros mais 0,29 metros é igual a 4,44, que afinal é o valor indicado em «O tempo que faz».

O que interessa saber é que ambas as indicações estão certas e que a altura real da água foi a mesma e de acordo com as previsões.

A propagação das marés na costa portuguesa

Para terminar queremos acrescentar resumidamente alguns elementos que se julgam de interesse sobre a propagação da onda de maré do Atlântico Oriental, nesta parte do hemisfério Norte em que se situa a costa do Continente português.

A maré é semidiurna e de média amplitude. Isto quer dizer que em cada 24 horas temos 2 prela-mares e 2 baixa-mares e os valores médios das amplitudes da maré (diferença entre as alturas de água no baixa-mar e no prela-mar) andam à volta dos 3 metros.

Por outro lado não temos na nossa costa acidentes geográficos notáveis, nem a maré no interior dos rios e bacias hidrográficas se propaga tão profundamente que tenha especial significado a influência dos pequenos fundos e da fisiografia desses acidentes.

Assim, o fenómeno processa-se segundo leis bastante regulares e de forma bastante previsível, não sendo de admitir, salvo em casos excepcionais, situações de surpresa devido à ocorrência de marés anormais e inesperadas.

Situamos no campo das possíveis surpresas, a ocorrência de fenómenos sísmicos ou meteorológicos que coincidindo com prela-mares de águas vivas, possam agravar a situação. Aliás, os resultados em certa medida desastrosos dessas possíveis zonas de acções são, infelizmente, conhecidos entre nós, quando temporais violentos e marés altas provocam destruições nas praias do nosso litoral, etc.

O caso especial no Monte de Saint Michel

A propagação da maré de iguais características em toda a nossa costa, não tem paralelo por exemplo nas costas norte da França, onde as amplitudes máximas variam entre pouco mais de 4 metros num local, a cerca de 15 metros noutro que lhe fica próximo.

A amplitude máxima da maré na enseada do Monte de Saint-Michel

10,61 m; Cancale, 15,05 m.

Com amplitudes desta ordem, é fácil imaginar os grandes espalhados que ficam na maré baixa e consequentemente a tentação de, com marés grandes, o turista se aventurar em locais onde possivelmente nunca ninguém esteve nem terá possibilidade de estar, senão dentro de largos anos.

Claro que, aventurando-se espalhado fora, percorrendo vários quilómetros, o incauto pode não se aperceber da viragem da maré e acabar por não ter tempo de se pôr a salvo. Estes casos não podem acontecer facilmente nas nossas costas, pois os espalhados raramente ultrapassam uma ou duas centenas de metros.

No que se refere à acção conjunta dos grandes temporais e marés muito altas também o perigo é sempre maior nas regiões que, como os Países Baixos, têm grandes extensões territoriais e costas baixas e em situação portanto de sofrerem a invasão das águas com consequências muito mais desastrosas. Foi o que aconteceu em 1953, em que houve a lamentar numerosas vítimas.

Para terminar, esclarece-se que as providências adoptadas em França e em alguns portos do mar do Norte sobre o reforço de amarrações das embarcações não tem cabimento entre nós em condições de bom tempo pois as correntes de maré são como é natural mais intensas quando as amplitudes são maiores. Não é difícil imaginar, por exemplo na baía do Monte Saint Michel com amplitudes de maré superiores a 14 metros, qual será a intensidade extraordinária das correntes resultantes. Mesmo em águas mortas, nas proximidades da Ilha D'Aurigny, medem-se valores de correntes da ordem dos 5 nós.

Em águas vivas esses valores podem ultrapassar 9 nós e chegam mesmo a atingir 12 nós.

De tudo o que se acaba de dizer em linhas gerais sobre marés, e da comparação entre a manifestação do fenómeno em águas continentais portuguesas e determinados locais do mar do Norte, conclui-se facilmente que o fenómeno é sempre muito mais violento e de possíveis resultados mais desastrosos nesses locais, que nas nossas costas.

Dai a razão das providências especiais que se tomam em França e Países Baixos para a protecção de pessoas e bens, quando, mesmo com previsão meteorológica favorável se aproximam águas vivas equinociais.

Dos elementos fornecidos ao nosso jornal pelo Ministério da Marinha fazem parte resultados de observações feitas proposadamente para o «Diário de Lisboa» pelos serviços respectivos do Instituto Hidrográfico, gentileza que não podemos deixar, mais uma vez, de agradecer e de salientar.

REUNIÃO DA I.A.A.

Organizado pela I. A. A. — International Advertising Association — realizou-se, no Hotel Ritz, uma reunião dos membros portugueses desta importante organização, promovida pelo vice-presidente mundial e presidente para a Europa continental, sr. Jean Lenormand.

Em breves palavras o sr. Jean Lenormand recapitulou o que foram os anteriores congressos mundiais e referiu-se ao próximo, a realizar no mês de Junho, em Londres, em que estarão presentes mais de 2000 membros da organização e que será retransmitido pela T. V. através de um satélite, simultaneamente para vários pontos do Globo.



Maria Luísa Barata

MODAS

TEM A HONRA DE CONVIDAR AS SUAS ESTIMADAS CLIENTES A ASSISTIR A APRESENTAÇÃO DA SUA GRANDE COLEÇÃO DE MODELOS PARA A «PRIMAVERA» E «VERÃO» DE 1967 DE

PRONTO A VESTIR

A REALIZAR NO «HOTEL RITZ», NO DIA 29-3-67, ÀS 16 HORAS MARCAÇÃO DE MESAS PELOS TELEFS. 685256-685019 ATÉ O DIA 28

AV. ENG. DUARTE PACHECO, 1 LISBOA HOTEL PALÁCIO ESTORIL

Nova rota.



**A nossa nova rota* para a Califórnia
leva-o também a Nova York -
e agora fazendo todo o percurso
com a Pan American.**

Sem mudar de Companhia, visite agora ambas as costas dos Estados Unidos utilizando inteiramente a Linha Aérea de Maior Experiência em todo o Mundo. Partindo de qualquer das 27 grandes cidades da Europa transportamo-lo rapidamente a Nova York, onde poderá ficar sem aumento do preço do bilhete. Quando quiser continuar a viagem, tome outro Jacto da Pan American e voe directamente para São Francisco. É claro que podemos também transportá-lo directamente de Londres ou Paris para a Califórnia pela nossa linha da Rota Polar, visitando Nova York no regresso. Qualquer das maneiras é uma forma diferente de descobrir a América. Consulte pois o seu Agente de Viagens ou a Pan American em Lisboa, P. dos Restauradores, 46. Serviços de Reservas: 362591 (5 linhas). E parta com a agradável sensação de confiança que lhe dá a certeza de ter escolhido o melhor — até ao fim da sua viagem.



A Linha Aérea de Maior Experiência no Mundo

PRIMEIRA SOBRE O ATLÂNTICO • PRIMEIRA SOBRE O PACÍFICO • PRIMEIRA NA AMÉRICA LATINA • PRIMEIRA À VOLTA DO MUNDO

* A partir de 1 de Abril.

UM PESQUEIRO ESPANHOL

desembarcou
um morto

em Ponta Delgada

PONTA DELGADA, 28 — (L.) — O arrastão espanhol «Santa Célia» procedente de Ferrol e com destino aos bancos da Terra Nova, com um carregamento de sal, entrou no porto de Ponta Delgada para desembarcar o cadáver de um tripulante, vítima de doença a bordo daquele barco.

Vitimado por embolia, segundo diagnóstico feita através da rádio pela Policlínica da Armada espanhola, o indito marinhheiro contava apenas 34 anos.

Festa no Clube Ferroviário de Portugal

No próximo dia 1 de Abril, efectua-se na sede do Clube Ferroviário de Portugal, a «Grande Noite da Primavera», durante a qual será eleita a «Rainha dos Ferroviários».



**TOMÉ JOAQUIM
LOPES
FALECEU**

Sua esposa Hortência da Conceição Calado de Almeida Lopes, seu filho Alvaro Tomé de Almeida Lopes, sua esposa Mercedes Rocha de Macedo Rodrigues, de Almeida Lopes, e mais família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento de seu chorado marido, pai e sogro e que o seu funeral tem lugar amanhã, às 14 horas, da Rua Leão de Oliveira, 4-1.º D. para o cemitério a determinar.

AGÊNCIA ALVES



**TOMÉ JOAQUIM
LOPES
FALECEU**

José da Purificação Lopes, Ilda Lopes Pires, Liberta da Purificação Lopes, e filhos, Quirino da Silva Lopes, Libertina Lopes, e mais família participam o falecimento de seu chorado pai, sogro, e avô, e que o seu funeral tem lugar amanhã, às 14 horas, da Rua Leão de Oliveira, 4-1.º D. para o cemitério a determinar.

AGÊNCIA ALVES



**TOMÉ JOAQUIM
LOPES
FALECEU**

A firma TOMÉ JOAQUIM LOPES & C.ª, os seus sócios, e empregados, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento de seu Bom e Amigo, sócio-gerente, cujo funeral tem lugar amanhã, às 14 horas, da Rua Leão de Oliveira, n.º 4-1.º D. para o cemitério a determinar.

Trata AGÊNCIA ALVES

RAVAILLAC

Texto de J. VAGENENDE Desenhos de FRISANO

RESUMO — Uma cigana predisse a Henrique de Navarra que este morreria pouco depois de ser coroado. Entretanto o jovem Ravailiac procura «avisar» o monarca em nome das potências celestes... Para tanto apresenta-se à sentinela do Palácio do Louvre.



52 — Barba rala e agreste, olhos brilhantes e desorbitados, Ravailiac tem uma certa semelhança com a personagem que procura. Ao ver que os guardas do palácio riem da sua pretensão, enche-se de fúria, grita, profere ameaças. É tomado então por um êbrio. A cena atrai ao local o preboste, sr. de Bellingville, o qual logo repara no aspecto sóbrio de Ravailiac e na sua condição de pessoa decente — apesar do exterior mal cuidado. «Calma, rapaz, calma!», diz o preboste. «Agradeça que fizesses menos barulho. Sua Alteza está muito mal, os médicos deram-lhe mesmo agora uma purga...» Tranquilizado com estas palavras aparentemente benévolas, Ravailiac afastou-se. Mas na manhã seguinte veio novamente diante do palácio...



53 — Arranjou-se o melhor que pôde, para não fazer má figura. Fala em tom pausado, escolhendo bem as palavras. Jura em nome de Deus ter uma mensagem urgente a transmitir ao rei, uma mensagem que lhe salvará talvez a vida. Com a continuação acaba por impressionar quem se dignou ouvi-lo. Aparece então o sr. de Castelnau, que manda revistar Ravailiac de alto a baixo: tudo o que lhe encontram nos bolsos é um velho rosário. O jovem insiste: «Vossa Graça fará o que quiser, mas tenho de falar ao rei, e a mais ninguém.» É a vez de o sr. de Castelnau se deixar impressionar: tanta gente a querer liquidar Henrique, e finalmente este rapaz cheio de boa vontade, talvez, quem sabe, na posse do segredo de alguma conspiração... É assim que ele se dirige ao duque de La Force.



54 — «O rapaz», diz o sr. de Castelnau, «tem um ar franco e honesto. Não vem armado e fala com elegância.» O duque, cujo cargo se prende com a segurança pessoal do monarca, vai ver Ravailiac cheio de paciência e de cortesia, este explica mais uma vez o seu desejo. Tem de falar a sós com o rei, e depressa... O tom insinuante de Ravailiac basta para que o duque se encaminhe a grandes passadas para a sala do trono. Posto ao corrente do que se passa Henrique quer saber o aspecto que tem Ravailiac. «Parece... um papista!», explica o duque. «Outro visionário», suspira o rei, farto destes avisos celestes. «Ponham-no fora do palácio, ameacem-no com a pólvora. O duque de La Force insiste: «Se o mantermos sob vigilância, talvez acalmemos...» Não, Henrique está farto, farto. Não quer ser importunado. Ravailiac é mandado embora. O destino cumprirá-se.

(Continua)



MINISTÉRIO DAS FINANÇAS DIRECÇÃO-GERAL DA FAZENDA PÚBLICA

EMPRÉSTIMO INTERNO AMORTIZÁVEL

«OBRIGAÇÕES DO TESOIRO 5 POR CENTO, 1967, FOMENTO ECONÓMICO»

1 MILHÃO DE CONTOS

(Decreto-Lei n.º 47 566, de 27 de Fevereiro de 1967)

EMISSION DE 250 000 OBRIGAÇÕES CORRESPONDENTES AS CINCO PRIMEIRAS SÉRIES

A subscrição pública aberta para as cinco primeiras séries deste empréstimo excedem largamente o seu valor pelo que, de acordo com os critérios oportunamente anunciados, há necessidade de proceder a rateio.

Assim,

- 1.º Serão satisfeitas, sem rateio, as subscrições até 100 obrigações, inclusive;
- 2.º Todas as subscrições superiores a 100 obrigações serão satisfeitas em 50 por cento (com arredondamento para o número inteiro de obrigações imediatamente superior), sendo sempre garantido o mínimo de 100 obrigações;
- 3.º As subscrições iguais ou superiores a 1000 obrigações serão sujeitas a um rateio complementar de menos 53 obrigações por cada 1000 subscritas, com a garantia de atribuição de um mínimo de 450, observando-se quanto às obrigações a atribuir o arredondamento previsto no número 2.º.

Ficam igualmente avisados os subscritores abrangidos pelo rateio, a comparecerem, a partir do dia 30 do corrente, nas instituições bancárias munidas da «Declaração de Depósito» a fim de ser feito o necessário averbamento no verso daquela «Declaração» e devolvida a importância que exceder o valor das obrigações atribuídas.

A entrega dos títulos provisórios far-se-á a partir de 15 de Abril próximo futuro, contra recibo, por intermédio das mesmas instituições bancárias onde tenha sido efectuada a subscrição.

Lisboa, 28 de Março de 1967

O DIRECTOR-GERAL DA FAZENDA PÚBLICA

CAMINHOS DE FERRO

LEILÃO

No dia 4 de Abril e dias seguintes, às 10 horas, na estação de Lisboa (Rossio), proceder-se-á à venda, em hasta pública, de todas as remessas que não tenham sido retiradas nos prazos estabelecidos, bem como de outros volumes abandonados e que não tenham sido reclamados.

Avisam-se mais uma vez os Srs. Consignatários das remessas de que podem ainda retirá-las, pagando à Companhia os débitos que corresponderem, para o que poderão dirigir-se ao Serviço da Fiscalização das Receitas — Escritório de Reclamações (Largo dos Caminhos de Ferro — Lisboa), nos dias úteis, até ao dia 31 do corrente das 10 às 17 horas, excepto sábado.

Nas estações estão fixados Avisos em que se enumeram as remessas acima referidas, os quais podem ser consultados pelas pessoas interessadas.

TELEVISÃO

TÉCNICA

ASSISTENCIA PERMANENTE
NÃO PERCA O SEU PROGRAMA
TEL. 75 04 18



EDUARDO DE LATORRE

LISBOA

FALECEU

Participação e missa
do 7.º dia

Maria Helena de Latorre Lisboa e mais Família cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus servido chamar à Sua Divina Presença, no passado dia 22, o seu muito querido irmão e parente e que será celebrada uma Missa amanhã, dia 29, às 10 horas, na capela de Nossa Senhora Auxiliadora dos Padres Salesianos do Estoril pelo seu eterno descanso, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

P. N. A. M.

HORÁRIO DOS COMBOIOS SERVIÇO INTERNACIONAL

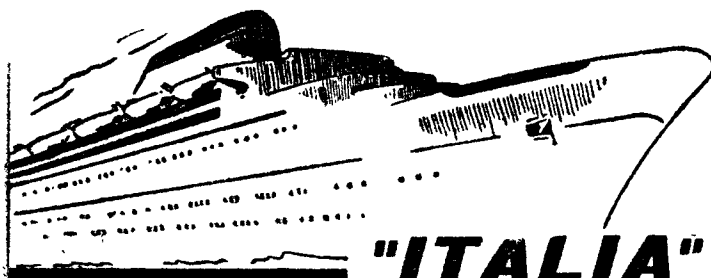
LISBOA-SEVILHA (Via Badajoz)

Comunica-nos a C. P. que desde 19 do corrente é estabelecido o seguinte serviço internacional para transporte de passageiros entre Lisboa e Sevilha:

7.40	p.	Lisboa (St.ª Apolónia)	c.	19.40	20.10	0.45
			(a)			
8.56	c.	Entroncamento	p.	18.25	18.29	23.19
9.01	p.		c.	17.48		22.51
12.40	c.		p.	14.15		17.50
13.50	p.	Badajoz	c.	13.15		15.30
			(b)			
20.15	21.10	c.	Sevilha	p.	7.45	8.45

(a) — Comboio TER — Entre Entroncamento e Lisboa além do pagamento da taxa de velocidade (Categoria A) está sujeito ao pagamento de uma taxa especial de utilização.

(b) — Comboio TAF — Entre Sevilha e Badajoz está sujeito ao pagamento de taxa de velocidade.



SOCIETÀ DI NAVIGAZIONE - GENOVA

PARA:

AMÉRICA DO SUL

«GIULIO
CESARE»

4 de Abril
16 de Maio

RIO DE JANEIRO
SANTOS
MONTEVIDEO
BUENOS AIRES

PARA:

MEDITERRÂNEO

«AUGUSTUS»

14 de Abril

BARCELONA

«GIULIO
CESARE»

1 de Maio

CANNES
GENOVA
NAPOLIS

OS AGENTES:

Em Lisboa:
AGENCIA MARITIMA
TRANSATLANTICA, LDA.
Rua do Alecrim, 20, F. 1.
Telefone 32 72 64

No Porto:
KENDALL, PINO BASTO
& C. LDA.
Rua Nova da Alfândega, 12
Telefone 88421

No CARTAXO o «DIÁRIO DE LISBOA» está à venda na CASA PEDRO ALVES, SUC. RUA DO BATALHOZ.

Diário de Lisboa

PAGINA 21

HIGH QUALITY REFRIGERATORS

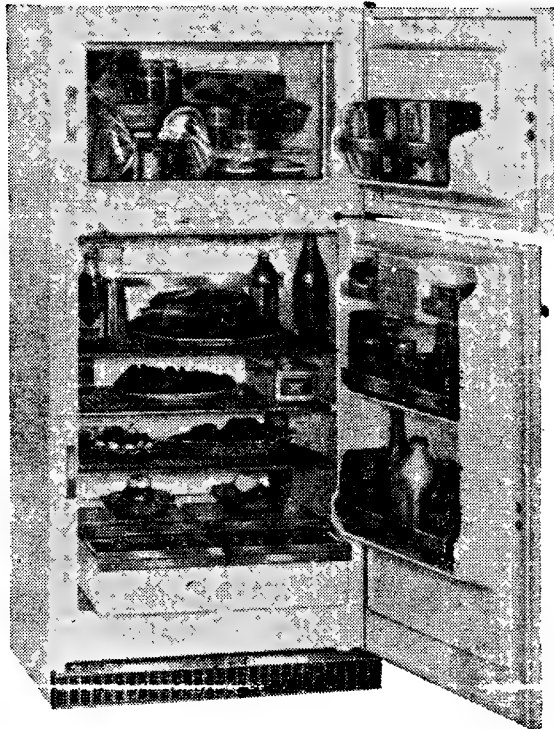
we have just received famous American

GENERAL ELECTRIC
NORGE • PHILCO

models of high capacity and totally automatic

Visit our exhibition

We accept your old one in exchange



FRIGORÍFICOS DE GRANDE CLASSE

recebemos os últimos modelos dos famosos frigoríficos americanos

GENERAL ELECTRIC
NORGE • PHILCO

de grande capacidade e completamente automáticos.

Visite a nossa exposição

Fazemos trocas pelo seu velho frigorífico

Dardo

AV. DA LIBERDADE, 131 RUA S. BENTO, 53 a 57 AV. ALM. REIS, 124 B
PRAÇA DE LONDRES 7A-B R. 1.º MAIO 146 (S. Amaro)



Máquinas ideais para o pequeno e médio comerciante. Duplo visor, fita de detalhe e emissão de talão. Construção inteiramente metálica.

Distribuidores Exclusivos:

Soc. de Rep. SIDA-SUECA, limitada
R. de S. Nicolau, 15-17 LISBOA

Est. M. SIMÕES JR., S.A.R.L.

PORTO: Rua de Santo António, 208
BRAGA: Rua D. Diogo de Sousa, 62

PIANOS

VERTICAIS E DE CAUDA
ALUGAM-SE

Estabelecimentos
VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S. A. R. L.
95, Rua Nova do Almada, 99
LISBOA

EFICEX KIENZLE

FUNDADA EM 1947

TÉCNICOS DE CONTAS • CONSELHEIROS EM ORGANIZAÇÃO

ORGANIZAÇÃO E SIMPLIFICAÇÃO DE EMPRESAS — REORGANIZAÇÃO DE SERVIÇOS — ORGANIZAÇÃO E ACTUALIZAÇÃO DA CONTABILIDADE — MECANIZAÇÃO GERAL OU SECTORIAL — ORGANOGrama E ESQUEMATIZAÇÃO FUNCIONAL DAS EMPRESAS — GESTÃO DE STOCKS — PLANIFICAÇÃO E PREVISÃO FINANCEIRA — PROBLEMAS FISCAIS

JMA EMPRESA AO SERVIÇO DAS OUTRAS EMPRESAS

SERVIÇOS TÉCNICOS EM LISBOA — Av.ª João XXI, 4-A — Telef. 727028-725074

SERVIÇOS COMERCIAIS DE LISBOA — Av. Padre Manuel da Nóbrega, 4-B
Telef. 726105-727019

FILIAL NO PORTO — Rua Passos Manuel, 228, 2.º-DI.º — Telef. 3 06 98

FILIAL EM LEIRIA — Rua Gago Coutinho, 22 e 24 — Telef. 2 37 40

NASTLON
SEALPAK



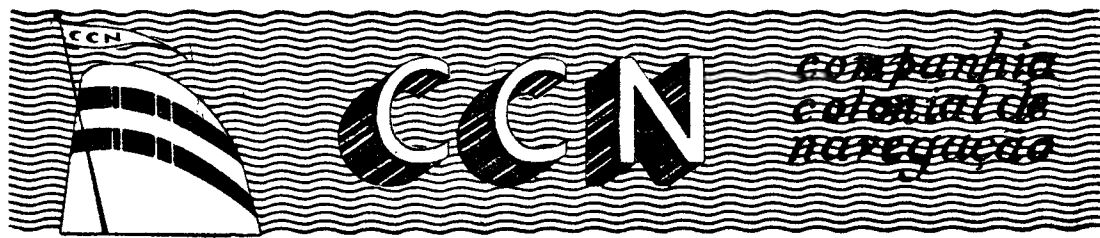
*marcas registadas

técnica moderna na vedação de juntas roscadas



NOVUM, Ida.

avenida da república, 2 • tel. 5 09 43 • lisboa 1



PARIDAS

DESIINOS

LINHA DE AFRICA

« GANDA »
a sair em 5 de Abril

Com escala por LEIXÕES, para: PRÍNCIPE, S. TOMÉ, AMBRIZ, LUANDA, PORTO AMBOIM, LOBITO, MOÇAMÉDES e PORTO ALEXANDRE (se necessário). Carrega de 29 de Março a 3 de Abril.

« PATRIA »
a sair em 19 de Abril, às 12 horas

Com escala por FUNCHAL, para: S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇAMÉDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA. Carrega de 13 a 16 de Abril.

LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

« SANTA MARIA »
a sair em 19 de Abril, às 18 horas

Com escala por VIGO e FUNCHAL, para: FENERIFE, PORTO EVERGLADES (MIAMI), LA GUAIRA e CURAÇAU.

dos Srs. Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LISBOA: Rua de S. Julião, 63 — Telef. 369621/8 — PORTO: Rua Infante D. Henrique, 9 — Telef. 23342

INSTITUTO VAZ SERRA

QUINTA DE SANTA CRUZ

EXAMES OFICIAIS
REALIZADOS NO PRÓPRIO INSTITUTO

Direcção e Administração completamente remodeladas

INTERNATO MASCULINO
EXTERNATO PARA AMBOS OS SEXOS

Cursos primário e secundário completos
Corpo docente seleccionado

Educação cívica, moral e religiosa esmeradas
Uniforme privativo

Situação em região pitoresca e aprazível, fora dos grandes centros... convidativa ao estudo e ao ensino

ALGUMAS VAGAS AINDA DISPONÍVEIS

CERNACHE DO BONJARDIM — TELEFONE 20

Centro de rastreio da tuberculose na Musgueira

(Continuação da página central)

Quando aqui cheguei, pareceu-me que tudo andava muito devagar. Agora não. Isto é boa gente; o que se precisa é de calma, deixá-la falar e saber compreendê-la.

A mudança quase se amontoa. Não há, porém, a algazarra que se ouve em outros meios e em outras ocasiões. São rostos quase todos pálidos, alguns deles sujos, muitas crianças magras, grandes olhos esbugalhados. E há a gravidade que lhes dá um certo receio («o que será aquilo?»). Todos nos dizem baixo, envergonhados (porque custa tanto, a tantos, levantar os olhos, se não têm nenhuma razão autêntica para os manter assim baixos?), que «não têm medo». Mas, como não sabem o que é...

Foi o que nos afirmou, entre outros, o José Afonso Batarde Jorge, de 5 anos, enquanto sua mãe, sr.^a Maria Ana Carrasco, acentua:

— Há certas mães que não trouxeram os filhos. Eu trouxe logo os meus. Pode evitar-se qualquer coisa.

Aos miúdos é feita a reacção da tuberculina — e depois serão vacinados, se for caso disso («não custa nada», ouve-se). Os mais velhos vão à máquina — que demonstrou a pôr a funcionar, porque a corrente não era suficientemente forte. Faz-se bicha. O primeiro é o sr. Filipe de Jesus Alexandre carpinteiro no Centro Social.

— É a primeira vez que faço isto. Mandaram-me vir: mas mesmo que não mandassem, eu vinha na mesma. Pode ser que faça bem.

● O flagelo das doenças pulmonares

Depois é Domingos de Oliveira, estivador, de 53 anos:

— Já tirei micro, na Caixa. Agora estou há um ano e meio sem trabalho, com uma doença pulmonar. Ando a tratar-me aqui no Centro e recebo 33\$00 por dia.

— Quantos anos trabalhou na estiva?

O nosso interlocutor faz contas («em 49 parti a pernas»):

— Há 28 anos.

E ainda nos conta que tem uma filha («é como se fosse: foi abandonada à minha porta, na Quinta dos Bichinhos, com 17 dias, e tomámos conta dela») e uma neta, de quem mostra, orgulhoso, a fotografia.

O homem que vem a seguir é Armando Duarte Henriques, picador de caldeiras:

— Também não estou a trabalhar. Fiquei doente dos pulmões há um ano. Sabe? — um homem entra para

Atropelou uma vaca e ficou em estado grave

O jornalista António Arsénio, de 35 anos, morador no Sítio dos Algarvios em Alcácer do Sal, atropelou uma vaca quando seguia numa estrada próximo daquela localidade e ficou em estado grave, muito ferido na cabeça.

Recolheu à sala de observações do Hospital de São José para onde o transferiram dado a gravidade do seu estado.

Instituto Superior Naval de Guerra

O almirante Henrique Tenreiro proferiu hoje, no Instituto Superior Naval de Guerra, uma conferência subordinada ao tema «Política de produção e de consumo da pesca», a qual se revestiu de grande interesse. Assistiram o director, o subdirector e os professores do Instituto, bem como os oficiais que frequentam os cursos navais de guerra no presente ano lectivo.

FEIRA DE SANTIAGO DE SETÚBAL

CARTAZ DE PROPAGANDA CONCURSO

Até ao dia 20 de Abril está aberto concurso para apresentação do modelo de cartaz de propaganda da Feira de Santiago, para o corrente ano.

Ao primeiro prémio caberá a quantia de Esc. 5.000\$00.

Os interessados deverão dirigir-se à Comissão de Festas — Câmara Municipal de Setúbal. — Telefone 22105.

MISSA E BÊNÇÃO dos navios bacalhoeiros

Celebrase no dia 2 de Abril, próximo, às 10 e 30, na greja dos Jerónimos, a cerimónia da missa e bênção dos navios bacalhoeiros que vão partir para os bancos da Terra Nova e Gronelândia.

CONFERÊNCIAS

«O urbanismo no planeamento regional»

EVORA 18 — Integrada num ciclo de conferências sobre o desenvolvimento regional organizado pela Junta Distrital de Évora o sr. eng.º Herberto de Miranda profere hoje, na sede daquele organismo, uma conferência subordinada ao tema «O urbanismo no planeamento regional».

NECROLOGIA

FALECIMENTOS

António José de Almeida

EVORA 28. — Depois de prolongada doença, faleceu no Hospital da Misericórdia, o sr. António José de Almeida, de 60 anos, viúvo natural desta cidade onde residia na Avenida Heróis do Ultramar.

UNERAIS

D. Alice Sequeira Martins

Efectuouse esta manhã, da greja da Pena para o cemitério do Lumiar, o funeral da sr.^a D. Alice Sequeira Martins, de 43 anos, natural de Vila Nova de Cacela.

A extinta, professora do Liceu Camões era casada com o sr. ma-

ior André do Nascimento Infante e mãe da menina Dora Martins Infante.

D. Rosa das Dores Alcântara

Aos missa de corpo presente celebrou-se esta manhã, efectuouse de manhã, da greja de S. João II, Deus para laço de família no cemitério dos Prazeres, o funeral da sr.^a D. Rosa das Dores Alcântara, de 70 anos, mãe da sr.^a D. Luísa Reis Alcântara Almeida e dos srs. Fernando Reis Alcântara, funcionário superior dos C. T. T. e dr. José dos Reis Alcântara, assistente da Faculdade de Medicina de Lisboa.

A extinta, natural de Faro, pertencia à família do falecido coronel João Pires Viegas, figura muito conhecida no Algarve.



CAMPANHA NACIONAL DO CÁLICE



ESTE, É O TIPO DO CÁLICE DO VINHO DO PORTO
O MINI-CÁLICE É RIDÍCULO E, PORTANTO, IMPRÓPRIO
PARA O VINHO DO PORTO: UM VINHO NOBRE.
NÃO PERMITA QUE RIDICULARIZEM O VINHO DO PORTO
E QUEM O BEBE.

EXIJA O CÁLICE PRÓPRIO.

À VENDA NAS CASAS DA ESPECIALIDADE, É UTILIZADO
NOS ESTABELECIMENTOS QUE SABEM SERVIR VINHO DO PORTO.



G. E. V. P.

PROPRIEDADES

— VENDAS —

PRÉDIO

1.650 c. PO-LITÉCNICA, grande volume de gaveto, rendas baixas, obras recentes, c/ 13 inq., c/ 4-5 assoalh., coz., e c. banho. Revestido a marmorite. Rende 97.000\$.

TRATA

ORCOSI

Rua 1.ª de Dezembro, 45-3
Telefs. 367444
32 31 79

ANDARES

420 c. AO JARDIM ZOOLOGICO, c/ 4 assoalh., coz., 2 c. banho, despensa e marquise. Revestimento: Rep. Acabamentos esmerados.

TRATA

ORCOSI

Rua 1.ª de Dezembro, 45-3
Telefs.: 367444
323172

Contacto



ANÚNCIOS



PROPRIEDADES

CASA - ALFAMA

Trespasse-se, própria para adaptação a instalações do género no melhor local do Castelo S. Jorge, em Lisboa, c/ 2 en-

tradas, parque público para automóveis. Renda 1.300\$00. Resposta ao «Diário de Lisboa», Rua da Rosa, 57-2.º ao n.º 110.

CASAS

para alugar

Procure V. Ex.ª nos n.ºs escritórios onde temos sempre variados andares e lojas para alugar em Lisboa e arredores. Não cobramos qualquer importância a título de comissão, aos inquilinos.

Trata: SOC. CONST. INVICTA — R. do Ouro, 292 1.º — Telefs. 30259/34755.

DINHEIRO S/PRÉDIOS

EMPRESTA-SE rapidamente e em boas condições, 15 a 2000 contos em 1.ª ou 2.ª hipoteca de prédios, parte de prédios, ou construção. Também se aceitam propriedades para venda. Casa Laires, R. da Prata, 291, 2.ª Dir. Tel. 325487-370618 (junto à P. da Figueira).

COMPRAS

PRÉDIOS antigos na área da cidade. Resposta à R. Rosa, 57-2.º ao n.º 111.

ALUGAM-SE LOJAS E ANDARES

PARA ESCRITÓRIOS, MAGNÍFICAS INSTALAÇÕES, PRÉDIO ACABADO DE CONSTRUIR, C/ 9 ASSOALH. E ELEVAD., AR CONDIC., ETC.

VER NO LOCAL: — AV. FREI MIGUEL CONTREIRAS, 54

Trata: S. Construções Invicta, Lda.

RUA DO OURO, 292, 1.ª-DT.º

LISBOA

TELEF. 3 47 55/6

AUTOMÓVEIS

COMPRAS:

AUTOMÓVEIS

TODAS AS MARCAS
PAGO BEM. R. ARROIOS, 152

ALUGUER:



NÚMEROS TELEFONICOS PARA SERVIÇOS DE

AUTOMÓVEIS S/ CONDUTOR:

- 50.060 — Automóvel Amoreiras Av. João Crisóstomo, 89.
- 57.445 — 44.575 — 58.301 — BELCAR — Av. 5 Outubro, 42-B.
- 53.4657 — L. St. Bárbara, 5-B.
- 49.612 — Jomil Auto — R. Ponta Delgada, 40-A-B.
- 76.9848 — EUROCAR, Av. Barbosa du Bocage.
- 42.890 — Táxis Universo, Lda. Av. Republica, 26.
- 55.3843 — Auto-Argos P. Olegário Mariano, 62.
- 53.7476 — RETUR — R. Rodrigo da Fonseca, 56-1.
- 53.1919 — SILVA E PIAGO — R. St. Bárbara, 81-L.
- 72.7654 — Auto-Monumental de Areiro, Lda. — Av. Padre Manuel da Nóbrega, 10-B.
- 83.5730 — INTERAUTO — R. Carvalho Araújo, 102-A.
- 53.9168 — 53.9345 — BRUNAUTO, Rua Joaquim Bonifácio, 10-A.

VENDAS:

AUTOMÓVEIS

Se está comprador de qualquer marca ou modelo não deixe de nos visitar. Fac. troca e pag. MARCELO — Av. João Crisóstomo, 47 C.

Automóveis s/ condutor

Vários modelos e preços. Interessados: Av. João Crisóstomo, 47 C.

PEUGEOT 404, c/ novo; M. G. 1100, 1965; Opel Rekord 1700, 4 portas, 1962; Alfa-Romeo Sprint, 1962; Peugeot 403, 1961; Volvo 121, 1960; Volkswagen, 30 H. P., 1960. Fac. troca e pag. Av. João Crisóstomo, n.º 47-C.

UTILITARIAS

Volkswagen 1500, Variant, s. 1964; Opel Rekord 1700; Caravan, 1961, 1960 e 1957; Isabella, 1961 Fac. troca e pag. Av. João Crisóstomo, 47-C.

De várias marcas e modelos. R. Arroios, 96-B.



EUROCAR

Automóveis s/ condutor
Av. Barbosa du Bocage,
Telefs. 76 1 77 - 769648 - 712773

SEJA DO SEU TEMPO! LEIA



O jornal que não havia em Portugal
Sai às quintas-feiras

AOS QUE SE DESLOCAM EM AUTOMÓVEL A INGLATERRA

TRAVESSIA DO CANAL DA MANCHA

A C. P. informa que tem à disposição dos turistas nacionais e estrangeiros, que se deslocam à Inglaterra e desejem levar o seu carro, um novo serviço combinado para o transporte de automóveis através do Canal da Mancha.

INTERAUTO

AUTOMÓVEIS DE ALUGUER — SEM CONDUTOR —
R. CARVALHO ARAÚJO, 102-A
LISBOA — TEL. 835730
Junto à Fonte Luminosa

AUTOMÓVEIS

Sempre compradores e vendedores aos melhores preços do mercado
Auto Ponte de Arroios, L.
R. Arroios, 152-A

AUTOMÓVEIS S/CONDUTOR

(15 unidades para servir o TURISTA)
Antes de se decidir, consulte-nos
Largo St. Bárbara, 5-B
Telef. 534657

LUSTRES

de sonho para a sua casa. Fábrica
Av. 5 de Outubro, 203, r/c., Esq.
—Tel. 771639 (ao Campo Pequeno).

FOTOCÓPIAS

Rua da Palma, 159 - 1.ª
Telef. 86 03 13

PRÉDIOS DE 450 A 5.200 CONTOS ANDARES DE 50 A 450 CONTOS TERRENOS

(A partir de 80 contos) Arredores de Lisboa e na província do Algarve com lotes aprovados e licenças a pagamento, para prédios e moradias

Trata o PRÓPRIO:

Rua de S. Julião, 116-4.
c/ elevador - Tel. 366869

CAPITAIS

OFERECEM-SE:

TEM CARRO?
TEM PRÉDIO?
ENTÃO TEM DINHEIRO

CONSULTE

ORCOSI

Telefs. 367444/323172
R. 1.ª DE DEZEMBRO, 45

DINHEIRO

SOBRE
AUTOMÓVEIS
EMPRESTA SE

Tratar no Rossio, 3-2.º
LISBOA

COMPRA

VENDA



HIPOTECA

PRÉDIOS

PRÉDIO

POR 2.100 CONTOS, EM ALGÉS, ótimo local, lindo prédio moderno, estrutura em betão armado, acabamentos o que há de melhor, composto de 5 pisos, 5 assoalhadas, a render 129.600\$00. Trata UNIAO EBORENSE — Av. Almirante Reis, 95, 1.ª, Dt.º — Telefs. 45722 - 536346.



ILUMINAÇÃO DECORATIVA



JARDINS PARQUES

RUA DO ALEGRE, 43-3.º
KETELUX — ILUMINAÇÃO TEL. 361020-362168
APARTADO 2917 — LISBOA

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida a Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 1.ª e 3.ª e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras a partir das 20 horas.

Pequenos anúncios • Pequenos anúncios • Pequenos anúncios

DESPORTO

Na solidez do «onze» de Portugal faltou a eficácia dos seus avançados

RAUL E AMÉRICO

FIGURAS DOMINANTES DE UM SECTOR DEFENSIVO QUE ALARDEOU CATEGORIA

(Especial para o «Diário de Lisboa»)

ROMA, 28 — O desespero italiano, patente no segundo tempo, podia ter conduzido uma selecção, não coesa, ao triunfo, mas se tal tivesse acontecido seria doloroso reconhecer-se no «onze» de Portugal o vencedor de uma tarde que não envergonhou o futebol. Por conseguinte, haverá que concluir-se que o empate a uma bola acabou por ser o resultado mais conforme com as possibilidades demonstradas pelas duas equipas, qualquer delas estruturada com base em dois fortes conjuntos, cluistas: o Benfica e o Inter.

Não se assistiu a um grande jogo, de sintilante figuração espectacular, mas o que se viu no relvado do Estádio Olímpico de Roma chegou para satisfazer, principalmente no que respeita à composição cívica e à intencionalidade dos opositores. Nem golpes proibidos, em várias lutas vibrantes, nem defesas exageradas para conservar discutidas noções de estratégia. O «libero» italiano não transmitiu uma sensação de acentuado requinte e o golo dos portugueses, conseguido a 67 minutos do termo do encontro, não motivou a adopção de declarada intenção defensiva.

Terá que reconhecer-se que o «onze» de Portugal não deixou por mãos alheias os seus créditos de 3.º classificado no «Mundial» de Inglaterra e terá, também, que se reconhecer que a «equipa azzurra» abandonou a ideia do individualismo para desfrutar pessoal das suas vedetas.

No conspecto geral das operações, a selecção de Itália levou vantagem no domínio territorial e na finalização, para o que basta recordar as frequentes intervenções (brilhantes) do guarda-redes Américo, ao contrário

do seu colega, Sarti, raras vezes solicitado.

Vem até, a propósito, realçar, no sólido «onze» de Portugal, a segurança do seu reduto defensivo em que foram figuras salientes Raul e Américo, o primeiro ágil, voluntarioso e entusiasta, e o segundo atento, firme e positivo. Mas os restantes companheiros não lhes ficaram atrás na rentabilidade que era indispensável. Foi pena que Morais se tivesse distraído no momento em que a bola chegou à altura de Cappellini. A ligeira hesitação permitiu ao oportuno avançado um toque vitorioso e que pôs termo à única perturbação que a defesa dos visitantes revelou durante a partida.

E foi também pena que a eficácia dos famosos dianteiros lusitanos se limitasse a tão pouca coisa: a um golo de Eusébio, surgido de modo ocasional, mas que o fulgurante moçambicano aproveitou como ele sabe. Artur Jorge, Simões (uns apontamentos no princípio da segunda parte), José Augusto (muito preocupado com a entreatura) e o próprio Eusébio demonstraram impressionante esterilidade ante um «cattenaccio» pouco propício a infiltrações sugeridas pelas tabelas de recorte brasileiro.

Havia natural e grande curiosidade em redor de Artur Jorge, apontado como rival de Eusébio,

mas a decepção foi tremenda. O estudante de Germânicas, alvo de estreita vigilância, acusou também os complexos da estreira, embora a limitação dos terrenos houvesse sido o maior transtorno para a exteriorização das características do hábil avançado. Que nos lembre, nem uma única vez Artur Jorge obrigou Sarti a entrar em acção. De resto, como se disse, o guarda-redes italiano foi o homem mais tranquilo, exceptuando os espectadores, mas quando Eusébio arrancou para o golo Sarti deve ter tremido como varas verdes. Tremeu, decerto, porque nem sequer tocou na bola desferida, com violência, pela terrível avançada lusitana. Cheirou-a...

A «equipa azzurra» teve, na ineficácia dos seus dianteiros, o mesmo defeito dos portugueses, mas não desiludiu nesta sua apresentação sob os ordens de H. Herrera. Com mais profundidade na manobra e remate mais afinado, o rendimento é susceptível de atingir outro grau.

No segundo tempo, por influência das instruções recebidas no vestiário, os italianos animaram o ritmo da sua manobra, sem, todavia, lograrem êxito em face de resposta idêntica dada pelo opositor. Por isso, o jogo adquiriu uma feição mais renhida, pegajosa, a lembrar os despiques de campeonato. Mas as atitudes de exemplar desportivismo persistiram. O temperamento latino não ultranassou as marcas do admissível.

Um apontamento ainda à tendência para não atacar, que não defender ostensivamente, dos portugueses na fase de crescimento italiano após o intervalo.

FRANCO SABBA



Raul, o n.º 1 do «onze» de Portugal



Américo exibiu-se de modo a inspirar confiança e admiração

COLUNA, SIMÕES E AMÉRICO FICARAM MAGOADOS

ROMA, 27 — (F. P.) — O «capitão» da selecção portuguesa, Mário Coluna, sofreu uma contusão no menisco da perna direita, com rutura dos ligamentos.

«É difícil formular um prognóstico preciso», declarou o dr. Silva Rocha, médico da equipa portuguesa, mas é quase certo que Coluna deverá observar um repouso de várias semanas cuja duração exacta só poderá ser conhecida depois de um exame radiográfico.

Por seu lado, Simões ficou ferido nos dois joelhos, enquanto o guarda-redes Américo sofreu uma contusão no tendão da perna direita.

Grande interesse à volta do encontro Portugal-Espanha (juniores)

Já se encontram desde ontem, em Lisboa, os juniores da selecção de Espanha que amanhã no Restelo, às 21 e 30, defrontarão os portugueses em jogo decisivo para apuramento do representante peninsular na fase do torneio internacional. Aos lusitanos ser-lhes-á suficiente o triunfo por 2-0 para conseguirem a qualificação.

Pensa-se que a equipa nacional alinhará do seguinte modo: Aníbal; Eugénio, Humberto, Chaves e Araújo; Montola e Vítor Baptista; Luís Pereira, Teixeira Aguiar e Ricardo.

Arbitrará o jogo o francês Lacost.

Jogos às 16 horas no próximo domingo

A F. P. F. determinou que a partir do próximo domingo os jogos dos campeonatos nacionais de I, II e III Divisões principiarem, às 16 horas.

Sorteio dos jogos do «Nacional» da III Divisão

Na sede da F. P. F. efectuou-se ontem o sorteio dos jogos do campeonato nacional da III Divisão, que na primeira jornada englobará os seguintes jogos:

Chaves-Mirandela, Régua-V. Real, Gil Vicente-Boavista, Vilavense-Oliveira do Douro, Riopelle-Vianense, Feirense-Valecambrense, Avintes-Lusitânia, Lamego-Agueda, Penafiel do Castelo-Mortágua, Guarda-

Santa Cecília, Lusitano «C. Gouveia», Marinhense-União de Coimbra, Naval-Marialvas Portalegrense-União de Leiria, Vilafranquense-Sacavenense, Tramagal-Alferrarede, Matrena-Cartaxo, Sarilhense-Sesimbra, Naval-Marialvas, Portalegrense-Casa Pia, União Sport Juventude, Lusitano F. C.-Aljustrelense e Farense-Beja.

Também se realizou o sorteio dos jogos da Taça Nacional de Juvenis.

HOJE, À NOITE

ACTIVIDADES DA F.N.A.T. — 21.º Campeonato Nacional de Voleibol (distrito de Lisboa), 1.ª categoria: B. Angola-F. C. Regina, C. N. Electricidade-Cidra e Hotel Ritz-Olivetti Portuguesa, no ginásio da E. T. «Francisco Arruda», a partir das 19 e 30.

BASQUETEBOL — Taça «João Domingues», em seniores: Queluz-Ateneu, Sacavenense-Técnico e C. D.U.L.-Benfica, nos recintos dos primeiros, às 21 e 30.

— Taça «Agostinho Gonçalves» (feminino): C.I.F.-C.D.U.L. (na Faculdade de Ciências), Atlético-H. Sintra, Carnide-Ferrovário e Moscavide-Ed. Física, nos recintos dos primeiros, às 21 e 30.

TENIS DE MESA — Campeonatos de Lisboa — 1.ª Divisão: Avila-R. Janeiro, C. Católico-Belenenses, F. C. Lisboa-Interente e Sporting-Benfica. 2.ª Divisão: Arte e Sport-G.I.P. Amoreira, S. L. Amoreiras-ATP Comercial, Acad. Amadora-C. D. Arroios e Paço de Arcos-Operário-Bela Vista, Ferrovário-Atl. Cacém, Combatentes-Operário e Mirandense-Lisgás — todos nas mesas dos primeiros, às 21 e 30.

VOLEIBOL — Campeonato de Lisboa — 2.ª Divisão: Fut. Benfica-Sintrense, às 21 e 45.

— Campeonato de Lisboa — feminino: C.I.F.-C.D.U.L. (A), no pavilhão do C.D.U.L., às 19 e 30.

ÉVORA

VAI SER DOTADA DE UM CLUBE NÁUTICO

ÉVORA, 28 — Causou viva satisfação nesta cidade, a notícia da criação de um clube náutico em Évora, a funcionar na barragem do Divor.

Foi já oferecido o respectivo material náutico, de remo e vela, para a grande iniciativa. Entretanto, para o início dos trabalhos impõe-se a abertura dos necessários acessos.

Está já adjudicada a empreitada para a construção do caminho municipal do lugar da Oliveirainha à barragem do Divor, e os trabalhos chegaram a começar, mas foram suspensos por motivos ainda não esclarecidos.

Apreciações individuais

O sentido colectivo predominou no «onze» lusitano, mas com maior rapidez na manobra, conforme se verificou em certos trechos, os italianos experimentariam embaraços, dado que os portugueses, assim procedendo, costumam ser objectivos.

AMÉRICO — Sereno e nada espalhafatoso. Boas mãos e saídas oportunas. Isento de culpas no golo.

MORAIS — No plano da modéstia a revelar que não atingiu ainda o seu melhor.

RAUL — Excelente. Alegria, atrevimento e autoridade. Fulgurante nas antecipações. Único senão: tendência para abandonar a grande área, adiantando-se muito no terreno.

JOSÉ CARLOS — Útil e sóbrio. Preencheu a zona que lhe compete sem teatralidade.

HILARIO — Regularidade, com lampejos de muito brilho. Peça

fundamental na organização defensiva.

J. GRAÇA — Bem, mas pouco rápido quando se tratava de tirar partido do contra-ataque. Foi, porém, unidade saliente.

COLUNA — Não acertou o passo na 1.ª parte, errando muito nos endossos da bola. Depois melhorou, sem atingir, no entanto, o seu plano habitual.

JOSÉ AUGUSTO — Experiência e abdicação de individualismo. Grande utilidade no labor da equipa que, assim, serviu com dedicação.

EUSEBIO — Acusou os efeitos da marcação de Facchetti. Foi ele no golo, mas no resto não prestou os seus créditos de rematador. Nos «livres» também falhou.

ARTUR JORGE — Estreia sem nada de notável. Tentou cumprir.

SIMÕES — Melhor do que ultimamente no seu clube, mas ainda assim distante do que lhe é possível. No segundo tempo, mostrou os primores da sua portentosa execução.

Peres e Vítor Campos, no pouco tempo que jogaram, esforçaram-se ao máximo.

Os italianos

Lodetti, Bulgarelli, Corso (incansável) e Cappellini foram os melhores num todo que evidenciou equilíbrio, com excepção para Rivera, decepcionante.

No CACÉM o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na TABACARIA VEIITO.

Melhoramento desportivo na Baixa da Banheira

O Ginásio Banheirense pretende construir um pavilhão gimnodesportivo.

A Baixa da Banheira vai, possivelmente, ficar melhor apetrechada para a prática do desporto. O Ginásio pretende angariar fundos dum pavilhão gimnodesportivo, que terá cerca de 950 m² de superfície.

Para o efeito, o clube tem já em circulação dois mil títulos de cem escudos cada, que serão reembolsáveis no prazo de cinco anos.

Nova jornada de rãguebi internacional

* O Técnico perdeu com o grupo da École des Études Ibériques (Bordeus)

O rãguebi português teve ontem, mais um encontro internacional. A equipa do Técnico defrontou o «quinze» da École des Études Ibériques de Bordéus, mas o resultado não foi favorável aos rãguebistas portugueses. Os segundos classificados da zona sul do campeonato nacional perderam, por 31-0, não só devido à boa categoria dos rãguebistas franceses, mas também porque não puderam contar com os internacionais Luís Linco, Faria e Raul, que no domingo enfrentaram a Espanha, nem com Branco, Méteo e Baral, ausentes de Lisboa.

É evidente que tão fraca oposição transformou o desafio quase que num treino para os franceses.

Os estudantes bordeleses marcaram nove ensaios, por Godemet (3), Paquilmon (2), Baron (2), Sainos e Martinat, 1 cada um. Bassenave transformou dois dos ensaios.

Sob a direcção de Steiger Garção, as equipas alinharam:

TÉCNICO — França: Guimarães, Amaral, Martins e Ruas; Ribeiro e Nunes da Silva; Quintanilha, Deslandes e Rego; Carvalho e Mendes; Neves, Santos e Pereira.

ÉCOLE DES ÉTUDES — Amêde; Pasquignon, Mineur, Godemet e Barn; Larre e Liet; Sainos, Claracq e Bassenave; Mothes e Brunet; Amerpye, Delau e Martinat.

A equipa francesa dispõe de uma excelente linha de três quartos, de um médio de formação (Liet) um junior de grande valor, recomendado especial dos irmãos Boniface e de uma terceira linha, Bassenave de valia acima da média.

DADOS E INFORMAÇÕES DE CONSULTA QUOTIDIANA

TERÇA-FEIRA, 28 DE MARÇO DE 1967

CARTAZ DOS CINEMAS

ESTREIA DE HOJE AMÉRICA, PAÍS DE DEUS — no ESTÚDIO 444



As 3 e 6.15 da tarde e 9.30 da noite
(M. 12 anos)
2.ª SEMANA
UM FILME FASCINANTE!

UMA LEOA CHAMADA ELSA
com Virginia McKenna e Bill Travers



As 15.15 e 21.30
(Adultos)

QUARTO PARA DOIS
com Rock Hudson e Gina Lollobrigida

QUINZENA DE ESTRELAS
Amanhã — Adultos — 18.30 h.
MARIA WALENSKA
(de Clarence Brown)
c/ Greta Garbo, Charles Boyer, etc.
dia 31: Luzes de Ribalta (Chaplin)
(Adultos)



As 15.15, 18.15 e 21.30
(p. r.) e 21.30
2.ª SEMANA
Uma comédia de alto nível de espectáculo maravilhoso.

FOGO NA CARNE
com VICENTE PARRA e IRAN EORY
Eastmancolor (M. 12 anos)



As 15.15, 18.15 e 21.30
(M. 12 anos)
2.ª SEMANA

O grande espectáculo das férias!
JEAN MARAIS
no grande filme de Christian-Jaque
AS AVENTURAS DE «O SANTO»
c/ Jess Hahn e Danielle Evenou
Eastmancolor



As 15.45 (p. r.) e 21.45
(M. 12 anos)
2.ª SEMANA

ASSALTO AO «QUEEN MARY»
com Frank Sinatra e Virna Lisi
As 18.30 — M/ 6 anos — Branca de Neve e os Sete Anões



As 15.30 e 21.45
(M. 12 anos)
2.ª SEMANA

Christopher Lee, James Robertson, Justice, Karin Dor e Nigel Green
num filme de permanente mistério e do mais denso suspense!

O MISTERIOSO DR. FU MANCHU
Technicolor — Techniscope
Uma realização de Don Sharp



Telef. 61 03 75
As 21.30
(M. 12 anos)

COMO ROUBAR UM MILHÃO
com Audrey Hepburn e Peter O'Toole



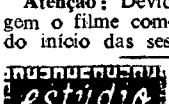
As 15.30 e 21.45
(M. 12 anos)
2.ª SEMANA

O grande filme da Páscoa!
O VALE DA HONRA
com James Stewart e Patrick Wayne
TECHNICOLOR



As 15 e 21.30
(M. 12 anos)
6.ª SEMANA
Um monumento da realização cinematográfica

PARIS JÁ ESTÁ A ARDER?
33 actores de renome internacional sob a direcção de RENÉ CLEMENT
Atenção: Devido à sua longa metragem o filme começa 12 minutos depois do início das sessões.



As 15.30, 18.30 e 21.45
(M. 17 anos)

Um filme fora de série com Sidney Poitier
UMA RESTIA DE AZUL
EM 16.ª SEMANA



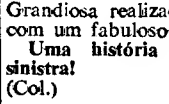
As 15.15, 18.30 e 21.30
(M. 12 anos)
EM 2.ª SEMANA

O VALE DA HONRA
com James Stewart e Patrick Wayne
TECHNICOLOR



As 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30
Um filme excepcional de mistério e suspense

A PAPOILA TAMBÉM É UMA FLOR
Grandiosa realização de Terence Young com um fabuloso elenco de celebridades
Uma história da acção heroica e sinistra!
(Col.) (M. 12 anos)



As 21.45
(Adultos)

Uma sensacional e ousada reportagem sobre a vida, o povo e os costumes dos americanos!
AMÉRICA, PAÍS DE DEUS
TECHNICOLOR — TECHNISCOPÉ
Realização de Luigi Vanzi



As 15.15, 18.15 e 21.30
(Adultos)
5.ª SEMANA

A comédia do ano!
ADULTÉRIO À ITALIANA
c/ Catherine Spaak e Nino Manfredi



As 21.30
(M. 12 anos)

Um «western» de violenta acção!
GRINGO
em TECHNICOLOR



As 15 e 21 h.
(M. 12 anos)

BIKINIS AO SOL
UMA RAPARIGA NOS TEUS BRAÇOS



Telef. 82 41 94
As 15.15 e 21 h.
(M. 17 anos)

NAO LHE PROMETA TUDO
O MAIS SELVAGEM ENTRE MIL

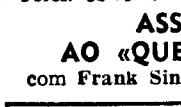


As 21 horas
(M. 12 anos)

COMO ROUBAR UM MILHÃO
COMPLEMENTOS ESCOLHIDOS



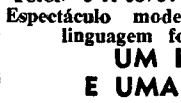
As 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30
2.ª SEMANA
(M. 12 anos)



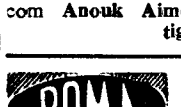
As 15.15, 18.15 e 21.30
7.ª SEMANA
(Adultos)



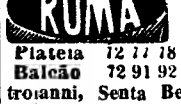
Espectáculo moderno, contado numa linguagem fora do comum
UM HOMEM E UMA MULHER
com Anouk Aimee, Jean-Louis Trintignant



As 15.30 e 21.45
(M. 12 anos)



Um espectáculo gigantesco com Yul Brynner, Rita Balboa, 72 91 92 Hayworth, M. Massarotti, Senta Berger e Omar Sharif á frente de um extraordinário elenco!



A PAPOILA TAMBÉM É UMA FLOR
Fotografia em Eastmancolor

O parque automóvel nacional

(Continuação da página central)

vel do ano precedente: 56,8 % e 41,9 %, respectivamente.

A distribuição das vendas de automóveis em função da cilindrada e dos preços a publico mostra uma nítida preferência pelos carros de 900 a 1300 c.c. e de custos entre 55 e 70 contos: até 55 contos, 25 %; de 55 a 70 contos, 46 %; de 70 a 90 contos, 16 %; de 90 a 110 contos, 8 %; e mais de 110 contos, 5 %.

Estes elementos evidenciam a predominância cada vez maior dos modelos chamados utilitários, quer dizer, os que se consideram instrumentos de trabalho.

Relativamente aos veículos comerciais, a classe de ligeiros alcançou 68 por cento do total. Nos pesados ocupou lugar predominante o veículo de 12 000 a 15 000 quilos.

Utilização excessiva dos veículos do parque nacional

Um outro aspecto curioso salientado pelo relatório do Grémio reside no facto de, num parque automóvel de 280 000 automóveis e 90 000 veículos comerciais, se verificar existir cerca de 136 000 automóveis e 43 500 veículos pesados, ou seja mais de 48 por cento dos totais, têm idades superiores a seis anos. Isto indica que se faz uma utilização excessiva dos veículos que constituem o parque automó-

vel nacional, com prejuízo do rendimento e da segurança.

Os motociclos em circulação devem totalizar 34 800, tendo havido mais 144 registos, em 1966, do que no ano anterior. Nos motociclos, como acontece com os automóveis, os distritos de Lisboa e Porto detêm a maioria, com 16 890 unidades, correspondendo a 49 % do parque.

O numero de tractores novos registados, que em 1965 acusara uma subida de 39 %, alcançou, em 1966, outro aumento notável, da ordem dos 35 por cento. Entraram em circulação mais 3249 unidades num parque que totaliza 19 000 tractores.

Quanto a Angola, o relatório assinala 3366 veículos matriculados dos quais 2618 comerciais, dando um parque, calculado para meados do ano de 1966, de 59 981 veículos. Relativamente a Moçambique, as matriculas totalizaram 1887 automóveis e 1068 veículos comerciais, contra 3422 e 2027, respectivamente, em 1965.

VIDA SOCIAL

CONSUL GERAL DE PORTUGAL EM JOHANNESBURG

Seguiu por via aérea para a África do Sul o sr. dr. António Vaz Pereira, que vai ocupar o posto de consul geral de Portugal em Johannesburg.

RESULTADOS DOS CONCURSOS

«QUAL O PESO?»

(ANCORA E CORRENTE)

REALIZADO PELA NAUTICOR

DURANTE O PERÍODO DA EXPOSIÇÃO NAUTICAMPO 1.º

- Foi vencedor o Ex.º Sr. António Maria Nunes Salvador, morador na Rua Washington, 58-r/c — Lisboa-2, o qual palpitou o peso de 45,325 kg.
- O peso real do conjunto da Ancora e Corrente é de 45,350 kg. Ao vencedor foi atribuído um Anorak impermeável completo, e um colete de flutuação «NAUTICOR».

CONCURSO «CARRETO ESPADARTE»

- Saiu vencedor deste concurso o Ex.º Sr. Isidro de Almeida, morador no Bairro Jardim, N.º 16 — Marvila — Lisboa, o qual recebeu um carreto de pesca «ESPADARTE», orgulho da Indústria Nacional.

VISITE A NOSSA EXPOSIÇÃO PERMANENTE

- TODO O EQUIPAMENTO NAVAL
- BARCOS DE MADEIRA E FIBRA DE VIDRO
- MOTORES «SEA-BEE»
- TINTAS E VERNIZES ROBBIALAC
- ARTIGOS DE PESCA SUBMARINA
- SKI AQUÁTICO

NAUTICOR

CENTRO NAUTICO E DE TINTAS, L.ºA
Rua Bartolomeu Dias, 172-ABC (Restelo)
LISBOA-3 Tel. 610070

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS
A B C — As 20 e 45 e às 23: «Sete Colinas» (17 anos).
AVENIDA — As 21 e 45: «O camarada Miusso» (17 anos).
CAPITÓLIO — As 20 e 45 e às 23: Quem tem boca vai a Roma» (12 anos).
COLISEU — As 21 e 45: «Madame Butterfly» (12 anos).
VASCO SANTANA — As 21 e 45: «Exercício para 5 dedos» (17 anos).
VILLARET — As 21 e às 23: «Assassinos associados» (17 anos).
CINEMAS
ARCO IRIS — As 21: «Amor em Las Vegas» (17 anos).

CAMPOLIDE — As 21: «Inferno na Terra» (17 anos).
CINEARTE — As 21: «O nosso agente em Marrakesh» (12 anos).
IMPERIAL — As 21: «Livres 4.ª-feira» (17 anos).
JARDIM — As 21: «Não sou digno de ti» (12 anos).
MOSCÁVIDE — As 21: «Z55 missão desesperada» (17 anos).
OLIMPIA — As 19: «A mulher serpente» (17 anos).
ORIENTE — As 21: «O grande atirador» (12 anos).
PARIS — As 21: «Agarra que é general» (12 anos).

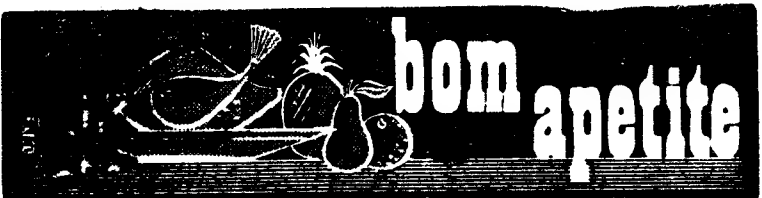
REX — As 21 e 30: «Férias no harem» (12 anos).
ROYAL — As 21: «Bikinis ao sol» (12 anos).
SALÃO LISBOA — As 19: «O mistério da Selva Negra» (12 anos).
SPORT L. BENFICA — As 21 e 15: «Sayonara» (17 anos).
● Na Linha de Cascais
ALGES — STADIUM — As 21: «O terror das est. pes.»
PAREDE — ROYAL-CINE — As 21: «A morte bate três vezes» (17 anos).
PAÇO DE ARCOS — CINE-TEATRO — As 21 e 15: «Os profissionais» (17 anos).
OEIRAS — OEIRAS-CINE — As 21: «OSS-117 terror em Tóquio» (17 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — As 21 e 30: «Lutring» (17 anos).
● Na Linha de Sintra
DAMAIA — CINEMA D. JOÃO V — «O rapto de Zédo» (17 anos).
VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — As 21: «Rasto de violência» (12 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — As 21 e 15: «O último espião» (17 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — As 21 e 15: «O homem do chapéu mole» (17 anos).
MEM MARTINS — CINE-CHABY — As 21: «Mosqueteiro do Oeste» (12 anos).
● Na Outra Banda
ALMADA — INCRIVEL — As 21 e 15: «O leão de Tebas» e «O ladrão de Damasco» (12 anos); ACADEMIA — As 21 e 15: «A rapariga da mala» (17 anos).

CURSO LICEAL

1.º, 2.º e 3.º CICLOS

- Orientação adequada para alunos com notas fracas
 - Cursos especiais para adultos
- AULAS DIURNAS E NOCTURNAS

ESCOLA SAO VICENTE — Rua do Paraíso, 28 — Tel. 865904



QUINTA DE S. VICENTE
RESTAURANTE
TELHEIRAS DE CIMA, 44
(Ao Campo Grande) — Telef. 790211
Aos Sábados e Domingos
JANTARES DANÇANTES
com o conjunto privativo
AMBIENTE FAMILIAR
(Maiores de 5 anos)

PARREIRINHA DO RATO
O MELHOR CHURRASCO DE LISBOA
LARGO DO RATO, — Porta. 1
Telef. 695903
RESTAURANTE CERVEJARIA
ESPECIALIDADES DIARIAS
AUTO-PARQUE PRIVATIVO

café CANAS
RESTAURANTE
CERVEJARIA — SNACK-BAR
PASTELARIA
R. SARAIVA DE CARVALHO 145-A
Telefs. 67229 - 666532

ARLEQUIM
ESPECIALIDADES
OSTRAS E PATO
C/ CEREJAS OU PESSEGO
Reservas para teirs 151684 - 223160
Av. 5 de Outubro 170-B
Encerrado às 2.ªs-feiras

Muita gente em perigo no litoral de Luanda devido a violentas calemas

LUANDA, 28 — (L.) — Há dois dias que violentas calemas fustigam toda a costa da zona de Luanda. O mar encapelado cortou em dois pontos a ilha da Chicala, continuando da de Luanda, isolando numa língua de areia dezenas de famílias de pescadores.

De terra, logo que avistaram os acenos aflições da gente em perigo, partiram socorros, mas o estado do mar não permitiu que qualquer embarcação se acercasse do local, onde os pescadores e suas famílias viviam horas de angústia. Também as corporações dos bombeiros não puderam vencer, com as suas embarcações, a violência do mar em fúria.

Duas balsas de Fuzileiros Navais conseguiram alcançar a língua de areia de Chicala e evacuar os pescadores que ali corriam perigo.

Não se conhecem por enquanto desastres pessoais, muito embora corram boatos, na praia do Bispo, fronteira à Chicala, que uma piroga cheia de gente se teria virado, desaparecendo nas ondas.

Entretanto, o mar destruiu já diversas casas de alvenaria na zona industrial da Boavista, habitadas na sua quase totalidade por pescadores europeus, mas não há notícias até agora de quaisquer desastres pessoais. Dezenas de famílias

O general França Borges continua na presidência do Município de Lisboa

O ministro do Interior assinou esta manhã uma portaria que reconduz o sr. general França Borges no cargo de presidente da Câmara Municipal de Lisboa. O diploma foi já remetido para o «Diário do Governo».

Quito anos depois de ter assumido aquelas altas funções, nas quais tem tido oportunidade de mostrar não só as suas faculdades de administrador, mas também o seu particular interesse por tudo que se refere ao progresso da capital, o sr. general França Borges é, assim designado para um novo mandato (o terceiro e último permitido pelo Código Administrativo). A frente do primeiro Município português, vai, pois, continuar a sua acção, com o mesmo espírito de iniciativa e dentro da orientação que traçou, norteado por um elevado interesse que dedica aos assuntos da cidade.

Ao completar-se mais um ano de exercício daquele lugar, o sr. general França Borges receberá, depois de amanhã, às 17 horas, no salão nobre dos Paços do Concelho, cumprimentos do funcionalismo da Câmara Municipal e de representações de colectividades culturais, desportivas e recreativas da capital.

Reunião plenária do Conselho Ultramarino

Principia depois de amanhã, às 15 horas, a primeira sessão plenária regimental deste ano do Conselho Ultramarino, com a presença dos vogais efectivos eleitos pelas províncias de além-mar. Os trabalhos prolongam-se por algumas semanas, sendo presididos pelo sr. dr. Rebelo de Sousa, vice-presidente daquele douto organismo.

Segundo o despacho convocatório do ministro do Ultramar, caberá ao Conselho pronunciar-se sobre os problemas fundamentais da Reforma Administrativa, apreciando especialmente, no seu âmbito, as questões relativas ao factor humano, à estrutura e orgânica dos serviços e às técnicas e métodos para o seu melhor funcionamento nas soluções adequadas ao Ultramar.

DESLUSTRAGEM A SECO

Garantia absoluta, igualmente em limpeza a seco com acabamentos por alface. Bastará ligar a 323422, R. da Prata, 156, s/a (único no género).

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

Bombas incendiárias para fazer arder o petróleo à deriva

PENZANCE (Grã-Bretanha), 28. — (R.) — Oficiais do Exército britânico lançaram hoje bombas incendiárias de um helicóptero sobre uma vasta mancha de petróleo que flutua no mar e ameaça a costa inglesa.

A experiência foi feita a 25 quilómetros do petroleiro «Torrey Canyon». O helicóptero pairava a cerca de 15 metros acima da água quando foram lançadas as bombas incendiárias.

Se a experiência for bem sucedida, o próprio petroleiro será incendiado, pois foi declarado totalmente irrecuperável.

Nova reunião do ministro do Interior com os governadores civis

Effectuou-se esta manhã, no salão nobre do Ministério do Interior, nova reunião de trabalho do titular da pasta com os governadores civis dos dezoito distritos do continente, na qual participaram, também os governadores dos três distritos autónomos do arquipélago dos Açores.

A reunião, que se prolongou até cerca das 14 horas, foi dedicada à apreciação de assuntos que interessam à vida administrativa e política do País tendo-se também prosseguido no debate, iniciado na reunião anterior realizada no passado dia 10, sobre os problemas que interessam ao planeamento regional.

No final, o ministro do Interior e os governadores civis almoçaram na messe do Comando-Geral da P. S. P., visitando durante a tarde os serviços sociais da mesma corporação, acompanhados do respectivo comandante-geral, sr. general Fernando Oliveira.

DOIS ACTORES LERAM A MENSAGEM DE HELEN WEIGEL PARA O «DIA MUNDIAL DE TEATRO»

O «Dia Mundial de Teatro» foi ontem assinalado em dois teatros de Lisboa, um do centro da cidade, outro da periferia.

Na capital foi a Companhia Teatro Estúdio que promoveu um espectáculo com a peça «Exercício para cinco dedos», tendo distribuído gratuitamente as entradas e enchido a sala do Vasco Santana. Um público interessado escutou a mensagem de Helen Weigel (que o «Diário de Lisboa» publicou), lida pelo actor Joaquim Rosa, que proferiu ainda algumas palavras alusivas à comemoração.

Em Cascais promoveu o Teatro Experimental, no Gil Vicente, idêntica cerimónia, tendo Carlos Avilez, director artístico da companhia, lido a mesma mensagem, após o que foi representada «A maluquinha de Arroios».

IMIGRANTES JULGADOS

(Continuação da 1.ª página)

ao dia 11 do próximo mês, data em que comparecerá novamente perante o magistrado. As leis sul-africanas de imigração não permitem que as pessoas acusadas de entrada ilegal no país sejam postas em liberdade sob fiança.

Avelino de Freitas, um imigrante português de 39 anos, aqui residente, foi acusado a semana passada de cumplicidade neste caso de imigração clandestina, mas pôde sair em liberdade, afluente em 300 rands, depois de entregar o seu passaporte e autorização de residência, devendo também comparecer novamente em tribunal no próximo dia 10.

MIREILLE MATHIEU

DEIXOU PORTUGAL

MAS VOLTA EM NOVEMBRO

Depois de umas curtas férias passadas em Portugal — ou, melhor, na vila de Sesimbra — e de ter actuado em dois espectáculos no cinema Império, seguiu para Nice, por via aérea, a famosa cancionista francesa Mireille Mathieu.

A jovem de Avignon teve no aeroporto afectuosa despedida pois ali compareceram, para lhe agradecerem o carinho que lhes dedicou, um grupo de crianças do Orfanato de Santa Isabel, e também, alunos da Casa Pia de Lisboa, além de dezenas de admiradores e admiradoras da grande vedeta.

— Sim. Sigo satisfeita, pois o público português foi muito carinhoso para mim. Não mais esquecerei os dias que passei em Portugal e prometo: sempre que pos-

sa, aqui voltarei—afirmou-nos Mireille. — Posso dizer que o momento mais alto da minha permanência em Portugal foi quando actuei para as crianças pobres. Para mim é sempre grato poder cantar para esse público tão inocente e sincero — e olhando para um grupo de crianças que a rodeavam, acrescentou: — Veja como elas sabem agradecer, veja como elas se sentem felizes... Voltarei a Portugal em Novembro para actuar no Império, novamente. Mas espero também dar cá um saltinho antes para gravar um «play-back», para enviar á TV americana. Nessa altura talvez volte a cantar para este meu público pequenino, que tanto adoro.

CONCURSOS «PRIMOR» MARTINS & REBELLO

TEM O PRAZER DE INFORMAR QUE SE REALIZARAM ONTEM, DIA 27 DO CORRENTE, NOS ESTUDIOS DO RADIO CLUBE PORTUGUES, OS SORTEIOS DOS SEUS CONCURSOS «PRIMOR», TENDO SIDO PREMIADOS OS SEGUINTE CONCORRENTES:

PREMIOS		N.ºs	NOMES	MORADAS	LOCALIDADES
1.º prémio	2.º	65.373	Alice do Rosário Ferro	Av.ª da República, 25-4.º, dt.º	Lisboa
		23.508	Maria Amélia	Rua Alexandre Sá Pinto, 104-r/c.	Lisboa
3.º	4.º	63.052	Samuel de Almeida	Rua da Bela Vista à Graça, 124-1.º	Rossio ao Sul do Tejo
		81.912	Albertina Alves dos Santos	Avenida Faial, 13	Lisboa
5.º	6.º	99.237	Natércia de Moraes Sarmiento	Rua do Guarda-Mor, 34-1.º, dt.º	Monte Estoril
		29.364	Colégio da Via Sacra	Rua Júlio Dinis, 936-4.º esq.º	Viseu
		23.932	Elisa Aurora de Carvalho	Esplanada do Curêto	Lisboa
8.º	9.º	69.685	Maria Ângela Cunha	Casa de S. José	Rossio ao Sul do Tejo
		37.116	Francisco Nunes Rosa Pereira	Av.ª Frei Miguel Contreiras, 56-6.º, esq.º-ft.º	Lisboa
10.º	11.º	84.702	Rui Ventura	Coiro da Burra	Estói
		59.827	Maria da Conceição Lemos Hipólito	Trav. do Arneiro, 111-2.º, esq.º	Lisboa
12.º	13.º	108.664	João Galhanas	Rua da Carreira, 106	Funchal - Madeira
		18.730	Joaquim das Neves Mendonça	Rua Gil Vicente, 4	Bairro da Conchada - Coimbra
		35.926	António Barros de Sousa	Rua dos Arcos das Aguas Livres, 198	Bairro da Liberdade - Lisboa
15.º	16.º	113.852	Arlindo J. R. Pereira	Rua Nuno Álvares Botelho, 27-1.º, dt.º	Almada
		34.324	Maria Manuela Índio de Carvalho Augusto	Rua Cidade Cardiff, 36-1.º	Lisboa
17.º	18.º	15.793	Gumerzindo Manuel Ramos	Arco do Evaristo, 5-3.º	Lisboa
		68.966	José Augusto		
19.º	20.º	115.363	João Filipe Afonso Custódio		
		68.865	José Gonzalez		

O 1.º prémio deste concurso foi um automóvel FORD CORTINA no valor de 62.919\$40. O total de prémios atingiu cerca de 150.000\$00.

CONCURSO INFANTIL

PREMIOS		N.ºs	NOMES	MORADAS	LOCALIDADES
1.º prémio	2.º	92.118	Manuel David Ralo	Rua E. Célula E — Lote 407, r/c. esq.º	Olivais-Sul — Lisboa
		100.042	Maria José Maciel	Rua Ministro Duarte Pacheco, 25	Hicia — Píões
3.º	4.º	25.374	Elvira de Sousa Oliva Oliveira	Rua Cândido dos Reis, 15, r/c. esq.º	Vila Real St.º António
		16.857	Dália Argentina de Oliveira Marques	Correio de Tomar	Amadora
5.º	6.º	4.713	Maria Helena Duarte	Rua Dr. Oliveira Salazar	Asselceira
		38.524	Cremilde Lucas Dias	Rua Entrecampos, 10-4.º	Benfica do Ribatejo
		121.006	Maria Ângela Correia Mendes	Praça das Flores, 54-1.º, Anterior	Lisboa
		35.770	Maria Júlia	Rua dos Poais de S. Bento, 34-2.º	Lisboa
9.º	10.º	16.253	Irene Dias Monteiro	Rua Filipe da Mata, 13-4.º, esq.º	Lisboa
		43.971	José Pereira	Calçada do Baltasar, 19, porta 4	Lisboa
11.º	12.º	1.099	Maria da Esperança Beirão	Vila Nova	Correio de Bucelas
		60.583	Alzira Gomes	Cambias — Dua L — n.º 30, r/c.	Pontinha — Lisboa
		82.940	Maria Guilhermina Gonçalves Figueiredo	Rua dos Açores, Lote 2-2.º, esq.º	Barreiro
14.º	15.º	95.094	Fernanda dos Santos Palete	Rua Heliodoro Salgado, 31, 4.º, dt.º	Lisboa
		74.112	Luciana Lopes Vieira	Rua D. Francisco Manuel de Melo, 9-Anexo	Almada
16.º	17.º	93.970	Fernanda Augusta da Costa Pinto	Rua A, n.º 26, r/c. - B — Bairro do Charquinho	Lisboa
		86.809	Maria da Esperança Gomes de Almeida	Rua Sidónio Pais, 29-1.º, esq.º	Barreiro
18.º	19.º	55.740	José Mendes da Silva	Rua Daniel de Matos, 88, 3.º, esq.º	Coimbra
		27.412	Maria Amélia Madeira		Azóia — Sesimbra
20.º		85.688	Júlia Pinhal Francisco		

Os prémios para este concurso, adquiridos na KERMESSE DE PARIS, atingiram a importância de 20.000\$00.

PRIMOR — PREPARA UM NOVO CONCURSO PARA O CORRENTE ANO

CAMPIÃO

SEMPRE PRÉMIOS GRANDES

Espe

«Du cinema a (slogan em ca Paul Verlaine

1. «Pierrot, la Luc Godar segundo Lio Raoul Couta ne Duhamne Françoise C Paul Belmo rina; Raym -Pierre Léa ler).

«Une fille d beau film d vu. Mais k d'en parie Jean Collet Cinéma», n

Com «Pier definitivamen quer possibil nema, se com tica da «tran pressão chav dá lugar ao chamar a do «cinema «tranche «tranche de não fol o o mas o olhar ção. Olhar o do fotógrafo o tempo sem sonagem det Sobre este zer rodar «P que a existe permanente la ausência «linha geral mo o aponta regrada cron

NOV

Dia cinzen sada e torn vem dois t mil coisas.

Choro, nã Entro, final celular, ond aviões ruget homens des vilosidades ram-se e sa Nascem e miséria sem paços inter desconhecida beijo-lhe a buraco ocul cruzarem-se, netráveis.

Corro, con jo uma luz. C de saia e v alguns milha e tudo cont vem às vez Mas não a p tra dimensã sá-la para l limita-se a v a morte, m ver. Cansada da, entro em

QUATRO

Juvenil

DOS JOVENS PARA OS JOVENS

Espectador de Cinema, eu/ Por JORGE SILVA MELO

«Du cinéma avant toute chose»
(slogan em cadáver esquisito de
Paul Verlaine e Jorge Silva
(Melo))

1. «Pierrot, le Fou» (de Jean
Luc Godard. Arg.: Godard
segundo Lionel White; Fot.:
Raoul Coutard; Mus.: Antoi-
ne Duhamel; Montagem:
François Collin; Int.: Jean
Paul Belmondo, Anna Ka-
rina; Raymond Devos, Jean-
Pierre Léaud, Samuel Ful-
ler).

«Une fille dit: C'est le plus
beau film d'amour que j'aie
vu. Mais je n'ai pas envie
d'en parler», contado por
Jean Collet in «Cahiers du
Cinéma», n.º 174.

Com «Pierrot, le fou» acaba,
definitivamente, toda e qual-
quer possibilidade de, em ci-
nema, se continuar com a esté-
tica da «tranche de vie». A ex-
pressão chave do cinema de 40
dá lugar àquilo que podemos
chamar a «expressão chave»
do «cinema dos cahiers»: «tranche
de vie». O que ficou
não foi o objecto da câmara
mas o olhar da câmara em ac-
ção. Olhar que não é o olhar
do fotógrafo mas o de cinema:
o tempo sendo nele uma per-
sonagem determinante.

Sobre este eixo podemos fa-
zer rodar «Pierrot, le fou», em
que a existência desse olhar é
permanentemente julgada, pe-
la ausência perfeita de uma
«linha geral» de filmagem (co-
mo o aponta Caen), pela des-
regrada cronologia, pelo sim-

ples amontoar de sketches, pe-
la aparente independência do
sketch e da intriga, pela apa-
rentemente brusca evolução
dos actos-personagens: as per-
guntas são-nos postas: que é
para nós, presentes numa ci-
vilização de consumo, o espa-
ço e o tempo? Que podem eles
ser para nós? E são-nos dadas
respostas: os minutos por que
passa a nossa vida; o espaço
da nossa fuga da morte, a pos-
sibilidade da sempre última
aventura, a determinação mes-
ma da nossa acção.

A psicanálise a que se entre-
gam as personagens de Godard
depois de salidas de um Paris-
-Alphaville (podemos nos
identificar Pierrot-Cauton,
Marianne - Natacha, e situar,

desse modo, a fuga de «Pier-
rot» como a fuga de «conscien-
ce» de «Alphaville»?) é a
aprendizagem prática dessa
frase que desde o princípio do
filme nos vai surgindo como
um obcecante «leit-motiv»:
«nous sommes des morts en
permission».

Estamos num No-way-out, é
a conclusão a que chegam Pier-
rot e Ferdinand. O suicídio de
Ferdinand não é a sua saída,
mas a sua última «pierroterie»
(cf. Manuel Gusmão in «Ars
Oratoria»). Por muito para
que as personagens julguem
actuar, estão sempre numa
acção segundo. E a comunhão
num não-espaço e num não-

(Continua na 3.ª página)

EU e o FUTEBOL

por Jaques Sérgio

Na terça-feira fui ao futebol.
A noite a ameaçar chuva, mas
em redor do campo para cima
de cinquenta milhares de pes-
soas. O Benfica é a minha fra-
queza. Pelo-me todo para ver
um golão do Eusébio, daque-
les que levantam um estádio. O
jogo daquela noite era impor-
tante.

Em Lisboa sai-se tarde dos
empregos. E como não há tem-
po de ir a casa jantar, metem-
se umas «sanduiches» debaixo
do braço, uma garrafinha e

tudo se arranja. O que não se
pode perder é o joguinho.

Começa o jogo e na noite fria
eleva-se um coro imenso de
gritos e blasfémias a incitar a
equipa. Mas logo de princípio
se nota que os deuses não es-
tão connosco. Lá anda o Eusé-
bio, deus negro da gente minha
irmã que vibra a meu lado, a
tentar meter o couro na rede.
Mas nada! Os alemães trou-
xeram a sorte com eles. E daí,
quando os rapazes, a lutarem
como gigantes, abrandavam
um pouco mais o ritmo, eu
lembrava-me do Zé Gomes.

E quando finalmente o ár-
bitro assinala «penalty», há
um grito único, uma esperança
doida que rasga a noite. E nes-
sa altura pode vir um poeta
com o seu canto maravilhoso,
pode vir uma morena toda
olhos de amêndoa e longos ca-
belos negros, que eu nada ve-
jo, nada oiço. A bola entrara
e não reparo sequer no homem
que se abraça a mim e que
arrotta poderosamente a vinho
e a alho.

Mas não tarda que os ale-
mães metam também um go-
lo. E num ápice destroem a es-
perança e a alegria desta gen-
te operária, desta gente culta
que num campo de futebol se
nivela democraticamente, uni-
dos pelo mesmo desejo de ver
a equipa ganhar. E quando o
jogo termina, chove. E a meu
lado um homem chora e bate
palmas. E dentro de mim arde
um fogo avassalador que eu
não sei explicar. Até onde so-
mos levados por esta paixão
que se chama futebol. Só da-
qui a algumas horas parte
desta gente deixará o ar de
bossessos que possuem para
voltar a ser cidadãos saudáveis
e normais.

Mas se nos tiram futebol o

(Continua na 2.ª página)

DUAS PALAVRAS

SOBRE

PEDRO

O LOUCO

PARA A MILAY
por Sérgio Brogueira Alves de Sousa

«O gosto da citação por-
quê reprová-lo? As pessoas,
na vida, citam o que lhes
agrada. Pois eu mostro
pessoas que fazem citações:
sómente o que citam, eu
arranjo-me para que isso
me agrade também. Nos
apontamentos onde ponho

tudo o que pode servir ao
meu filme ponho também
uma frase de Dostoevsky
se ela me agrada. Porquê
intimidar-me? Se deseja
dizer uma coisa, não há se-
não uma solução: dizê-la.»

JEAN-LUC GODARD

Uma política de distribuido-
ras, só aparentemente algo in-
solita, oprime o público portu-
guês consumidor de cinema. As
nossas salas de espectáculos

apresentam, semana após se-
mana, ano após ano, filmes de
cujo interesse é costume al-

(Continua na última página)

a dois poemas que li

— «Se sou poeta
sei a quem devo
devo-o ao povo a quem dou
tudo o que escrevo»...

Tu mulher incógnita
cantada por dois poetas
ignoras que a tua miséria
foi alvo das atenções.
Eles viram muita coisa para além de ti,
foram tão longe
como só o conseguem fazer os poetas.
O real imaginário do teu futuro
traçado já na linha da vida
como que concretizado foi por eles.
Lançaram um grito,
gritaram aos poetas-eles
aos poetas-nós
à poesia vida
à poesia adormecida
transformada em ti Mulher.
Mas os cantos dos poetas
por mais fortes que sejam
são suaves,
são de poetas e basta!
Mas tu Mulher
tu não percebes a poesia,
ela foi-te negada e substituída
pela vida!
E a vida?
Essa sim, vida monstro
levou-te nas suas garras.
Mas haverá algum monstro que não possa ser vencido?
Assim Mulher, continuas a viver,
continuas a lutar para subsistir
ignorante da poesia.
Que pensarás tu de um poeta?
Terás tanto medo dele como dos outros homens?
Tu para eles és por uns instantes
o que um modelo é para um pintor,
a quem mostra a sua nudez.
Ah, Mulher, que impotentes são todos os poetas
para te cantar!
Tu não precisas dos seus cantos
mas das suas vozes
Tu não precisas dos seus lamentos
por ti e por eles,
mas dos seus braços.
Mulher, tu és a realidade do momento.
Tu és tudo o que a sociedade criou de mau
e continua a criar...
Até quando Mulher te cantaremos assim?

MARGARIDA PINO

NOVA=ANTIGA (LUZ)

Dia cinzento, com cabeça pe-
sada e tornozelos no ar. Cho-
vem dois biliões e trezentas
mil coisas.

Choro, não vou onde quero.
Entro, finalmente, numa casa
celular, onde mdes choram e
aviões rugem. Homens sobem,
homens descem, trepam por
vilosidades intestinais. Enter-
ram-se e saem.

Nasce e morrem. Adoram a
miséria sem novo Deus. Nos es-
paços intercelulares rugem o
desconhecido. Vou à janela e
beijo-lhe a mão. Saio por um
buraco ocular. Vejo estátuas
cruzarem-se, fantasmas impe-
netráveis.

Corro, como um gelado, e ve-
jo uma luz. Chamo-a. Ela muda
de sala e vai dançar. Passam
alguns milhões mais de séculos
e tudo continua igual. A luz
vem às vezes. Falo com ela.
Mas não a posso tocar. É dou-
tra dimensão e eu tento pis-
sá-la para a minha, mas ela
limita-se a vegetar. Tende para
a morte, mas não procura vi-
ver. Cansado de não fazer na-
da, entro em casa para descan-

sar. Cumprimento vários objec-
tos que rondam pelo ar. Cami-
nho os 122 séculos que separam
o quarto da porta. Mas quan-
do vou entrar reparo que o
quarto não está lá.

É sempre o mesmo. Quando
preciso dele nunca o encontro.
Deito-me sobre uma cama,
composta de tábuas de engo-
mar com suportes dóricos, que
sustentam ogivas de catedrais
góticas. Os suportes atingem
dois metros de altura, o que pa-
rece dar pouca segurança às
ogivas.

Adormeço, sofro vinte meta-
morfoses durante o sono. Acor-
do mais cansado que ao dei-
tar-me. Vem-me acontecendo
desde tempos atrás.

Depois de levantar-me, via-
jo, encontro a luz. Penso na
melhor maneira de viver. Se
ela passasse a barreira da sua
própria velocidade máxima tal-
vez víssemos. Muda de sala
e vai dançar. Tenho um ata-
que de quotidiano e adormeço
outra vez.

HUMBERTO CRUZ

QUATRO PÁGINAS INDEPENDENTES PARA DESTACAR DESTA EDIÇÃO

TERÇA-FEIRA

28-MARÇO-1967



AINDA O POVO CRIADOR

Em 7-2-1967, «Panorama» publicou uma crítica, acompanhada da respectiva citação, a um apontamento publicado em «A Democracia do Sul» de 19-1-67, e assinado pelo dr. Cruz Malpique.

Recentemente e no mesmo jornal, topámos, não sem espanto, o mesmo citado doutor a falar do mesmo assunto mas com opinião contrária. Não encontramos explicação para esta viragem rápida. A menos que o dr. Cruz Malpique esteja a brincar com os leitores. Mas cremos que não.

Vamos comparar?

Primeiro texto:

«(...) Só os grandes espíritos fazem grande a imortal literatura. O povo diz arrepiantes ingenuidades. E se, uma vez por outra, se lhe atribui algo de excepcionalmente belo, procurem bem (por favor!) que aí haverá dedo de grande espírito, ainda que anónimo.

O inferior nunca chegou a superior!».

Segundo texto publicado em 28-2-1967:

«Há aí uns aristocratas das Árabs que dificilmente admitem que um homem de origem popular possa marcar como escritor, como artista, como pensador, como investigador científico. Julgam os presunçosos ter feito monopólio do génio, do talento e partes adjacentes, pelo que, quando lhes surge alguém de outra classe afirmando-se com excepcionais virtualidades intelectuais, não o tomam a sério, ou só o aceitam desdenhosamente quando não invejam de morte.

Pois não será por isso que muitos dos aristocratas ingleses mal se resignam a admitir que Shakespeare tenha sido o autor das obras que correm com o seu nome — um nome que cheira escandalosamente a plebeu?».

Que reflecte tudo isto?

Indo ao encontro de uma local que publicámos no último «Panorama», sobre a degradação que reina no futebol, lemos no «Diário Popular» e em «O Benfica» ambos de 16-3-1967, algo que mais nos inteirou de que não andávamos muito longe da verdade.

Para que o desporto seja uma escola de virtudes é necessário acima de tudo que haja educação. Ficamos a duvidar seriamente se ela existe. Não é só no futebol, desta vez é o handebol de sete e o basquetebol, amanhã será o hóquei, o voleibol e aí por diante se ninguém agir e só se limitar a esrever ou a falar. Mas passemos a transcrever. Lira-se no «Diário Popular»:

«No Pavilhão de Agronomia, realizou-se ontem à noite, a derradeira jornada do campeonato regional universitário de handebol de sete, a qual englobava o encontro Academia Militar-Medicina, cujo resultado era decisivo para atribuição do título. Lamentavelmente, porém, a partida não chegou a principiar, acabando por ser adiada devido à desordem que das bancadas alastrou ao próprio recinto de jogo, por via dos incidentes surgidos entre as claques de ambas as equipas. Aliás, os jogadores das duas formações comportaram-se de forma a merecerem elogios, não participando nas desagradáveis cenas verificadas e procurando, até, apaziguar os ânimos dos «torcedores» mais exaltados.

Ao fim e ao cabo, o encontro disputar-se-á em data a anunciar, e a porta fechada».

O órgão do Sport Lisboa e Benfica por sua vez informava que tendo-se a sua equipa de basquetebol deslocado a Faro para disputar um encontro para o «Nacional», realizou-o em condições que chegaram a por em perigo a integridade física dos jogadores.

«...João Pires, ao repor uma bola em jogo, foi agredido a soco por um espectador; Armando Simões foi atingido, a caminho do hotel, por uma pedrada e sofreu forte traumatismo craniano; dois enormes pedaços de palmeira foram atirados para o campo e só por felicidade não fizeram vítimas graves; Jorge Silva, que agarrou o agressor de João Pires para o entregar à autoridade policial, sem êxito por falta de energia da guarda encarregado do facto, acabou por ser expulso do terreno, julgamos que por medida preventiva da equipa de arbitragem; e todos, mas todos, foram cuspidos, apedrejados e cheios das mais variadas «flores» (pontas de cigarros, papéis velhos e sujos, trapos, etc.). Uma autêntica parada de «gentilezas».

Como é que tudo isto acabará?

FORÇA DE VONTADE

Não há quaisquer espécie de comentários para uma notícia deste género. Vinha no «Diário de Lisboa», de 16-3-1967:

«Na Faculdade de Letras de Coimbra, concluiu a sua licenciatura em Germânicas o dr. Fausto Manuel Dias de Figueiredo. Trata-se do invisível que há meses, como noticiámos, obteve o 1.º prémio, entre centenas de concorrentes, num concurso organizado pela estação emissora da B. B. C., em Londres, com um trabalho histórico sobre a Inglaterra».

Que grande abraço nos apetece dar ao Fausto Manuel!

SERÁ VERDADE?

Há coisas que francamente custam a acreditar. Esta é uma delas. Somos informados de que no anexo do Liceu de Oeiras os rapazes têm de aguardar, muitas vezes ao frio e à chuva, que o liceu abra às 8 e 40, para poderem entrar no edifício.

Agora estamos na Primavera, os dias vão bons, cheios de sol e os rapazes estão-se nas tintas para que o liceu abra ou não antes das 8 e 40. Querem é correr livremente com o vento a bater-lhes na cara. Mas virá o Inverno novamente e seria convenientemente que no próximo ano lectivo o liceu abra mais cedo para os alunos se poderem abrigar. E convenhamos que não será preciso burocracia para que isso aconteça. Apenas boa vontade e um pouco de humanidade.

Do «Diário de Eva» de 16-3-1967 destacamos estas respostas de um gerente comercial de 60 anos:

«— Que pensa do patriarcado e matriarcado e do novo regime?»

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os

COMBOIOS ELECTRICOS

me, ainda em esboço, das relações entre os dois sexos?

R. — O patriarcado e o matriarcado dependem, em grande parte, das circunstâncias sociais e dos tempos. Com os novos meios de educação, as mulheres têm, por vezes, posição equivalente à do homem para se determinar e até superá-lo. Nessas condições o patriarcado impõe-se. Penso, porém, que na maioria dos casos predomina o patriarcado, com uma tendência de equilíbrio, por causa da parte crescente que a mulher está a tomar na vida social. Certa liberdade dos jovens de hoje favorece as relações entre os dois sexos, e será mesmo útil na medida em que procurem uma ajuda recíproca, num amor construtivo.

— Importar-se-ia ser dirigido profissionalmente por uma mulher? Porquê?

R. — Com certeza que não me importava, desde que a direcção estivesse entregue em mãos competentes. Um grande armazém de Lisboa conheceu durante algum tempo uma tal ou qual desorganização. Uma vez entregue a uma mulher, com espírito organizador, a administração tomou outro rumo e passou-se a uma fase progressiva. Colaborei com uma mulher que levantou uma casa agrícola, que os sócios (masculinos) tinham arruinado.

Há um pouco de sensacionalismo, qualquer coisa de inútil, mas há acima de tudo muito talento. No fundo será esta faceta que mais importa considerar. São «The Beatles». E agora registam mais um grande êxito com «Penny Law» na esteira de «Eleanor Rughy» e dos melhores deste famoso conjunto inglês.

Os jornais vêm de vez em quando — eles também a procura do sensacionalismo — falar de possíveis dissoluções dos elementos do conjunto. Mas logo depois novo e grande êxito surge. Sem dúvida, uma máquina de publicidade bem montada.

«A intervenção dos E. U. A. no Vietnam do Sul levou à península indochinesa toneladas de bombas e o «strip-tease» que entrou nos gostos do sr. Cao Ki e esposa (sentados à mesa).»

«Magnífico instantâneo de uma cena de rua algures em Bulawaio: O homem, músico reputado, pegou no saxofone e sentou-se à porta de casa a tocar; os meninos dominados e arrastados pela música ficaram assim a ver, presos à magia que se liberta daquele estranho instrumento metálico que o homem domina totalmente.»

«Voz Africana», 11-3-67.

PONTOS DE VISTA

«Sou levado a concluir que as pessoas à medida que vão sendo mais civilizadas tendem a despojar-se do vestuário, enquanto os povos primitivos tendem a cobrir-se cada vez mais».

Raymond Loewy — costureiro americano.

A pergunta:

— O que é para si o teatro?
O actor José Viana responde:
— Comunicação. E alegria. O teatro deve ser sempre dirigido ao povo. Um teatro «para alguns» não resolve nada. O teatro tem de ser para todos.

OS TITULOS DA SEMANA

«Por favor deixem-me só! — gritou (numa crise de choro) a mãe de oito gémeos quando lhe anunciaram a morte do último sobrevivente».

«Diário de Lisboa», 12-3-67.

«Sem educação não existem instituições cooperativas autenticamente humanas».

«Republica», 12-3-67.

«O gás e a electricidade deram um lucro (em 1966) de mais de 75 mil contos».

«Diário de Lisboa», 14-3-67.

«Uma fábrica para montagem de aviões de turismo em Benavente».

«Diário da Manhã», 15-3-67.

«Mais de 31 milhões de norte-americanos vivem na miséria — reconhece Johnson».

«Diário de Lisboa», 18-3-67.

«Aprovado um projecto de lei que consagra em Espanha o regime de partido único».

«Diário de Lisboa», 18-3-67.

«Géraldine Chaplin diz que os «flirts» a tornam boa actriz».

«Diário de Lisboa», 18-3-67.

Lemos no «Concelho de Mação» n.º 67 168, uma nota assinada por M. A. C. em que se fala do estado de abandono em que se encontra o Cine-Teatro da Misericórdia.

«As manifestações culturais dos povos tendem a ser exteriorizadas e para isso deverão existir locais próprios e especificamente destinados a tal».

«O Cine-Teatro da Misericórdia, que segundo soa vai ser vendido para mudança de ramol!!! não pode ser aliado do património espiritual do concelho, como se fora coisa sem préstimo, nem valor, sob pena do anátema dessa alienação ficar para sempre a pesar na consciência daqueles que para isso tenham contribuído.»

*

Os jornais diziam que o subsídio à companhia do Teatro Nacional fora ampliado para 1 700 000\$00.

Convenhamos que para se fazer teatro a sério não é muito, mas sempre se pode fazer qualquer coisa. Sem um tostão — maneira de falar, claro — temos nós visto muita gente fazer espectáculo de mais nível e com mais amor e interesse.

do que aqueles que ultimamente o Nacional nos tem oferecido.

Se o caso era falta de dinheiro vamos lá ver agora como as coisas se vão passar!

RECORTES

«ALICANTE (Espanha), 14 — Três jovens australianas, que se encontram actualmente em Alicante, percorrem o Mundo à custa do seu sangue, que vão vendendo à medida que precisam de dinheiro — diz a agência EFE».

«Acrecenta que o prego é de 470 pesetas (225 escudos) por quatrocentos gramas de sangue — (A. N. I.)».

«O Século», 15-3-67.

«Conhecidas as sensacionais peripécias que antecederam este Académica-Benfica, algumas inéditas pelo pitoresco de que se rodearam (estamos a lembrar-nos do bacalhau que se oferecia em troca dos indispensáveis «papelinhos» mágicos — que custavam «fortunas incalculáveis» no «mercado negro...»).

«O Benfica», 16-3-67.

«PARIS, 16 — (F. P.) — Vinte e uma cadeiras partidas, manifestações transbordantes de entusiasmo durante mais de duas horas e um serviço de ordem interno e externo reforçado (que não chegou a intervir) assinalaram, ontem à noite, a apresentação conjunta, no Olympia, do casal Smet, mais conhecido pelos nomes de Sylvie Vartan e Johnny Hallyday».

«Diário de Lisboa», 16-3-67.

«No decorrer da 20.ª Convenção do Cooperativismo Israelita, celebrado em Telavive, foi aprovado um plano pelo qual vão ser criados 28 novos supermercados nos próximos dois anos, especialmente, nas zonas de desenvolvimento habitadas por novos cooperadores.»

«República», 19-3-67.

Nos dias 31 de Março e 1 de Abril no Tivoli apresenta-se em Lisboa o C. I. T. A. C. Representará «O Grande Teatro do Mundo» de Calderon de la Barca, «Auto da Oferta» de autor anónimo castelhano do séc. XVI e «Auto de S. Martinho, de Gil Vicente. Isto no primeiro dia; no segundo apresentará de Federico Garcia Lorca «Assim que passem cinco anos».

COORDENADAS

O drama espiritual do poeta burguês da decadência foi já esgotado, glosado genialmente e em vários tons até à saciedade e está ultrapassado historicamente. E hoje a missão da poesia, como a arte em geral, é a comunhão no desenvolvimento da vida do homem. O poeta de hoje não é mais o poeta isolado, o cantor solitário, mas o poeta que exprime na sua carne e no seu sangue, através da sua voz a carne e sangue dos seus irmãos.

ARMANDO BACELAR

(Continuação da 1.ª página)

que restará para distrair? É complicado o problema. É mais importante do que se julga. Se a televisão pouco ou nada contribui para um desenvolvimento cultural que lhe alivie a paixão! Se o cinema se volta para

temas difíceis e frustrados, que nem sequer estão ao alcance de pessoas com um nível médio de cultura, que lhes restará senão o futebol? Para o livrar desta paixão era necessário criar outros motivos de interesse.

JAQUES SÉRGIO



(Continuação da 1.ª página)

-tempo (com as palavras de Rimbaud) não é mais do que o produto de um engano, ou de um falhanço: *après tout (il est) idiot. merde. merde. merde.*

(A dificuldade do filme é apenas resultante de ser um filme sobre postulados essenciais ao cinema; certos críticos ainda apegados a uma dicotomia forma/contéudo não o podem perceber: daí o equívoco de Julio Acerete & C.ª)

GODARD (filmografia: CM.: Operation Béton; Une Femme Coquette; Tous les Garçons s'appellent Patrick; Charlotte et son Jules; Une Histoire d'Eau (co-re: F. Truffaut). LM: A Bout de ou soufflé (1) Le Petit soldat; Une Femme est une Femme; La Paresse; Vivre sa Vie; Le Nouveau Monde; Les Carabiniers; Le Grand Escroc; Le Mepris; Montparnasse-Levallois; Bande à Part; Une Femme Marie; Alphaville; Pierrot Le Fou; Masculin-Feminin; Deux ou Trois Choses que je sais d'elle; Made in USA; La Chinoise).

(1) Na revista Vértice, no artigo de circunstância sobre Godard, assinado por Julio Acerete, afirma-se que «A bout de soufflé» passou em Portugal sob o título de «Pedido de Divórcio». No entanto, «Pedido de

Divórcio» é um filme de Claude Chabrol cujo título original é «A Double tour». A confusão é justificável (?) para quem não saiba distinguir Chabrol de Godard: Já não o é quando se pretende atacar Godard fazendo o leitor pensar em filmes de outros.

2. «Desapareceu Bunny Lake» (de Otto Preminger. Arg. Jo e Penelope Mortimer; Fot.: Denys Coop; Mus.: Paul Glass; Int.: Carol Linley, Keir Dullea, Laurence Olivier, Noel Coward, Martine Hunt).

«L'oeuvre de Preminger est pure beauté»

Eric Rohmer

«A beleza é difícil. (...) Difícil de se fazer admitir em sociedade, de se tornar reconhecível, perturbadora, actuante.»

Mário Dionísio para a KITTI

É com obras como as de Preminger (tal como com as de Minelli ou Cottafavi) que se torna mais evidente a incapacidade de ver cinema com os olhos do leitor (de palavras): nenhum valor literário ficou na arte depurada deste admirável *personagem*. Se não nos é difícil situar o classicismo de um «Oedipus Rex» ao lado do classicismo de um Valéry ou de um Racine, nenhum leitor se lembraria de filiar o ciclo Preminger num mesmo classicismo, pois apenas iniciados na

linguagem cinematográfica poderão nele encontrar aquilo que o faz o mais clássico de entre os grandes autores de cinema. Os leitores verão nele apenas um comerciante que visualisa best-sellers. Escusado dizer que é assim que ele é visto (ou não-visto) em Portugal.

Quem «exija ou pressuponha ao cinema a narração de uma história, *falha* perante «Bunny Lake»: são várias situações, são várias as personagens que nada trazem ao desenvolvimento da intriga: Miss Ford, Wilson, o reparador de bonecas. Quem ao cinema peça a aplicação de uma ideologia ou a efabulação de uma visão-do-mundo, *falha* perante Preminger: quando a guerra aparece («Primeira Vitória») quando aparecem os dirigentes políticos («Tempestade sobre Washington») quando surge a KKK («O Cardeal»), nunca Preminger *fala sobre*. Ele existe no cinema, nenhum cinema *fala*, nenhuma arte *é sobre*.

«Bunny Lake» é um obsessivo olhar sobre um mundo obcecado: um olhar exaustivo, esgotando-se, reiventando-se, móvel: a sua (de Preminger) famosa recusa aos efeitos de montagem, os seus permanentes movimentos; é a câmara que cria as personagens ou as situações, a história nada faz. É porque existe um grande pla-

no que Steve queima a boneca, o grande plano existe para iniciar o ciclo final da obra; é com a câmara seguindo e depois deixando Ann que nós vamos sendo introduzidos numa ausência que nos obceca, é a câmara que exige o aparecimento de Miss Todd, os ambientes fantásticos da casa de Wilson. É porque a câmara o já fez que Wilson evocará Sade: a câmara é uma presença obsessiva a cada gesto de cada personagem. É o seu registo e a sua urgência.

É pela espantosa, clássica clareza de cada — e sempre única — tomada de vista que uma outra personagem se constrói: personagem cinematográfica que é o próprio filme, cada plano, cada luz, o mais pequeno gesto.

«Bunny Lake» está no pólo oposto do cinema de Fellini ou Macedo: enquanto nestes a câmara só existe porque existe um objecto a ser filmado, na-quele o objecto só existe porque uma câmara está. Não é a gravação de uma história mas a história e a efabulação de um olhar. De certo modo o que Serge Lifar diz da dança: «ce n'est pas la musique que nous dansons mais le rythme intérieur qui est en elle»: a música será o espaço-tempo da câmara, a dança a linha geral da intriga.

O filme esteve uma semana

em exibição. É significativo e desolador.

(Otto Preminger: principais filmes: Laura; Forever Amber; The Fan; Whirlpool; The 13th Letter; The moon is blue; Angel Face; Rio sem regresso; Carmen Jones; O ohmem do braço de ouro; Santa Joana; Bonjour Tristesse; Porgy e Bess; Anatomia de um crime; Exodus; Tempestade sobre Washington; O Cardeal; Primeira Vitória; Desapareceu Bunny Lake.)

3. «Marnie» (de Alfred Hitchcock; Arg.: Jay Presson Allen; Fot.: Robert Burks; Mus.: Bernard Herrmann; Mont.: George Tomasini; Int.: Tippi Hedren, Sean Connery, Diane Baker).

Quando um ciclo se alonga, e cada nova contribuição vem dar um nova orientação aos pontos anteriormente expostos, é preciso, assumindo a direcção que o próprio ciclo vai tomando, retomar, repor nessa orientação os pontos base do ciclo: assim, encontramos «Marnie» na obra de Hitch, o retomar dos temas estético-ideológicos do período Seiznick (de «Rebecca» a «O Caso Paradine»).

Assim, em «Marnie», o confronto — oposição dos sexos, o confronto passado-presente, pecado — graça, culpa — remissão. Temas que uma outra vez se vão concatenar numa metáfora continuamente presente no ciclo Hitch, e por excelência hitchcockiana, o inquérito psicanalítico.

Simplemente, a psicanálise não é em Marnie a terapêutica: psicanálise que se realiza numa alta-burguesia a que Marnie ascende ela não a leva a uma salvação. Tomando como protagonista a heroína de uma promoção da mulher num quadro neo-capitalista. Hitch fecha-lhe as saídas.

O assumir do passado já não salva o herói, como acontecia, p. ex. em «A Casa Encantada». A aprendizagem da culpa não é, por si, a aprendizagem da remissão, como o é, p. ex. para um Balzac de «Splendeurs et Misères des courtisanes» ou para um Bresson de «Pickpocket». Marnie não é salva: a sua remissão é boicotada pelo meio social a que ascendeu: já não há uma memória individual sabotada por elementos detectáveis num inquérito psicanalítico, há a memória dos outros desviada por meios capitalistas.

A ascensão de Marnie produz-se, assim, a dois níveis: a sua culpa não é apenas assumida como reinventada e ritualizada (para Marnie o pecado é uma forma de continuar viva): a sua culpa individual transfere-se a um nível comunitário.

E, sobretudo, Marnie, como Macbeth ou Don Juan, não escolhe a salvação: não é uma mulher salva pelo amor, como já se disse, é uma mulher aprisionada num beco de cenário e numa trovada artificial, uma mulher que um pretensão amor (o amor a dois tomado como panaceia para todos os males, mito ocidental em que a psicanálise freudiana se vem entroncar; o amor dentro do contexto que é a sociedade neo-capitalista) vai destruindo.

Macbeth, ou a queda de Marnie

JORGE SILVA MELO

3 POEMAS de A. Bernardo

O SOL CRESCE

Passam brandas as horas.
Num candeeiro roxo,
sombrias,

gregos

Um eléctrico verde
rápido pela rua.

Passam brandas as horas.

O Sol cresce.



7.º ESTUDO PARA «PROVENCE»

O cigarro que morre
no cinzeiro
tudo o resto
nos copos

Ergue-se o cigarro
luzes imperfeitamente
vermelhas

Nada que ainda não tenhamos
ouvido uma flauta
E no entanto
nunca te disse
as cores da lareira
Uma bateria a quebrar
os nervos
tudo o resto
se resume a uma cerveja.

ANTÓNIO BERNARDO

ALLEGRO

Uma voz de mulher
que amei todas as aulas
desta manhã
um sorriso

ou o contorno ácido duma laranja

A PASSIONATA

O céu é azul e azuis são as aves.
E se aceitarmos a chuva que cai
como se fosse Sol,
apenas um pormenor
nos basta
e amaremos mesmo
a noite.

As cinco da manhã,
todos os bêbados cantam.
E nem deixa de haver silêncio;
talvez no verde-garrafa dos teus olhos

ANTÓNIO DE BRITO E CUNHA

QUATRO PÁGINAS INDEPENDENTES PARA DESTACAR DESTA EDIÇÃO

PAGINA 3

28 - MARÇO - 1967



Duas palavras sobre PEDRO, O LOUCO

(Continuação da 1.ª página)

cunhar de «meramente comerciais». O público comparece sempre e pelos motivos mais extravagantes como, por exemplo, o de já conhecer os actores; o seu jornal mostra-lhe a fotografia do casamento da vedeta, o vestido da noiva. De vez em vez surge um filme que, antes de ser bom ou mau é invulgar. Encontra-se nessas circunstâncias «Pierrot le fou», a décima obra de Jean-Luc Godard, «l'enfant terrible du cinéma français», o autor que, pelos temas que trouxe e traz para a tela e, principalmente, pela linguagem pessoalíssima que usa para os abordar, nos obriga a repensar o cinema.

É o tema de «Pierrot le fou»: Ferdinand é um ser contemplativo que se passeia na Paris neocapitalista dos nossos dias. Consciente de viver numa sociedade de consumo, tenta evadir-se dela seguindo Marianne, exemplo de ser activo. Juntos partem para uma nova existência e Ferdinand torna-se Pierrot. Embrenham-se numa movimentada aventura, fogem para a natureza, redescobrem o amor, negam os preconceitos. Pierrot, numa história acerca da Lua que conta a Marianne, define a sua posição: para lá duma questão de direitos e esquerdas importa-lhe verificar, que nas sociedades de consumo os indivíduos são pressionados a consumirem produtos e até ideias que lhes não interessam, e estão convencidos que os buscam por iniciativa própria. Personagens amorais (Pierrot e Marianne) nas relações entre eles tudo é

permitido, ou quase tudo porque Pierrot não é inteiramente «le fou». Subsistem nele a passividade de Ferdinand que o faz sentir a necessidade de escrever o diário e certos princípios, que o levam a matar Marianne. Constantemente afirma: «Je m'appelle Ferdinand». Pierrot sem Marianne não tem dinamismo suficiente para permanecer na fuga em que se empenhou, seguindo-a, e suicida-se.

Jean-Luc Godard denuncia a sociedade de consumo (lembra-se a cena da festa), condena que se permaneça nela passivamente, pois que o homem é alienado no consumidor, e por isso nos apresenta Ferdinand-Pierrot fugindo. Mas esta fuga não só é aparente, como acaba por o conduzir ao suicídio. Estamos num beco sem saída, duas hipóteses foram-nos postas e ambas nos são negadas; nem coexistência passiva, nem evasão. A situação é desesperante, derrotista.

É sabido que «o espectador da fila N», muito embora não tome o cinema a sério, para ele aquilo são tudo histórias, fica conformado consigo próprio, satisfeito, quando na tela o actor é o homem brilhante e moralista que ele nunca foi e deve admirar, ou é o pequeno vigarista digno de comiseração, ou ainda é o macho forte que dá os murros e recebe os beijos que «o espectador da fila N» nunca deu nem recebeu. Ora os personagens que Jean-Luc nos apresenta nada têm a ver com esses; são indivíduos banais que falam e agem anárquicamente, sendo menos importante o que dizem e fazem do que

o próprio facto de falarem e agirem, como toda a gente. Godard ao criar este tipo de indivíduo, vem convidar-nos a que recusemos os personagens habituais do cinema tradicional, os personagens que uma produção de interesses bem definidos inventou, para serem consumidos pelos n espectadores de n filas N.

Também a aventura de «Pierrot le fou», é um apelo para que passemos a refutar os enredos dos filmes que inundam a maioria das nossas salas de espectáculos e que se podem caracterizar pela abundância de cordelinhos e intenções pouco claras. Assim, a facilidade inacreditável, ridicularizada, que Pierrot e Marianne têm para arranjar fatos, livram-se à polícia, furtarem-se ao pagamento da gasolina, escapam-se aos bandidos, visa comprometer o modo como esses mesmos problemas são habitualmente resolvidos; o facto de os actores olharem o público de frente, fazendo-o sentir-se instigado, consiste num ataque ao tão generalizado conceito do espectador-igual-a-assistente-passivo, na medida em que pretende exigir-lhe (ao espectador) uma consciência de que na tela se passam coisas que têm relação com ele; a aparência de fragilidade que todas as ideias expostas possuem, é a revolta contra o gosto pelos pensamentos elegantemente enunciados, lapidares, estáticos. A par e passo «Pierrot le fou» revela-se pleno de exemplos como os que supra acabamos de indicar. Godard, pelo exagero, pela contradição, pelo ridículo, pela incoerência, critica o cinema «estabelecido» e propõe-nos um outro, em que a «história» em si muito pouco importa; ela é a estrutura em que se inserem assuntos sérios da realidade (ex.: guerra do Viet-Nam), assuntos que ouvidos quotidianamente perdem a sua dimensão de gravidade e que, surgidos num contexto disparatado assumem o seu verdadeiro significado, ao mesmo tempo que nos chocam — não estamos longe da «pop-art». O cinema de Jean-Luc Godard é um produto de documentário e ficção. Com efeito, a unidade de «Pierrot le fou» resulta da junção de documentos verídicos, Fuller (o realizador americano da cena da festa) definindo sétima arte, reclamares, noticiários, etc., com as peripécias duma aventura louca.

Antes de principiarmos a falar da «linguagem cinematográfica» de Godard e para aqueles que julgam o seu filme cheio de erros estéticos, realce-se o cuidado excepcional que ele teve no emprego do colorido. As primeiras imagens de «Pierrot le fou» são as do seu genérico: num fundo negro vão aparecendo letras vermelhas, depois surgem outras azuis. Godard apresenta-nos as duas cores (pois o negro é ausência de cor) que irão dialogar entre si ao longo de praticamente todo o filme. O vermelho é saliente, parece querer furtar-se ao plano do «écran» e avançar na direcção do espectador; ao contrário, o azul é cheio de profundidade, afasta-se para lá da tela. Uma pequena mancha vermelha, o vestido de Marianne, por exemplo, «aproxima-se» tanto de nós que se equilibra com a enorme profusão de azuis do mar e do céu, que constituem o fundo da cena e que sentimos muito distante. O equilíbrio, mesmo que não apreendido

conscientemente, entre as «forças» das cores de cada enquadramento, pode decidir acerca da potencialidade emotiva e comunicativa, da beleza dos ditos enquadramentos.

A «linguagem cinematográfica» de Godard denota bem o inconformismo deste autor com o cinema tradicional. Para abordarmos este assunto comecemos por citar o que escrevemos, quando criticámos «Alphaville»:

«Supunhamos uma cena dum filme em que se veja uma sala de estar e um revólver que o espectador sabe que é para matar sicrano, caído sobre uma poltrona. Ao filmar este assunto, a câmara dará mais atenção ao revólver do que à sala. É compreensível. A câmara salienta ao espectador o que é mais importante, o que é mais significativo, no contexto temático do filme. Ora é isso precisamente que Godard não faz. Ele filma as coisas que o tocam, segundo a importância e significado que elas assumem para si nesse momento, independentemente do enredo do filme.»

«Em «Alphaville» (assim como em «Pierrot le fou») não existe uma identidade, entre o conteúdo temático duma imagem (e se existe é casual) e a sua intensidade, donde intencionalidade comunicativa. A intensidade e intencionalidade duma imagem só estão em relação com as outras imagens, em relação de contraste. É nesta base que todo o filme é construído. Em «Alphaville» (idem para «Pierrot le fou») uma imagem em que um homem mata outro, ou uma, em que um sujeito fuma, têm igual intensidade».

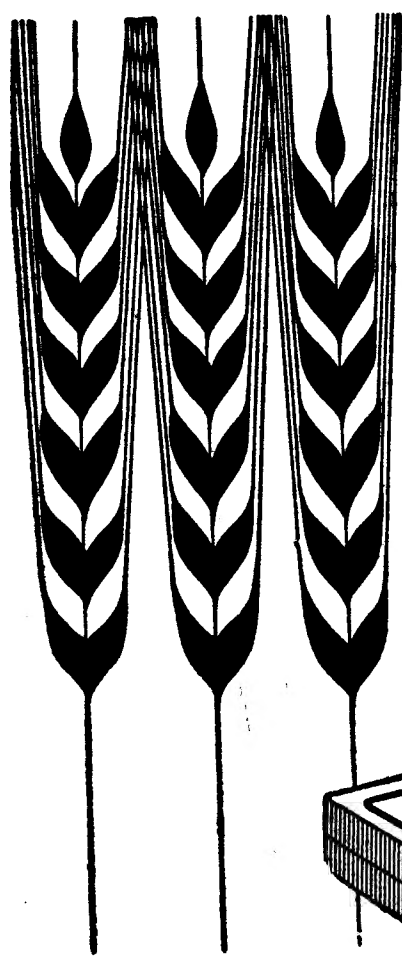
Godard reage contra um cinema universalizado que sente e pensa pelo espectador, ao infringir as regras mais assentes da estética cinematográfica e, paradoxalmente, é ele um dos realizadores que melhor revela a verdadeira essência da arte cinema, ou seja «a estética dinâmica». Explique-se: Num filme, em cada enquadramento há a considerar um tema e uma forma. Os dois possuem intensidades comunicativas cujas potencialidades emotivas diferentes que tomam aqui o nome de «ritmos»; «ritmo interior» o proveniente do tema, «ritmo exterior» o proveniente da forma. O «ritmo interior» é uma consequência do tema em si, da distância a que está (o tema) de nós e do tempo que o temos em presença; o «ritmo exterior» é a consequência do valor plástico da fotografia e da duração do enquadramento. Da conjugação destes dois «ritmos» resulta um terceiro: «o ritmo de enquadramento». Encadeados esteticamente os enquadramentos, os seus «ritmos» vão formar o «ritmo de imagem». Aqui Godard põe em causa o que deve entender-se por «encadear esteticamente». O cinema tradicional operava, na sua forma mais elementar, do seguinte modo: Quanto

maior era a força dramática duma situação, isto é, quanto maior era o seu «ritmo interior», mais se devia intensificá-lo, prejudicando o «ritmo exterior» e assim, a câmara avançaria sempre e sempre, e os «planos» durariam cada vez menos. Desta maneira se atraía o espectador para o conteúdo das imagens. Quando se focava um acontecimento sem interesse, tornava-se necessário evidenciar o «ritmo exterior» para cativar a atenção e a câmara demorava-se na contentação de belos cenários. O «ritmo de imagem» era sempre uma tentativa de aliciar o espectador para qualquer fim que o realizador tinha em vista. Godard vem criar um «ritmo de imagem» que não pretende pegar na mão do espectador e conduzi-lo seja para onde for: aspira apenas manter o público interessado, convidá-lo a que assuma uma posição relativamente ao que vê, sim, mas nunca influenciá-lo. É na medida em que consegue isto que se justifica a afirmação: «Godard é o cinema» (Aragon dixit). E, como o consegue? Ele sabe que um homem assassinado sobre uma cama é um apontamento cheio de magnetismo para a plateia. Se preenchesse com ele o «écran» durante escassos segundos somente, a assistência ficaria excitada. Mas Jean-Luc dá-nos imenso tempo para vermos o assassínio e, entretanto, val-nos relatando outros acontecimentos; o morto perde interesse, esfria, não o perde a cena. O público não se excita e por isso, calmo, pensa mais conscientemente sobre o que vê. Godard conjuga dentro de cada enquadramento o «ritmo interior» e o «exterior», de modo a alcançar um equilíbrio que é o belo. O belo fomenta a atenção do espectador e estabelece a unidade entre os diversos enquadramentos, colocados uns após outros, segundo a lógica da aventura.

«Pierrot le fou» (versus «Un home et une femme» — apologia da historietta, realizada através de técnica e estética clássica, levadas às últimas consequências —) é, não o anticecinema, mas sim o antifilme, ou melhor, a antifita.

SÉRGIO BROGUEIRA
ALVES DE SOUSA

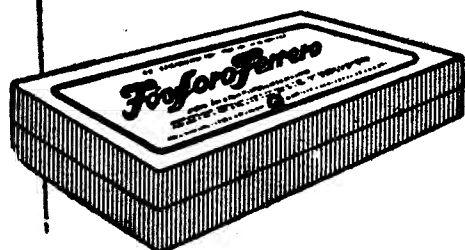
**TODA A
CORRESPONDÊNCIA
DEVE SER
DIRIGIDA
PARA
«DIÁRIO
DE LISBOA
JUVENIL»
RUA LUZ SORIANO
N.º 44 — LISBOA**



**Fósforo orgânico
completamente assimilável**

EXTRAÍDO DA NATUREZA

- * Esgotamento nervoso
- * Fadiga intelectual e física
- * Neurastenia
- * Debilidade orgânica



Fósforo Ferrero

Tónico do sistema nervoso • Estimula o apetite • Activa o metabolismo do fósforo e restabelece o estado geral do organismo • Reconstituente geral de primeira ordem

mesmo que não apreendido

Diário de Lisboa

Juvenil

DOS JOVENS PARA OS JOVENS



PÁGINA 4

28 - MARÇO - 1967

QUATRO PÁGINAS INDEPENDENTES PARA DESTACAR DESTA EDIÇÃO